



SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO CABO

Morfologia e rito - fundamentos para um projecto de recuperação

Paulo Dias | Orientador: Pedro Matos Gameiro | Co-orientadora: Marta Sequeira

Universidade de Évora | Mestrado Integrado em Arquitectura | 2014



SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO CABO
Morfologia e rito - fundamentos para um projecto de recuperação
Paulo Dias | Orientador: Pedro Matos Gameiro | Co-orientadora: Marta Sequeira
Universidade de Évora | Mestrado Integrado em Arquitectura | 2013

VOLUME I



Este trabalho de dissertação não tem por base o novo acordo ortográfico.

Ao Pedro Gameiro e à Marta Sequeira,
pela inquestionável dedicação, pelo entusiasmo e pela ajuda prestada no desenvolvimento deste trabalho.

À Nilce Teixeira,
por toda a ajuda, entusiasmo, carinho, motivação e por tantas vezes me ouvir e apoiar de forma inquestionável.

Aos meus pais, por tudo. Ao meu irmão, pelo apoio. Aos meus amigos, pela ajuda.

Santuário de Nossa Senhora do Cabo
Morfologia e rito - fundamentos para um projecto de recuperação

ÍNDICE

Volume I	página
Resumo	7
Introdução	13
1. <i>Barbarium Promontórium</i>	17
2. O Santuário no promontório do Espichel	29
3. <i>Romeria a Santa Maria do Cabo</i>	41
4. Cronologia Histórica	45
5. Evolução Morfológica	49
6. Recuperação do Santuário de Nossa Senhora do Cabo	81
7. Evolução Morfológica - Síntese	137
Bibliografia	140
Créditos de Imagens	142

Volume II

Anexos	
[SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - <i>Memorias sobre a antiguidade das Romarias...</i>	5
Projectos de Intervenção - Arquivo SIPA	227
Fotografias - Arquivo SIPA	237
Fotografias - Arquivo fotográfico C.M. de Sesimbra	245
Fotografias do autor	249



Fig. 2 Promontório do Cabo Espichel, 2012.

RESUMO

O Santuário de Nossa senhora do Cabo, erguido sobre o planalto do Cabo Espichel, localizado a oeste da Vila de Sesimbra, pouco depois da povoação da Azoia, apresenta-se hoje com uma estrutura muito complexa e, por estranho que pareça, em claro abandono. Mas nem sempre assim foi. Desde sempre, vários foram os devotos que se dirigiam a este local, quer este fosse assinalado por uma complexa estrutura, no século XVIII, ou por uma simples ermida, no século XV. Esta realidade encontra-se retratada num manuscrito de 1854 (cuja autoria aqui se atribui a Francisco Ildefonso dos Santos) pertencente à Biblioteca Nacional de Portugal com a designação de *Memorias sobre a antiguidade das Romarias...* e que, ineditamente, é publicado e transcrito integralmente nesta tese. Este documento revelou-se fundamental para uma compreensão do sítio do Espichel, e descobriram-se inúmeros aspectos até aqui desconhecidos. Com base na descrição deste manuscrito, relatos de época e gravuras, este trabalho de investigação propõe uma hipotética reconstituição da evolução morfológica do santuário ao longo dos tempos, bem como uma possibilidade de intervenção arquitectónica. Assim, este estudo não só contribui para o conhecimento sobre a estrutura arquitectónica do Santuário do Cabo Espichel, como para a enunciação de uma possível metodologia de intervenção em conjuntos deste tipo. Esta intervenção estabelece-se em continuidade com a história do edifício, mantendo o espírito do uso de outros tempos, que está, sem dúvida, intimamente ligado à geografia do lugar, e ao facto de se encontrar no lugar fim de terra que, em tempos, se considerou ser o *Barbarium Promontórium*.

ABSTRACT

The Sanctuary of Nossa Senhora do Cabo, built on top of the plateau of Espichel Cape, located west of Sesimbra town, next to the Azoia village, presents itself nowadays with a highly elaborated structure and, as odd as it seems, clearly abandoned. But it wasn't always like this. Since it has been built, there were a lot of devotees that visited this place, whether as an elaborated structure, in the 18th century, as well as a simple hermitage, in the 15th century. This fact was portrayed in an 1854 manuscript (whose authorship is attributed to Francisco Ildefonso dos Santos) that can be found in the Biblioteca Nacional de Portugal, named *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* which is, unprecedentedly, fully published and transcribed on this thesis. This document has revealed itself essential to a full appreciation of Espichel place, and have been discovered several aspects unknown until now. Based on the description made on the manuscript, reports of that period and illustrations, this research work propounds an hypothetic reproduction of the sanctuary's morphological evolution through time, as well as a possible architectural intervention. Therefore, this study not only contributes to enlighten about the architectural structure of the sanctuary of Espichel cape, as the exposure of a possible intervention methodology on this type of buildings. This intervention establishes itself continuously with the building history, preserving the spirit of its purpose in older times, which is, unquestioningly, deeply connected to the place's geography, and to the fact that finds itself in the place of land end, that once was considered to be the *Barbarium Promontorium*.



Fig. 3 Ermida da Memória, 2012.

O principio, e origem de haver na Igreja de Deos o costume de peregrinar, e fazer romarias por motivos de devoção he cousa muito antiga. Os Historiadores, e Autores Ecclesiasticos estão cheios de provas da antiguidade desta devoção. Desde os primeiros seculos costumáráo os Fieis ir visitar os Logares Santos em que se tinham obrado os pricipaes Mystérios da nossa Santa Religião. (1)

(1) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] in *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...*



Fig. 4 Santuário da Nossa Senhora do Cabo assinalado a encarnado sobre a «Carte chorographique des environs de Lisbonne», Harvard Map Collection, 1821.



Fig. 5 - Promontório do Cabo Espichel, 2012.

INTRODUÇÃO

O objecto de estudo deste trabalho é o Santuário de Nossa Senhora do Cabo, localizado a oeste da Vila de Sesimbra, pouco depois da povoação da Azóia, no limite escarpado do promontório do Cabo Espichel.

Sucedendo, possivelmente, um culto muçulmano ⁽²⁾, este local de hierofânias afirmou-se, ao longo de aproximadamente seis séculos, como um lugar de romagem e intensa devoção cristã.

Os oradores do orago de Nossa Senhora do Cabo ⁽³⁾ edificaram neste local, no século XV, um santuário em sua homenagem - o Santuário da Nossa Senhora do Cabo. Este terá sido um local de grande devoção e dedicação, albergando centenas, se não milhares de pessoas oriundas da grande Lisboa e do seu termo, a que se lhes juntavam outras dos mais distintos locais. Contudo, contrapondo o esplendor de outros tempos, o conjunto edificado no Cabo Espichel apresenta-se hoje, em parte, num estado avançado de ruína e assiste a um abandono progressivo das suas gentes. Em parte, o abandono e o conseqüente declínio devem-se aos círios saloios terem deixado de realizar, a este local, a partir de 1887, as suas romarias⁽⁴⁾. Porém, o ponto alto de decadência deu-se após 1974. Deste ano em diante, os sesimbrenses ocuparam ilegalmente as hospedarias e, servindo-se delas o ano todo, ali se mantiveram cerca de 25 anos ⁽⁵⁾. Hoje, e devido, em parte, a esta ocupação, é visível uma série de anexos em torno do conjunto.

As tentativas de recuperar o esplendor que o conjunto teve noutros tempos têm sido várias. No seguimento das obras que a Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) vinha a desempenhar no santuário desde 1964 surgiu, em 1968, o primeiro projecto de recuperação do santuário, promovido pela mesma entidade com a autoria de Francisco Keil do Amaral, António Pinto de Freitas e Francisco da Silva Dias ⁽⁶⁾. O projecto, no entanto, não teve seguimento. Em 1986, após a Confraria da Nossa Senhora do Cabo aceitar doar ao Estado a ala Norte das Hospedarias, foi criado um grupo de trabalho (arquitectos Ana Rosa Freitas e José Fernando Canas) para dar continuidade ao projecto inicial ⁽⁷⁾. Em 1995 foi publicado, em decreto-lei ⁽⁸⁾, a notícia de que o Estado tomava posse administrativa do santuário, aceitando deste modo a doação da ala Norte das hospedarias, destinando o seu uso a uma pousada. A Direcção Geral dos Edifícios e Monumento Nacionais comprometia-se a recuperar todo o conjunto e, depois de terminada a intervenção, a ala Sul das hospedarias seria devolvida à Confraria ⁽⁹⁾. Nesse mesmo ano, o arquitecto Victor Mestre foi incumbido da reestruturação do projecto anterior, para a reabilitação do Santuário e a sua transformação em *Pousada do Cabo Espichel*. A Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, a Câmara Municipal de Sesimbra, a Direcção-Geral do Património e a Empresa Nacional de Turismo (Enatur) realizaram, devido à complexidade do projecto em causa, um protocolo, que nunca chegou a ser assinado ⁽¹⁰⁾. Apesar disso, a DGEMN iniciou no local, a partir de 1997, obras de recuperação da Igreja. Paralelamente, as hospedarias, que ainda permaneciam ilegalmente ocupadas, foram alvo de acções de despejo. Contudo, em 2003, o Estado vendeu a Enatur-Pousadas de Portugal, afastando a possibilidade do projecto de recuperação e adaptação a pousada ser concretizado.

(2) Ver p. 50 deste trabalho.

(3) Círios saloios e, por vezes, financiando as obras, a Família Real Portuguesa.

(4) PATO, Heltor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim* . Lisboa: Argusnauta, 2008, p. 311.

(5) Tal situação já não se verifica actualmente. Em 1996 as janelas e portas das hospedarias começaram a ser emparelhadas, evitando a ocupação indevida.

(6) Ver projecto em Anexo, p. 227.

(7) Ver projecto em Anexo, p. 231.

(8) Decreto-lei nº 40/95, de 18 de Novembro 1995.

(9) As obras de recuperação do conjunto deveriam estar concluídas em 1997.

(10) PATO, Heltor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim* - cit. 4, p. 306.



Fig. 6 Santuário da Nossa Senhora do Cabo, 2010.

Com a realização deste trabalho, pretende-se a recuperação integral do Santuário da Nossa Senhora do Cabo, tendo como base um processo de reconhecimento do seu carácter e da sua vocação primordial. Neste processo, pretende-se que a nova intervenção tenha a capacidade de respeitar e manter o espírito do uso do edifício, bem como proporcionar ao novo utilizador a possibilidade de habitar este santuário, construído num local tão inhóspito. Para tal, foi realizado um trabalho de investigação sobre o santuário tendo como principal objectivo reconhecer a evolução que o edifício sofreu ao longo dos tempos.

As investigações realizadas até ao momento debruçam-se essencialmente sobre a documentação escrita existente. Dos estudos realizados até então, destaca-se *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*, publicado por Heitor Baptista Pato em 2008 ⁽¹¹⁾, que, através da análise dos documentos escritos existentes, descreve a origem do culto neste local, as suas lendas, as suas tradições, a antiga configuração do santuário, os projectos elaborados que pretendiam a sua recuperação e sensibiliza para o estado de abandono que o conjunto apresenta.

Este trabalho, de modo a contribuir para o conhecimento sobre este conjunto, parte de uma análise cuidada não só dos elementos escritos, como também dos elementos desenhados existentes - constantes no arquivo do SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico), nas obras *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel* ⁽¹²⁾ da Fundação Calouste Gulbenkian, *Arquitectura: O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel* ⁽¹³⁾ de António Freitas e *Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna: uma visão social* ⁽¹⁴⁾ de Gustavo Portocarrero, e nos painéis de azulejos presentes no interior da Ermida de Memória. Por outro lado, entre a documentação escrita recolhida encontra-se um manuscrito redigido em 1854 com a designação de *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* ⁽¹⁵⁾ cuja autoria aqui se atribui a Francisco Ildefonso dos Santos ⁽¹⁶⁾. Este manuscrito considera-se ser um elemento essencial para um correcto entendimento do Santuário da Nossa Senhora do Cabo que nunca antes foi publicado e que nesta investigação se encontra integralmente analisado e transcrito (ver em anexo, p. 5). Este documento inédito revelou-se fundamental para uma análise e compreensão mais consciente da evolução morfológica do santuário e permitiu a descoberta de inúmeros aspectos até aqui desconhecidos.

Em resultado da informação recolhida, tornou-se possível realizar o que se encontra em falta nas investigações levadas a cabo até hoje: um estudo gráfico centrado na evolução morfológica a que o Santuário foi sujeito, bem como a definição do programa original dos espaços do edifício. Este trabalho poderá servir, no futuro, como base para estudos arqueológicos que permitam comprovar as hipóteses aqui levantadas.

Em paralelo com as descobertas decorrentes da investigação, e como sua consequência, foi realizado o projecto de arquitectura de recuperação do Santuário. A metodologia utilizada para a elaboração deste projecto poderá servir como modelo para futuras intervenções em estruturas semelhantes à deste santuário e contribuir para a recuperação do património edificado.

(11) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. cit. 4. Heitor Baptista Pato é um investigador que em muito tem contribuído para a valorização do Santuário da Nossa Senhora do Cabo no Espichel.

(12) GULBENKIAN, Fundação Calouste - *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel*. Lisboa: 1964.

(13) FREITAS, António - *Arquitectura: O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel*. nº 70; Lisboa: Março 1961.

(14) PORTOCARRERO, Gustavo - *Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna: uma visão social*. Lisboa: Colibri, 2003.

(15) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Manuscrito PBA. 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscritos. Coleção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889 (cópia de 1854).

(16) Actualmente o manuscrito é descrito como um documento anónimo. Mas, no estudo introdutório, da autoria de Jorge Miranda, ao terceiro volume *Memorial histórico ou colecção de memórias sobre Oeiras: desde o seu princípio, como lugar e Cabeça de Jugado...*, editado pela Câmara Municipal de Oeiras em 2000, são referidos vários textos anónimos, mas possivelmente atribuíveis ao historiador local Francisco Ildefonso dos Santos, nomeadamente os que se debruçam sobre os céus de Nossa Senhora do Cabo e da Atalaia. Esta obra encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal com a cota C. G. 13378V. Com base nestes indícios, é possível que a autoria do manuscrito seja Francisco Ildefonso dos Santos, que o terá redigido entre 1854 e 1857 - último ano descrito no manuscrito.



1 - Capela da Boa Nova, Leça da Palmeira, séc. XVIII.



2 - Capela do Senhor da Pedra, Miramar, séc. XVII.



3 - Ermida da Memória, Nazaré, 1182.



4 - Cabo Carvoeiro, sem data.



5 - Capela de São Sebastião, Ericeira, séc. XVIII.



6 - Nossa Senhora do Cabo, Cabo Espichel, séc. XV.



7 - Capela Bom Jesus da Arrábida, Arrábida, séc. XVII.



8 - Capela de Nossa Senhora do Mar, Zimbrujera do Mar, sem data.



9 - Capela de S. Catarina, Fortaleza de Beliche, Sagres, [séc. XVI].



10 - Igreja de Nossa Senhora da Graça, Fortaleza de Sagres, séc. XVI.



11 - Capela e Forte de Nossa Senhora da Rocha, Póvoa, [séc. VIII - XII].



Fig. 7. Exemplos de espaços de culto ao longo da costa Portuguesa.

1. BARBARIUM PROMONTÓRIUM

Então, lá onde declina a luz sideral, emerge altaneiro o cabo Cinético [Cyneticum iugum], ponto extremo da rica Europa, e entra pelas águas salgadas do Oceano povoado de monstros [...] Segue-se um promontório, que assusta pelos seus rochedos, também ele consagrado a Saturno [Saturni promunturium]. Ferve o mar encrespado e o litoral rochoso prolonga-se intensamente (17).

Avieno no séc. IV, «Orla Marítima»

Os acidentes geográficos e geológicos foram, desde a mais remota antiguidade, associados à presença de forças que transcendem o poder da Humanidade. Em homenagem aos seres divinos, aí se ergueram santuários, reverenciando-lhes o seu poder, agradecendo-lhes os seus favores e acalmando-lhes a sua ira.

Heitor Baptista Pato, em O Culto dos Promontórios em Portugal , sublinha:

«O culto destes locais numinosos ter-se-á iniciado em longínquas épocas pré-históricas com a qualificação dos primeiros espaços sagrados ou a erecção dos primeiros santuários. No mundo ocidental, e com a romanização, assistir-se-á não raras vezes à assimilação ou identificação desses antigos cultos a divindades romanas, num processo de interpretatio que os gregos já haviam aplicado e que os cristãos irão prosseguir e ampliar, reocupando e reconvertendo os velhos santuários pagãos, ou adaptando antiquíssimos ritos, para os atribuir à nova fé .» (18)

Em Portugal, rios como o Douro, o Côa, o Guadiana e o Tejo, que correm por entre vigorosas serras deixando para trás enormes desfiladeiros devido à força das suas águas, construíram desde cedo locais preferenciais de culto (são disso testemunho as pequenas capelas e santuários que se ergueram ao longo das suas margens, tendo muitos desaparecido devido às intempéries). Ao longo de toda a costa marítima, e à semelhança do que acontece nas margens ribeirinhas, esta veneração dos promontórios «que dominam as arribas escavadas, aprofando o mar do desconhecido e sobre ele avançando em cunha como pontas inexpugnáveis» (19) foi igualmente praticada e até de modo mais intenso, devido à sua condição geográfica extremada. Estas terras do fim têm constituído, desde sempre, locais de hierofanias apropriados pelas mais diversas religiões. O cristianismo fez com que muitos destes locais de finisterra, ao longo de toda a costa portuguesa, e em especial os cabos, fossem dedicados ao culto cristão.

A esta prestação de culto em locais de finisterra, associou-se a mitologia oceânica. Várias foram as construções erguidas nesses locais. Por vezes, consistiam em simples cruzeiros. Noutros casos, em pequenas capelas. E em casos excepcionais, e devido à grande expressão do culto prestado nesses lugares, foram erguidos templos de maior dimensão. Estas construções contribuíram largamente para uma espécie de prolongamento do território, funcionando como lugares de peregrinação.

(17) Descrição de Avieno sobre o território dos Cinetes (tribo que ocupou parte da Península Ibérica no séc. X a.C.). Avieno, assim como Estrabão, descreve erradamente o Cabo de São Vicente (Cyneticum iugum) como sendo o ponto mais ocidental da Europa. Descreve também o cabo de Sagres como Saturni promunturium. Avieno, Rufo Festo - Orla marítima, 2ª ed. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992, pp. 22 e 47.

(18) PATO, Heitor Baptista - O Culto dos Promontórios em Portugal. Celtibebia.net, 2007, disponível em: <<http://celtiberia.net/articulo.asp?id=2938>>. Acesso em 28 de Dezembro de 2012.

(19) PATO, Heitor Baptista - Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim . cit. 4, p. 21.



Fig. 8 "Barbarium Promontorium" - Cabo Espichel, 2012.

No extremo poente da cadeia arrábica, onde a terra escarpada se funde com as bravias águas do Atlântico, surge então, num dos pontos mais elevados da costa portuguesa, o local que Ptolomeu designou, no séc. II, de *Barbarium Promontórium* (20) - o Cabo Espichel.

De características múltiplas e contraditórias, esta «falésia do abismo» assume-se hostil à habitabilidade e propicia ao estímulo da mitologia. A luminosidade, o solo áspero, a escassez de vegetação, o clima duro, as enormes falésias e a extensão de horizontes fazem deste local um testemunho em que a Natureza se mostra imaculada na sua majestosa beleza, mas também rude e aterradora.

Aqui, como em todos os *finis de terra*, onde o desconhecido, o mistério e o medo se misturam, originaram-se histórias e lendas (21). Crenças e mitos foram passando de geração em geração. Foi esta demanda, esta aproximação ao sagrado que, ao longo de séculos, atraiu gentes oriundas de ambas as margens do rio Tejo ao sítio do Espichel.

A este local foram-lhe atribuídos vários nomes. Terá sido apelidado de «Cabo da Santa Esperança», pelas pessoas que a este lugar se predispunham a ir em romaria na «esperança de achar remédio às suas enfermidades: fim de todos os males, e princípio de todos os bens» (22).

Neste lugar despovoado - onde a vegetação é rasa e escassa, o ar é frio, húmido e salino, o habitar é difícil - a pequena povoação da Azóia ganha destaque emergindo no monótono planalto, percebendo-se de imediato o porquê da afirmação datada de 1366, «jazem em huu dos cabos do mundo e fora de todo o caminho» (23), realçando a dificuldade e o isolamento imposto a quem nestas terras se pretenda estabelecer.

(20) O Cabo Espichel é também ele referido como Cabo Cêmpico. Este topónimo deriva de Cempsos. Os Cempsos eram tribos indo-europeias sediadas, desde o séc. VI, ao longo do Alto Alentejo e da Estremadura espanhola e estendendo-se talvez, como refere o topónimo, até à costa ocidental. AVIENO, *Rúfio Festo - Orta Marítima*. cit. 17, pp. 22 e 47.

(21) Ver lendas em anexo, p. 19.

(22) PEDROSA, Fernando Gomes - *A origem dos topónimos "Espichel" e "Sesimbra"*. Nautical-archaeology.com; Projecto Tratados, Nomenclaturas Náuticas e Construções Navais Europeias -Centro de Investigação e Desenvolvimento do Mar da UAL. 2011. Disponível em <http://nautical-archaeology.com>, acesso em 28 de Dezembro de 2012. O estudo de Fernando Pedrosa sugere uma outra possibilidade para a origem do topónimo Espichel: coloca a hipótese de, influência francesa, poder advir de Cabo de São Miguel (Cabo de Saint Michel).

(23) Cit. in PATO, Hektor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim* - Cit. 4, p. 15.



Fig. 9. Mapa "Ancient Spain & Portugal, Hispania or Iberia" de 1838 em que o Cabo Espichel é o sítio de Barbarium Promontorium.

Ortofotomapa - costa central de Portugal

Lisboa

Cabo Espichel

Ortofotomapa - Cabo Espichel

Praia dos Lagosteiros

Santuário de Nossa Senhora do Cabo

Faro do Cabo Espichel



Fig. 12 Cabo Espichel, 2009.

O extenso promontório encontra-se a, aproximadamente, 130 metros de altitude. Fustigado pelos fortes ventos que sopram exorbitados desde o Atlântico, a sua superfície apresenta-se hoje aplanada. Em oposição a este planalto, regular e horizontal, o cabo é composto por enormes arribas que, incansavelmente açotadas pela força das suas ondas, se prolongam vertiginosamente oceano adentro. No sopé da arriba, e ao longo de toda a sua extensão, surgem, formadas pela abrasão marítima, praias cavadas (como é exemplo a praia dos Lagosteiros, a norte do promontório onde assenta o Santuário), assim como inúmeras reentrâncias e grutas que, por vezes, chegam a atingir quilómetros de extensão.

Embora o promontório se localize no limite montanhoso da Serra da Arrábida, toda a região é praticamente plana até aos seus extremos, descendo numa condição suave para norte, ou repentinamente nas falésias do Cabo. No seu topo, os horizontes prolongam-se, permitindo vislumbrar de forma clara o grande areal da Caparica e até mesmo, em dias de menor nebulosidade, a longínqua Serra de Sintra.

Ainda antes de nos aproximarmos da costa, o isolamento, que facilmente é atribuído a estes locais de fim de terra, vai-se fazendo sentir. Após deixarmos as povoações próximas do Cabo, a primeira sensação é a da repentina abertura de horizontes. O mundo conhecido, limitado por barreiras visuais construídas pela Natureza ou pela mão do Homem, é deixado para trás. Entramos numa paisagem marcada pela escassa vegetação e ocupação humana. Aqui, o ar salino torna-se mais húmido, o silêncio aumenta. Apenas se ouve o som do vento que sopra, agora sem qualquer impedimento à sua passagem.

O percurso, pautado por leves depressões, é quase todo plano. E, pela primeira vez e ao longe, ao ultrapassar um dos suaves outeiros é avistado, no horizonte, o Oceano Atlântico. Do lado direito surge uma pequena elevação que bloqueia novamente a visão sobre o oceano. Quando a elevação é deixada para trás, percebemos que nos encontramos já muito próximo do mar.

A vegetação, o vento e a presença das colinas não se alteram antes da entrada no cabo, o próprio som do mar não se faz sentir antes deste momento. Ao entrarmos no limite do cabo percebemos imediatamente que nos encontramos num local de finisterra.

Aqui, os limites entre o chão e o abismo estão claramente definidos. O som fustigante do mar e do vento aumentam gradualmente de intensidade, mas embora todas estas características sejam indícios do limite de terra, é quando nos aproximamos das grandes falésias que a Natureza se revela agreste e assustadora, mas a vontade de nos deslocarmos para o seu limite e de alcançar este ponto é inerente a todo o ser humano. O próprio cabo demonstra essa mesma vontade. Através da sua configuração recortada, irrompe oceano adentro, como que indicando uma direcção. A sua projecção na arriba leva-nos a percorrer o lugar de igual modo. O nosso olhar e movimento tornam-se perpendiculares à linha de costa levando-nos rumo ao sol poente, a o mar. Terá sido talvez esta, a vontade de quem, em tempos, decidiu demonstrar a sua devoção no Cabo Espichel, iniciando o culto neste lugar fora de todos os outros.



Fig. 13 Santuário de Nossa Senhora do Cabo, década de 60.



Fig. 14 Hospedarias, década de 60.



Fig. 15 Arraial, década de 60.

2. O SANTUÁRIO NO PROMONTÓRIO DO ESPICHEL

A quem decide encaminhar-se e acolher-se neste Santuário, construído pela vontade dos romeiros de adorar Santa Maria, passando a povoação da Azoia e percorrendo a estrada sinuosa que lhe faz acesso, observa-se uma paisagem desabitada, pontuada por construções clandestinas e paradas no tempo. Para além destas, e como marco da ocupação humana, interrompendo o horizonte, avista-se o aqueduto que, por vezes enterrado, outras rasteiro, nos encaminha em direcção ao promontório. Ao longe, pousado sobre o imenso planalto, avista-se o Santuário da Nossa Senhora do Cabo que, à semelhança dos templos gregos, se coloca de forma estratégica e indicadora de respeito mútuo entre Homem e Natureza.

De planta ortogonal, em forma de U, com orientação este-oeste, e aberto à terra e não ao mar, o conjunto expressa uma clara renúncia a todo o simbolismo que o oposto lhe atribuiria. Através da colocação da igreja (a oeste) e da criação de duas alas paralelas de hospedarias (a norte e a sul), cria-se no seu seio uma atmosfera protectora dos fortes ventos que sopram ao longo de toda a costa. Todo o conjunto transparece uma sensação de conforto oferecida pela escala humana.

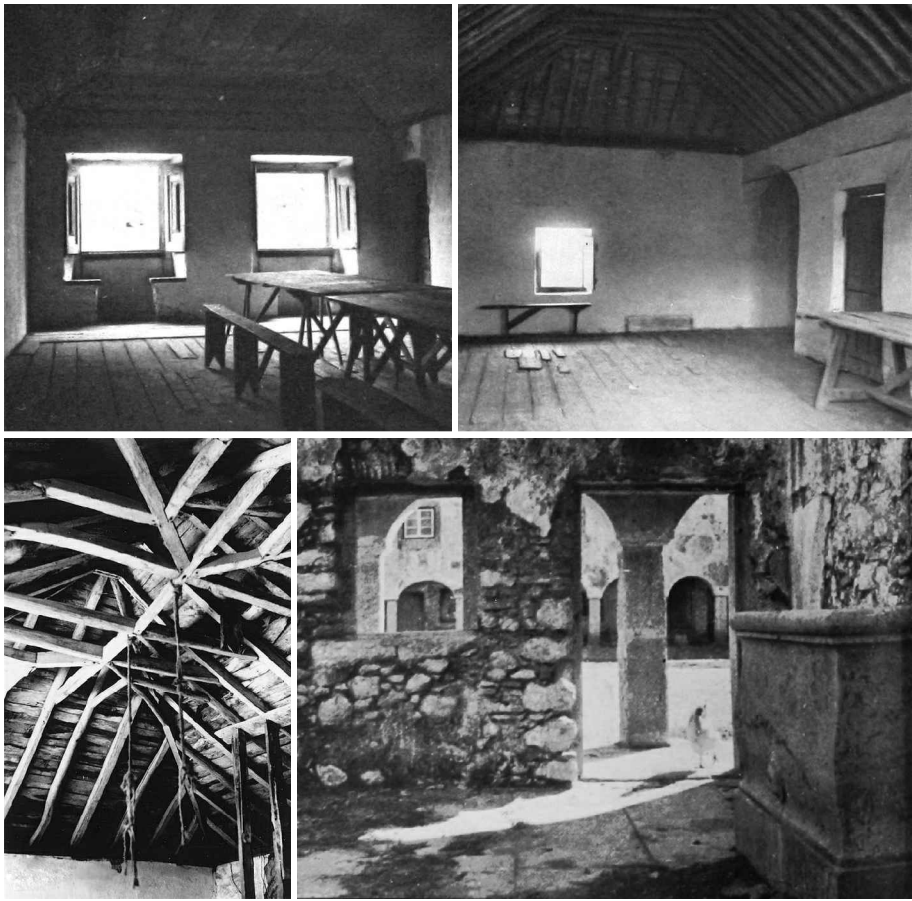
As duas alas de hospedarias, paralelas entre si, encontram-se construídas em dois níveis - primeiro com uma arcaria -, possibilitando o acesso abrigado até ao templo, assim como um reforço axial ao conjunto. Estas duas alas, criadas ao longo do séc. XVIII, pontuadas pela igreja a poente, formam ao centro um grande terreiro - o arraial. Heitor Pato afirma que este terreiro poderá ser considerado como a primeira praça absolutista de Portugal (24). O investigador descreve igualmente que a esplanada criada no Cabo Espichel se assume como «um lugar público em que a arquitectura, obedecendo a um programa urbanístico rigorosamente planeado, serve antes do mais de enquadramento para um palco cénico no qual o povo observa, admira, inveja e acata as representações áulicas do poder régio e/ou religioso; já não uma ágora em que o povo livremente se manifesta na sua natural exuberância, mas o fórum racionalizado que tenta ordenar a natural desordem da espontaneidade» (25). Os arquitectos Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas e Francisco da Silva Dias, co-autores de *Arquitectura Popular em Portugal*, afirmam que a «sequência do desenho dos arcos marcados pelo escuro do paramento recolhido, aliam-se numa escala que se adivinha colectiva, mas não exclui a presença do indivíduo e fazem do largo um dos mais belos conjuntos da região, só com paralelo, já duma concepção erudita, no Terreiro do Paço, em Lisboa» (26).

Neste grandioso espaço comunitário realizavam-se as mais diversas actividades - quais procissões, missas, feiras, jogos tradicionais, cavalladas, e até mesmo touradas. Era no arraial que chegava a berlinda da Senhora, vinda de Lisboa, contendo no seu interior a imagem de Maria. Actualmente, ainda se realizam missas campais e procissões neste local.

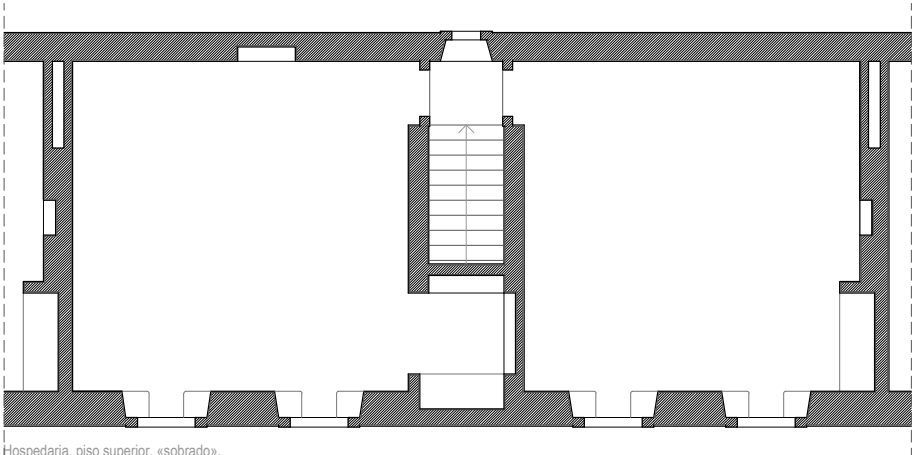
(24) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do lém* - Cit. 4, p. 264.

(25) Idem., p. 264.

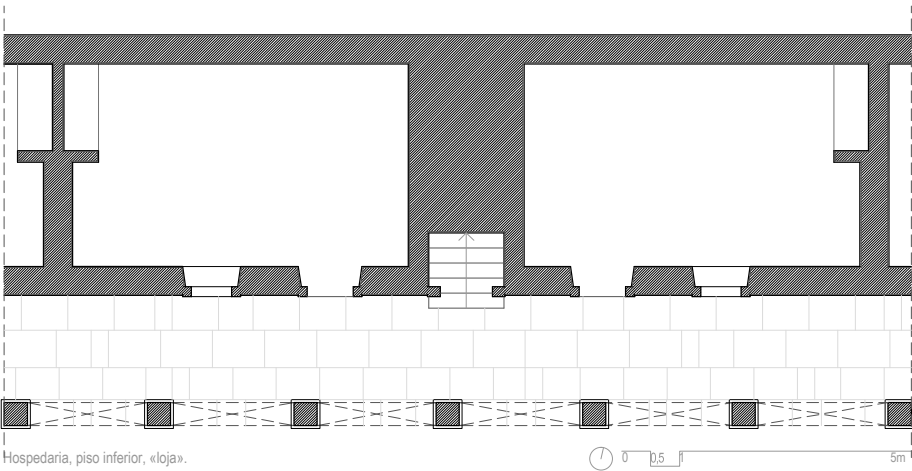
(26) ORDEM DOS ARQUITECTOS - *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004, p. 157.



Figs. 16, 17, 18 e 19 Interior das Hospedarias, década de 60.



Hospedaria, piso superior, «sobreloja».



Hospedaria, piso inferior, «eloja».

Além de criarem um espaço central comunitário, os dois corpos de hospedarias orientam oromeiro para um ponto focal, a igreja. O templo torna-se uma peça central, coroando a grandiosa praça pública. Em comparação com outros santuários que, por se encontrarem em locais elevados e de topografia irregular, são antecidos por escadarias que rematam num ponto mais alto - a igreja -, no Espichel tudo é plano. Oromeiro «dirige-se então em frente e não para cima, e a altura desse olhar é traçada precisamente pelo ponto de fuga da longa sucessão das arcadas térreas que enquadram e realçam o templo, antecedendo-o quase a jeito de gallé» (27).

As hospedarias (28), construídas através do emparelhamento de pedra irregular e de pequena dimensão, são formadas por módulos de planta rectangular que se repetem, sucessivamente, lado a lado. Cada módulo divide-se em dois pisos: o piso térreo - as lojas - e o piso superior - os sobrelojas. As lojas encontram-se recuadas em relação à arcaria, permitindo o acesso abrigado ao seu interior. Apesar de conterem menor área que os sobrelojas, dispõem igualmente de uma cozinha rudimentar «com duas fomalhas, uma grande mesa, dois bancos corridos e um cabide» (29). Sendo modesto, o equipamento destas habitações, tudo o que se julgava necessário à permanência dosromeiros durante as festividades (que duravam em geral, quatro a cinco dias), era transportado em carroças, mulas ou, nalguns casos e em dias de boa maré, em pequenas embarcações que ancoravam junto da praia dos Lagosteiros, sobranceada pela Ermida de Memória. Para aceder aos sobrelojas era necessário subir uma escada comum a cada dois módulos, iluminada pela luz difusa vinda da arcaria e por uma pequena janela no seu topo. Este esquema modular é respeitado ao longo de quase toda a construção, apenas com a excepção das primeiras e últimas quatro hospedarias da ala Norte, que apresentam dimensões maiores e uma organização mais complexa. Ao contrário do que hoje existe no Santuário, julga-se que a cobertura das hospedarias, em vez de única e de duas águas - à semelhança do que acontece no início da ala norte e próximo da igreja - tenha sido múltipla (uma para cada módulo) e de quatro águas (30). Este método construtivo permitia facilmente a edificação de novas hospedarias em continuidade com a estrutura existente.

Todas as características destas construções - o pavimento das lojas em pedra ou terra, os sobrelojas com pavimentos de tábua corrida, as proporções dos espaços e coberturas, as chaminés paralelas ou perpendiculares à fachada e mesmo o facto de se erguerem em dois pisos - demonstram, de forma clara, o respeito pelo emprego das técnicas de construção da região saloia. Conforme é descrito pelos autores de *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel*:

«Não existem, neste país, muitos conjuntos arquitectónicos tão acentuadamente de cá, em que a marca de uma região se imponha com aquela sóbria e sábia evidência. Há em Portugal, é claro, edificações de outro vulto, de outra riqueza, de outra erudição estilística. Mas não são tão nossas, tão enraizadas nas realidades físicas e espirituais inerentes a uma região, à gente que nela vive e que no seu contacto diário se afeiçoou, dando-lhe feição» (31).

(27) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Cit. 4, p. 265.

(28) Escrito há quase quarenta anos, o livro *Architecture without architects* de Bernard Rudofsky demonstra de forma clara a adaptação do homem às condições que o rodeiam, e a capacidade que o homem sempre teve para superar e se adaptar a essas mesmas condições. Este livro revela uma arquitectura produzida sem a intervenção de arquitectos, uma arquitectura feita pelo homem comum, respondendo às necessidades de uma comunidade. Este tipo de construção tem sido muitas das vezes descartada e caracterizada como acidental, mas cada vez mais reconhecemos nela uma grande capacidade e inteligência humanas para responder às necessidades impostas. Alguns dos exemplos presentes neste livro remontam a dezenas de séculos atrás e demonstram que o conhecimento prático dos seus construtores ignorantes são fontes inexploradas que podem servir de exemplo ao homem industrial que vive em cidades caóticas. Entre os inúmeros exemplos dados por Rudofsky, encontramos as hospedarias do Santuário da Nossa Senhora do Cabo, apresentadas como um exemplo claro e intencional de uma resposta dada pelo homem perante uma necessidade eminente. RUDOFISKY, Bernard - *Architecture without architects*. New York: Museum of Modern Art, 1964.

(29) GULBENKIAN, Fundação Calouste - *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964, p. 35.

(30) Os telhados eram assentes num forro de madeira, sustentado por uma asna.

(31) GULBENKIAN, Fundação Calouste. Op. cit., p. 6.



Fig. 20 Casa da Água, década de 60.



Fig. 21 Vista do interior do Arraial com Casa da Água ao centro, 1958.



Fig. 22 Complexo da Casa da Água, 2012.



Fig. 23 Ilustração do interior da Casa da Água, 1880.



Fig. 24 Tanque das duas bocas, 2012.

Adoçado à ala Norte das hospedarias e acedida por uma passagem em túnel - que liga o interior do arraial com o exterior a norte - encontra-se o espaço que em tempos terá sido designado de Casa da Ópera. Actualmente, e como testemunho da sua existência, restam apenas as suas paredes, tendo recebido, talvez pela última vez, no início do séc. XX, a realização de representações teatrais (32).

Coroando todo o conjunto a nascente, no prolongamento do eixo da igreja e do cruzeiro, e limitando visualmente o arraial, emerge sobre uma acentuada depressão do terreno uma pequena construção de projecção palaciana - a Casa da Água. A Casa da Água, antecidida por uma escadaria de cinco lanços, é fortemente envolvida numa estrutura murada que é interrompida a norte por dois pequenos vãos, proporcionando uma visão panorâmica sobre o mar. Esta aprimorada construção, de planta hexagonal e cobertura em cúpula, é rematada por um lantermim de seis janelas (actualmente bastante danificado, assim como todo o edifício). No seu interior, bancos correm ao longo das paredes, em tempos revestidas por silhares de azulejos, da Fábrica de Belém, representando cenas de caça e alusivas aos círios. Também no seu interior, embora danificada, encontra-se uma fonte rocaille, inspirada certamente na obra de Bernini. Com a conjugação de todos estes elementos - uma luz zenital e difusa que reflectia sobre o conjunto azulejar, bancos proporcionando zonas de descanso e fruição, a constante passagem de água e um ambiente de frescura e repouso - viria esta obra arquitectónica a constituir uma das «casas de fresco tão tradicionais na arquitectura palaciana e conventual dos séculos XVI e XVII» (33).

Embora a água já não chegue à Casa da Água desde 1970 (34), foi em tempos movida através do aqueduto, repartida pela fonte que existe no seu interior e por um sistema de encanamento que a conduzia para a horta e para os sucessivos tanques, interiores e exteriores. Este sistema possibilitava a irrigação dos terrenos da horta e, de igual modo, o fornecimento de água potável aos romeiros que principiavam a entrada no Santuário.

Construída numa depressão, a horta é constituída por três plataformas que proporcionam áreas distintas de produtividade. A plataforma mais elevada encontra-se orientada a poente e protegida a nascente por um muro. Não se encontrando totalmente protegida dos ventos, com uma insolação constante ao longo de todo o dia e com um terreno seco devido à difícil irrigação. A segunda plataforma encontra-se numa posição intermédia, orientada a norte e protegida dos ventos. Aqui, a insolação é constante em metade do dia e o terreno é de fácil irrigação. Por último, a terceira plataforma, a mais central de todo o conjunto e a de cota inferior, é totalmente protegida dos ventos, o terreno é húmido e de fácil irrigação.

(32) O jornal *Diário de Notícias* de 27 de Setembro de 1905, e o mesmo jornal passados vinte anos, dá a conhecer as actuações por parte de «um grupo de rapazes» neste velho teatro.

(33) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Cit. 4, p. 272.

(34) Idem., p. 272.

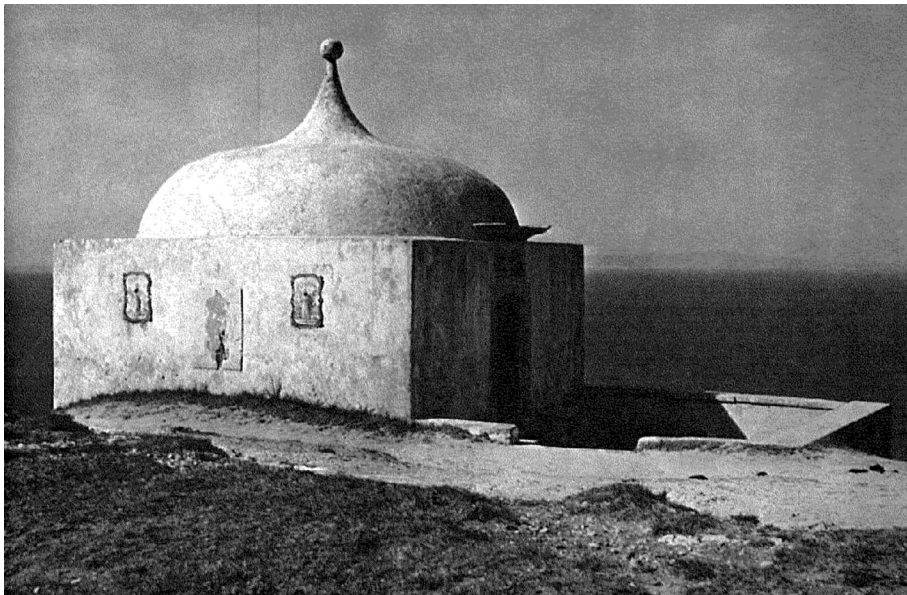


Fig. 32 Ermita da Memória, década de 60.



Fig. 33 Ermita da Memória, 2012.

A noroeste do conjunto, no limite escarpado do promontório, e fora de toda a ortogonalidade que o edifício emprega, situa-se a Ermita da Memória. Segundo a lenda, terá sido neste mesmo local que foi encontrada uma imagem milagrosa, originando a edificação da actual ermita. No seu adro é-nos possível vislumbrar todo o horizonte, assim como, no sopé da arriba, a praia dos Lagosteiros e a própria escarpa que a sucede em tons de ocre iluminado pela luz directa do sol.

A oeste da pequena ermita, no limite poente do promontório, subsiste um pequeno muro e um pavimento lajeado. Estes vestígios são o que hoje resta da fortificação que neste ponto existiu - o Forte da Nossa Senhora do Cabo.

O Santuário que, ao longo de séculos, manteve uma forte vivência e em nome do qual todas as obras necessárias ao seu bom funcionamento eram realizadas, apresenta-se hoje em claro abandono. Os romeiros, que em tempos se deslocavam a este local para louvar a Nossa Senhora e pernoitar no interior das hospedarias, deixaram de o fazer.

O progressivo descuido das entidades ⁽³⁵⁾ que têm responsabilidade sobre o conjunto tem contribuído para a criação de inúmeros problemas e intervenções desajustadas. Graças a uma intervenção da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, todos os vãos das hospedarias se encontram entaipados, evitando o uso inapropriado das suas instalações, e, de igual forma, condicionando a sua utilização correcta. Algumas zonas, como é exemplo a Casa da Ópera e as construções que ladeiam a igreja a norte, encontram-se num estado avançado de ruína, necessitando urgentemente de intervenção. A Casa da Água e o recinto murado que a ladeia encontram-se, também, esquecidos e sem qualquer uso. O próprio aqueduto, que em tempos trouxe água a este complexo, já não consegue transportar por falta de manutenção, sendo que se perde pelo caminho, irrigando os terrenos baldios. À entrada do Santuário, próximo da estrada que segue em direcção ao Farol do Cabo Espichel, o antigo espaço de paragem e apeamento, onde outrora os romeiros se abasteciam de água, encontra-se hoje pouco considerado pelo cruzamento da nova estrada e pela construção de um pequeno edifício que fornece electricidade para a igreja.

(35) Confraria da Nossa Senhora do Cabo e Estado Português (ala Norte das hospedarias).



Fig. 34 Santuário rodeado por veículos, 2012.

Em 2008, por ordem da Câmara Municipal de Sesimbra, e numa tentativa de evitar o estacionamento abusivo no seu interior, o vasto arraial foi limitado através da colocação de pilaretes nos seus limites este e sul. Esta intervenção atribuiu, ao arraial, um limite artificial. Por ordem da mesma entidade, o arraial foi pavimentado com gravilha, mudando drasticamente a sonoridade no interior do espaço.

Embora o edifício se encontre geralmente em abandono, em certos dias do ano - aquando a realização de actividades religiosas, como procissões e missas campais - o lugar do Espichel enche-se de devotos e outros curiosos. Esta condição, bem como o facto de as pessoas se deslocarem cada vez mais de automóvel, leva a que, nesses dias, o Santuário seja praticamente consumido pelo exagerado número de veículos que o rodeia. Por vezes verificam-se situações extremas, de que é exemplo o estacionamento dentro do recinto da Casa da Água. Esta situação é provocada pela falta de regulação do trânsito nestes dias, assim como por uma grande indefinição relativa ao estacionamento.

Com o intuito de dar continuidade à tradição de outros tempos, os novos devotos continuam, em parte, a pernoitar no Santuário durante alguns dias. Condicionados pelo entaipamento das hospedarias, ocupam agora os espaços envolventes ao Santuário com barracas montadas de forma espontânea.

Contrapondo a lógica do Santuário, as novas intervenções e a ocupação inapropriada dos seus espaços envolventes atribuem ao lugar uma forte desordem.



Fig. 35 Cabo Espichel, 2012.

3. ROMERIA A SANTA MARIA DO CABO

A ocorrência de romarias a determinado lugar de culto está, na sua generalidade, intrinsecamente ligada a um acontecimento milagroso. De forma popular, esse milagre está associado a uma aparição. Esta ocorrência serve de alavanca para que gentes oriundas de vários locais recorram a este sítio (36).

Em meados do séc. XIV, as romagens de peregrinos em direcção a este cabo ganharam expressão. Foram referenciadas em 1366 numa carta régia da chancelaria de D. Pedro I. Este é o primeiro documento, que chegou até hoje, que menciona a existência da «Romeria a santa maria do cabo» (37).

Entre os inúmeros motivos que, ao longo do tempo, levaram as pessoas a recorrer a divindades para acalmia das suas aflições, destacam-se os surtos de peste. As doenças eram trazidas e propagadas, na maioria das vezes, por embarcações estrangeiras. O contágio era eminente, afectando grande parte da população. O conhecimento insuficiente sobre medicina levava a um grande número de mortos durante o surto de peste.

Em meados do séc. XIV, com o aparecimento da peste negra, a população do reino é reduzida para metade. Em consequência de tal infortúnio, em 1384-85 (38), a Senhora do Cabo recebe um enorme reforço das gentes provenientes de Lisboa e do seu arco saócio. O que em primeira instância revela uma clara devoção à Senhora do Cabo, permite, a quem aí se desloque, isolar-se dos infectados.

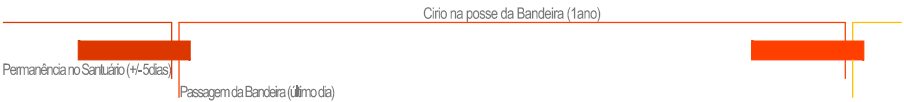
(36) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Cit. 4, p. 94. O culto ao local do Cabo Espichel antecede o acontecimento milagroso. Enquanto em 1366, na carta régia entregue em Torres Vedras (UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Centro de Estudos Históricos - *Chancelaria de D. Pedro I: 1357-1367* - Ed. Marques, A. H. de Oliveira. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984.), são referidas romarias à Senhora do Cabo, já o aparecimento da imagem de N. Senhora do Cabo é atribuído ao reinado de D. João I (1385-1433). Duas datas são apresentadas para tal acontecimento: 1384-85 e 1410-11 (SANTOS, Francisco Ildefonso dos - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Manuscrito PBA. 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889, cópia de 1843, p. 43 e 95).

(37) UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Centro de Estudos Históricos - *Chancelaria de D. Pedro I: 1357-1367*. Ed. Marques, A. H. de Oliveira; Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984.

(38) Possível data para o aparecimento da «Imagem Milagrosa» de Nossa Senhora do Cabo.

No séc. XV, com a crescente adesão de peregrinos oriundos de Lisboa e do seu Termo, é estipulado o Giro Saloio. O Giro, iniciado em 1431 pela freguesia de Alcabideche, colocou em prática o que, segundo Heitor Pato, poderá ser o exemplo mais antigo de culto itinerante à Nossa Senhora (39).

Este Giro, organizado por 30 freguesias da região a Norte do Tejo (40), consistia na deslocação cíclica e anual ao Santuário. Pertencendo a este sistema, cada freguesia, acompanhada duma bandeira e mais tarde duma imagem, era responsável pela organização da romaria até ao Cabo, uma vez em cada 30 anos. No Santuário, no último dia de festejo, a freguesia dos festeiros encerrava a responsabilidade de comemoração com a passagem da bandeira e da imagem, sendo entregues à freguesia que festejava no ano seguinte. Este processo peculiar manteve-se intocável ao longo de quase cinco séculos.



Em 1701, Thomas Cox, em visita a Portugal, participa numa das romarias em direcção ao Santuário. Nos seus apontamentos faz uma pequena descrição do percurso efectuado:

«Em Julho fui ao cabo. O nosso guia tomou-nos por bons católicos em visita à nossa Senhora daquele lugar e começou a abrir-nos o coração. Contou-nos que desde que assumiu função tão santa nunca mais precisou de temer os ladrões, nem lobos, nem qualquer outro acidente, pois a senhora daquele lugar cuidava de todos os que a vinham ver. [...] Na estrada, vi grande quantidade de pinheiros, debaixo das árvores, giesta, rosmaninho selvagem e algumas ervas aromáticas, mas nada parecido com relva. Há caça excelente para uma arma, mas está reservada para o Rei. Subimos uma grande montanha de terra. No caminho vemos um grande lago (lagoa de albufeira), para onde deixam entrar o mar, uma vez de três em três anos, por causa do peixe» (41).

(39) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Cit. 4, p. 160.

(40) Das 30 freguesias iniciais, quatro delas abandonaram o giro: Bucelas (1709), Unhos (1711), Arranhó (1716) e Mafra (1722). A freguesia de Olivais ingressou no giro e, embora tenha festejado em 1704, voltou a abandoná-lo.

(41) COX, Thomas; COX, Macro - *Relação do Reino de Portugal 1701*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007, p. 324.

Giro saloio (Lisboa e termo) - 30 Freguesias

Freguesias participantes no giro saloio - 26

Freguesias que abandonaram o giro saloio - 4

Freguesias que participaram uma única vez - 1

Península de Setúbal

Freguesias que ainda se deslocam ao Santuário em romaria

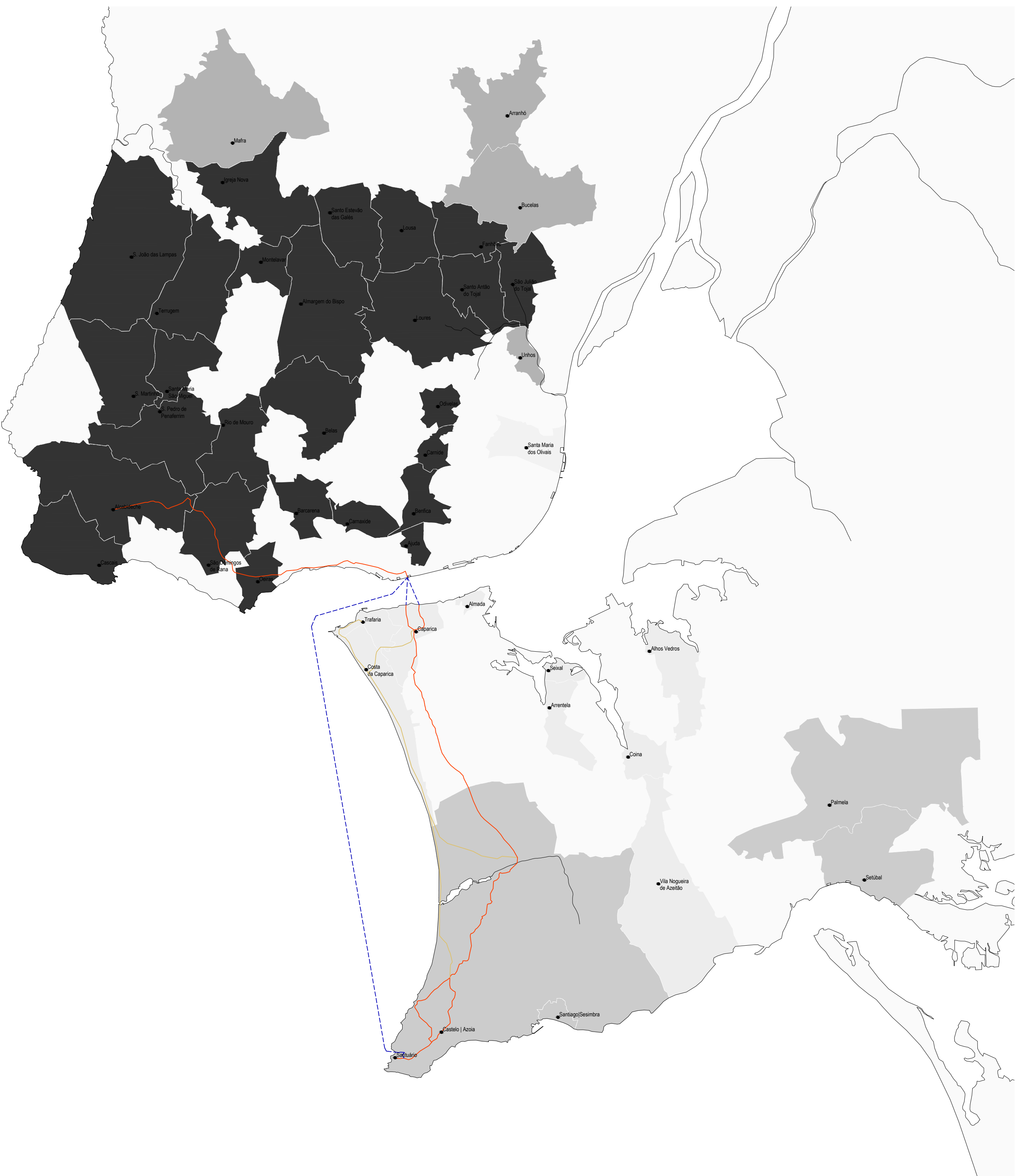
Freguesias que deixaram de se deslocar ao Santuário em romaria

Percursos primitivos

Percorso primitivo de romaria

Percorso primitivo de penitência

Percorso marítimo



1418/14 - Construção da Ermida



Fig. 36 - Interior da capela no interior da Ermida da Espírito Santo

1495 - Início da construção de antiga igreja

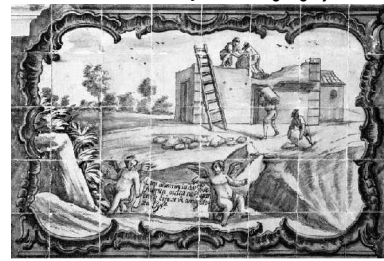


Fig. 37 - Exterior da capela no interior da Ermida da Espírito Santo

1550 - Abertura do Paço Pequeno

1672 - Construção do forte de Nossa Senhora do Cabo

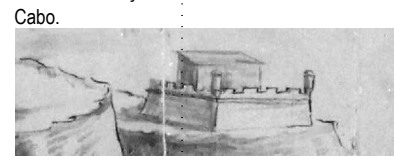


Fig. 38 - Exterior da capela no interior da Ermida da Espírito Santo

1715 - Início, por parte do cirio de Lisboa, da construção das hospedarias da ala Norte



Fig. 39 - Exterior da capela no interior da Ermida da Espírito Santo

1701 - Por iniciativa de D. Pedro II, dá-se início à construção da actual Igreja de Nossa Senhora do Cabo.



Fig. 40 - Exterior da capela no interior da Ermida da Espírito Santo

Meados do séc. XVIII - Construção da Casa da Ópera pela mão dos cirios de Lisboa.

1745/60 - Intencificação dos trabalhos para a construção das hospedarias por parte dos diversos cirios.

1740 - D. João V manda pintar o tecto da Igreja ao pintor Lourenço da Cunha.

1794 - Fim das obras das hospedarias.

1790 - Construção do lar do Cabo Espichel, inserindo-se na reforma empreendida pelo Marquês de Pombal ao criar em 1758 o Serviço de Famlia.

1864/74 - A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais realiza obras de consolidação no Santuário.



Fig. 41 - Hospedarias em Lisboa, década de 60

1997 - A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais realiza obras de restauro na Igreja de Nossa Senhora do Cabo.

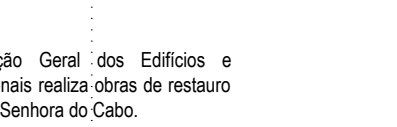


Fig. 42 - Hospedarias em Lisboa, década de 60

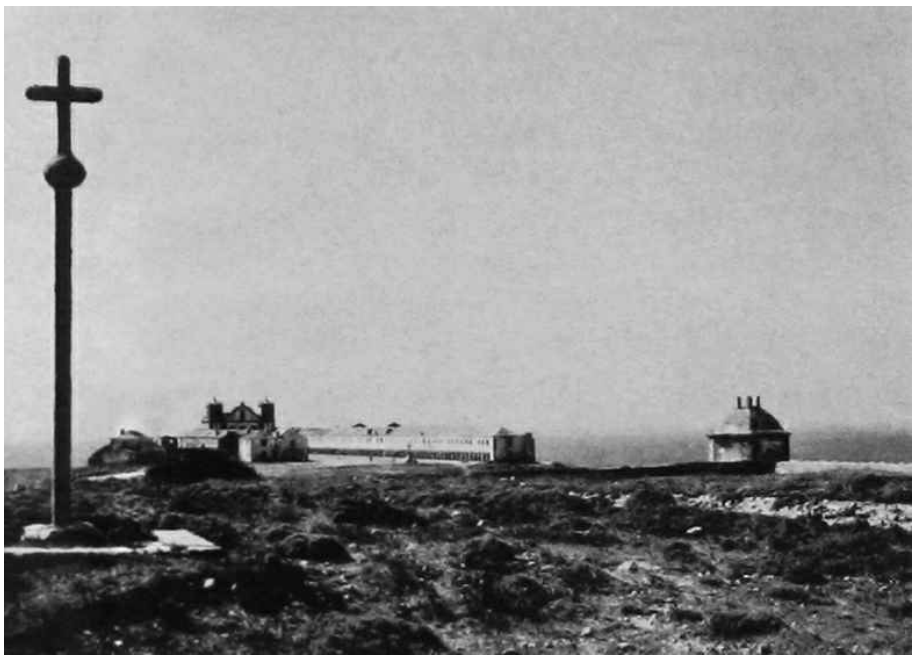


Fig. 50 Segundo cruzeiro e Santuário, sem data.

5. EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA

No mar Oceano, para a parte do meio dia da Côte, e Cidade de Lisboa, mete a terra huma ponta, ou despenhada rocha, a que os navegantes chamão o Cabo de Espichel, e os antigos chamarão Promontorio Barbarico: o que nós poderamos chamar com mais razão, Promontorio Luminozo, ou de Santa Maria, não só por ser escolhido por theatro de suas maravilhas, obrasdas não só neste sitio, mas no da Arrabida; mas porque no mesmo anno em que Deos feito homem veio ao mundo, se vio aquelle monte, Promontorio todo cercado de luzes, ou coroado de huma soberana, e refulgente luz [...] Neste sitio sobre a rocha se vê ao prezente huma Ermidinha, que se edificou pra memoria, a que chamão o Miradouro; he tradição constante, que apparecera a Imagem de N. Senhora, que por ser vista naquella rocha, a que chamão o Cabo, a denominarão com este título (42).

Francisco Ildefonso dos Santos

O Santuário da Nossa Senhora do Cabo, tal como o conhecemos hoje, é o resultado, inquestionável, da dedicação e devoção por parte dos círios, que em tudo contribuíram para o seu crescimento e reconhecimento.

Ao longo dos séculos, adequando-se à permanência dos romeiros neste local tão inhóspito, a estrutura do Santuário foi alterada e adequada às necessidades da época. De forma radical, no séc. XVIII, o santuário é reorganizado. Passa de uma estrutura desorganizada em torno da igreja, para uma estrutura racional e normalizada. Para tal, e devido à escassez de recursos, todo o antigo conjunto de hospedarias foi demolido, assim como a própria igreja.

Ao longo dos anos, o Santuário tem sido um ponto de ancoragem para investigadores das mais diversas áreas, como História, Arqueologia e Arquitectura. Mas, apesar dos estudos realizados em torno do santuário, nenhum propõe a reconstituição do antigo arraial, assim como da evolução do conjunto ao longo dos séculos.

Podendo contribuir fortemente para colmatar esta falta de informação e, do mesmo modo, cooperar para uma análise mais sensível e fiel deste conjunto, elaborou-se um estudo centrado na evolução morfológica do Santuário. Como suporte de investigação foram utilizados relatos de época, gravuras (painel azulejar no interior da Ermida da Memória) e algumas plantas já publicadas que retratam a situação actual do Santuário (43).

(42) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 11.

(43) Plantas publicadas nas seguintes monografias: MARTIN, John H. - *The Sanctuary of our Lady of the Cape*, in: *Portuguese studies review* - V. 3, n. 1; New Hampshire : International Conference Group on Portugal, 1993 e GULBENKIAN, Fundação Calouste - *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

Francisco Ildefonso dos Santos - presumível autor do manuscrito *Memórias sobre a antiguidade das Romarias* -, referindo-se ao ano de 1431, também ele relata que 21 anos já se teria passado desde o aparecimento da milagrosa imagem, assim como da construção da pequena ermida no promontório do Espichel (47). E, não existindo mais nenhuma descrição de época que sustente outras possibilidades, em 1414, a Ermida da Memória seria o único elemento construído pela mão do Homem neste vasto promontório.

Em 1414-15, e à semelhança do que já aconteceu noutras alturas, a população de Lisboa sofre inúmeras baixas com a peste (48). Nesta data, o culto a Santa Maria, no promontório do Cabo Espichel, recebe um grande número de votos (49).

(44) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias*... Cit. 15, p. 26.

(45) A construção da Ermida da Memória é quase sempre datada de 1410-14. Embora esta seja a data sugerida, é notória a influência árabe na sua construção, assemelhando-se, nas suas proporções e desenho, a uma cuba muçulmana. Tais características permitem colocar a hipótese da data da sua construção ser anterior ao séc. XII, aquando da ocupação árabe deste território. Poder-se-á encerrar os relatos da construção da Ermida, como a cristianização do antigo edifício muçulmano ao qual foi atribuído o orago de Nossa Senhora do Cabo. Esta situação equipara-se ao ocorrido em Reguengos de Monsaraz, onde, no domínio almorávida no séc. XI-XII, foi construída uma cuba muçulmana e, mais tarde, com a conquista cristã, convertida para o culto cristão e hoje descrita como capela de S. João Baptista.

(46) Salienta-se que nenhuma destas doações obteve êxito, devido à grande dificuldade de superar as imposições deste lugar tão inóspito e agreste. A data de 1414 é confirmada no seguinte documento: S.TA ANNA, Frei Joseph Pereira de - *Crônica dos Carmelitas da antiga, e regular observância nestas reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios*. Lisboa: Of. Herdeiros de António Pedrozo Galram, 2 vols., 1745 e 1751, Tomo II, Doc. XVII, p. 406 e 822. A doação de 1428 é referida em: CÂCEGAS, Frei Luis de - *Da história de S. Domingo: particular do reino e conquistas de Portugal por Luiz Cacegas da mesma ordem e provincia*... Lisboa, Typ. Panorama, 1866 (3ªed.). Porto: Lello e Irmão, 1977, Parte II, Livro II, Cap. XVIII, p. 883.

(47) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias*... Cit. 15, p. 95.

(48) Este surto de peste afectou não só a cidade de Lisboa, como também a do Porto, tendo como consequência um grande número de vítimas - uma das quais, a Rainha D. Filipa de Lencastre, mulher de D. João I. Ver: D. Filipa de Lencastre. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2013, disponível em: <<http://www.infopedia.pt/%D4-filipa-de-lencastre>>. Acesso em 21 de Janeiro de 2013.

(49) PATO, Heltor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim* - Cit. 4, p. 103.

Santuário em 1414

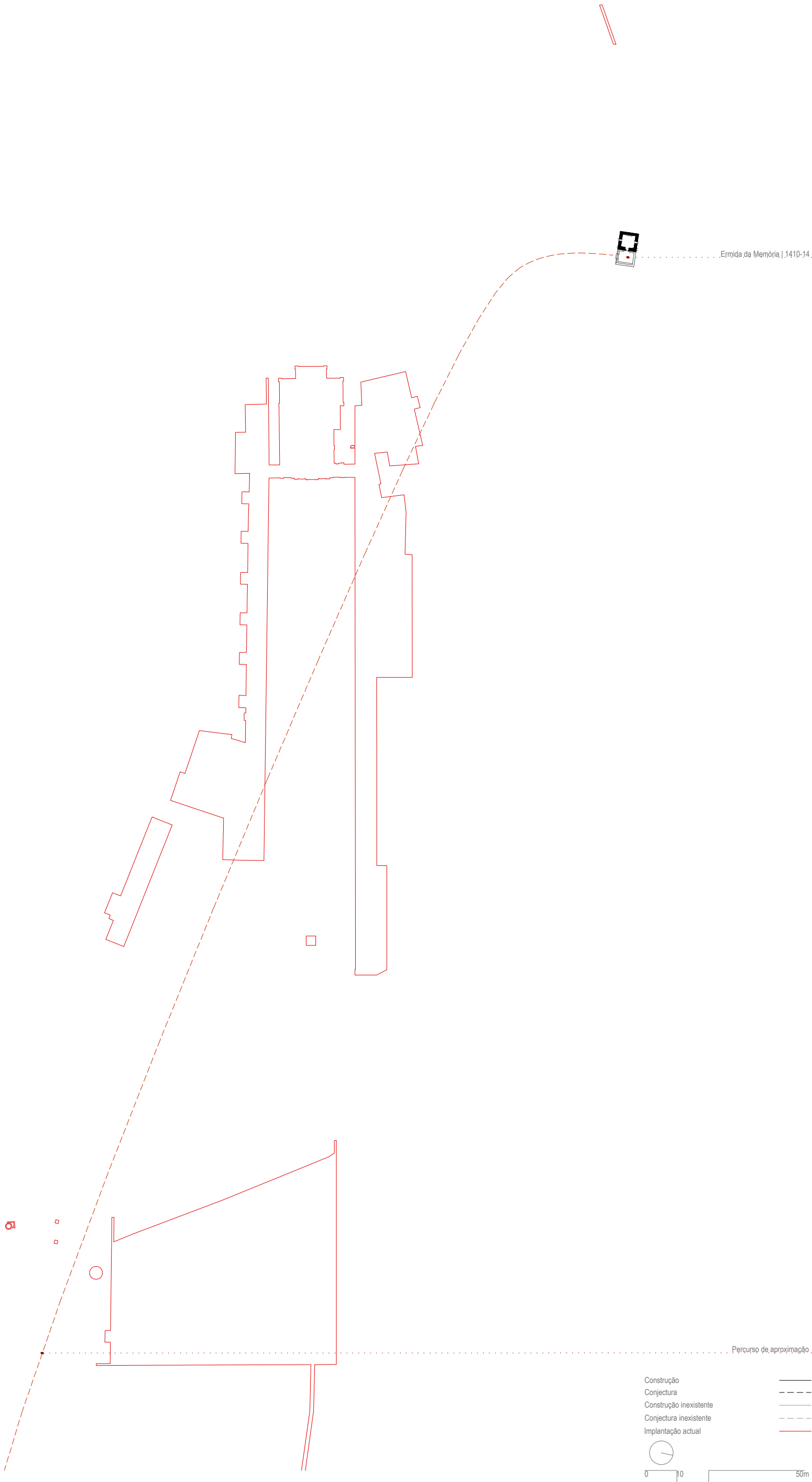
Segundo a lenda, terá sido descoberta, no promontório do Espichel, uma pequena imagem.

[Os seus descobridores.] «conforme as suas forças, tratarão de arranjar hum pequeno vão em forma de Ermida, ajuntando muitas pedras soltas, que por alli havia, e pondo humas sobre outras para formar paredes, deixando huma das maiores no centro para servir de altar, e nella collocarão a santa Imagem, tendo coberto aquelle vão com muitos ramos de alecrim, que naqueles matos abundava, e o altar; das mesmas ervas aromáticas, em que tantos tempos estivera escondida aquella Joia [...] fez do melhor modo que poudo, um Cruzeiro, que segouro com pedras defronte da Ermidinha» (44).

Tratando-se de uma lenda, poder-se-á encerrar esta descrição como uma tentativa de construir um início fiável ao culto cristão que, pelas características da Ermida da Memória, substituiu o culto islâmico até então praticado.

Uma vez que o templo improvisado pelos descobridores se revelava inadequado, dada a grande afluência de peregrinos, em 1410-14 terá sido construído ou renovado um templo no Espichel - a Ermida da Memória (45). Este edifício surge sobranceiro às escarpas abruptas que se elevam no extremo norte do Cabo Espichel, no mesmo local onde o milagre terá ocorrido.

A existência da pequena Ermida no séc. XIV é comprovada por dois documentos. O primeiro, de 1414, demonstra a sua doação, por Diogo Mendes de Vasconcelos, ao Convento do Carmo em Lisboa. O segundo, de 1428, refere a doação da «ermida e Logar de Sancta Maria da Pedra Mua» aos padres dominicanos de Benfica pelo mesmo Diogo Mendes de Vasconcelos (46).



Santuário em 1495

A afluência de peregrinos aumentou com o passar dos anos. Em 1495 «dasse princípio a nova Egreja de N. S. do Cabo» (50). A Ermida, já bastante degradada, era insuficiente para conter o grande número de peregrinos que a ela ocorriam.

Por descrição de Francisco Ildefonso dos Santos, a nova igreja encontrar-se-ia num local menos central do que a actual, e mais próxima da pequena ermida (51). A sua orientação deverá ter sido semelhante à actual igreja, permitindo um fácil acesso ao seu interior assim como uma maior protecção dos ventos que sopram do Atlântico.

Uma das gravuras existentes no interior da Ermida da Memória representa em painel azulejar a antiga igreja de Nossa Senhora do Cabo. Embora só realizada em meados do séc. XVIII, a gravura permite estabelecer várias semelhanças de proporção e desenho com outras igrejas e capelas construídas ao longo da costa portuguesa. Este estudo vem permitir a especulação de como terá sido a forma da antiga igreja e a sua colocação no promontório



Fig. 51 Gravuras existentes no interior da Ermida da Memória.

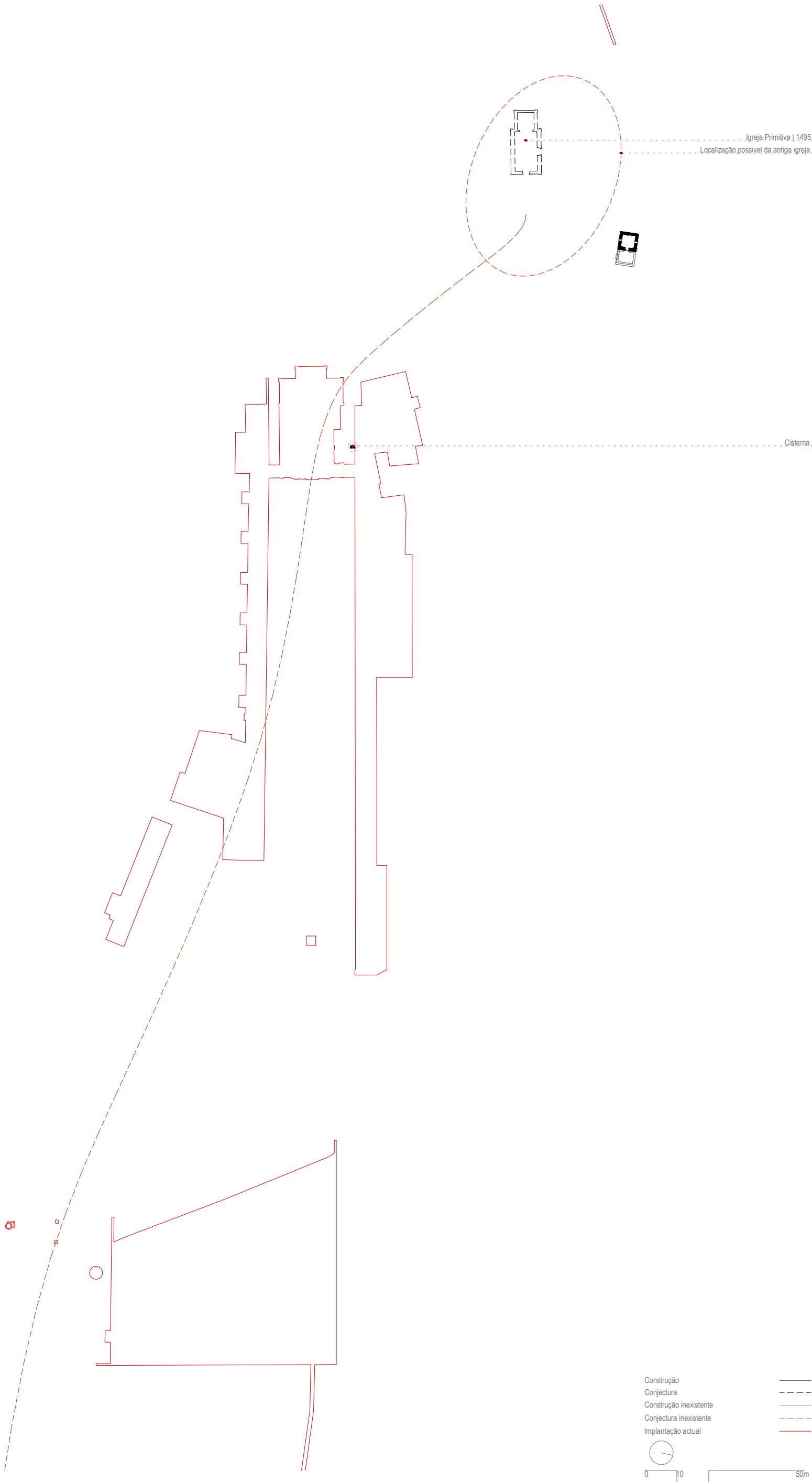
Construindo-se a igreja em 1495, e existindo uma necessidade óbvia de abastecimento de água para os romeiros que por estas bandas se encaminhavam, terá sido construída uma cisterna em torno dessa data. Hoje, do lado norte da igreja, ainda é possível observar o que resta dessa construção.

O culto a Santa Maria do Cabo cresceu de tal modo que, passados 167 anos da construção da primeira igreja, foi solicitado a D. Álvaro Lencastre, terceiro Duque de Aveiro, a construção de um templo de maiores dimensões. Mas, para que a construção se realizasse, foi necessário esperar quase 40 anos. Só em 1707 foi inaugurada a actual igreja de Nossa Senhora do Cabo (52).

(50) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 105.

(51) Posição da antiga igreja: «feita pelos Povos da Freguezias do Termo, antes de formarem os Giros, e devia estar isolada, por que era costume, quando entrávão os Cirios, rodear o Templo trez vezes antes de entrar», já a actual igreja «foi feita pelos rendimentos da Caza do Infatado, em terreno mais seguro e central do que as outras». Conclui-se que a anterior igreja encontrava-se mais próxima da falésia e numa posição mais adversa. [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, pp. 52 e 53.

(52) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, pp. 53, 104 e 105.



Ao longo de séculos, por todo o país, foram construídos inúmeros santuários de peregrinação. Em torno deles, foram surgindo zonas de alojamento temporário com o objectivo de acomodar os peregrinos. Essas construções denominam-se, mais comunmente, hospedarias ou quartéis (53). Na maioria dos casos, a construção dessas hospedarias decorria segundo a disponibilidade financeira das confrarias e irmandades. Essa condição tinha como consequência a não obediência a qualquer regra ou plano prévio e ordenado de construção, conduzindo, por vezes, à criação de núcleos semelhantes a pequenas povoações. A sua edificação ocupava espontaneamente o espaço livre em redor do santuário. Esta realidade ocorreu de forma intensa no promontório do Espichel.

Em 1550, o templo do Espichel deveria encontrar-se rodeado de hospedarias, uma vez que, neste mesmo ano, Francisco Ildefonso dos Santos refere que os romeiros «Augmentarão as Hospedarias, renovarão as antigas» (54). Com a construção de novas hospedarias, «que em círculo formávão hum arraial quase fechado» (55), fundava-se naquele cabo o antigo arraial.

A aproximação à *aldeia do cabo* estava claramente marcada pela colocação de três cruzeiros, igualmente erguidos após a construção da antiga igreja. O objectivo da colocação destes cruzeiros era, de forma clara e intencional, encaminhar os devotos até ao núcleo do arraial e, em sequência, ao interior do templo. Cada cruzeiro desempenhava uma função distinta. O 1.º cruzeiro (próximo do poço pequeno aberto em 1550 (56)), o *derradeiro*, marcava de forma clara a entrada no sítio do Cabo. Aqui, todos os romeiros se apeavam e, a partir daqui, se deslocavam a pé em direcção ao templo. O 2.º cruzeiro, a *Cruz da pregação*, marcava a entrada do antigo arraial. Por último, já no seio da pequena *aldeia* e defronte da igreja de Nossa Senhora do Cabo enaltecendo a sua entrada, erguia-se o 3.º cruzeiro (57).

(53) Como exemplos desta realidade, destacam-se: Nossa Senhora da Atalaia (Montijo), Nossa Senhora dos Milagres em Via Galega (Torres Vedras), Nossa Senhora dos Remédios (Peniche), Nossa Senhora da Nazaré (Nazaré), São Julião e Santa Basilissa (Ericeira), Senhor Jesus do Carvalhal (Bombarral), Senhor do Jesus da Pedra (Óbidos), entre outros.

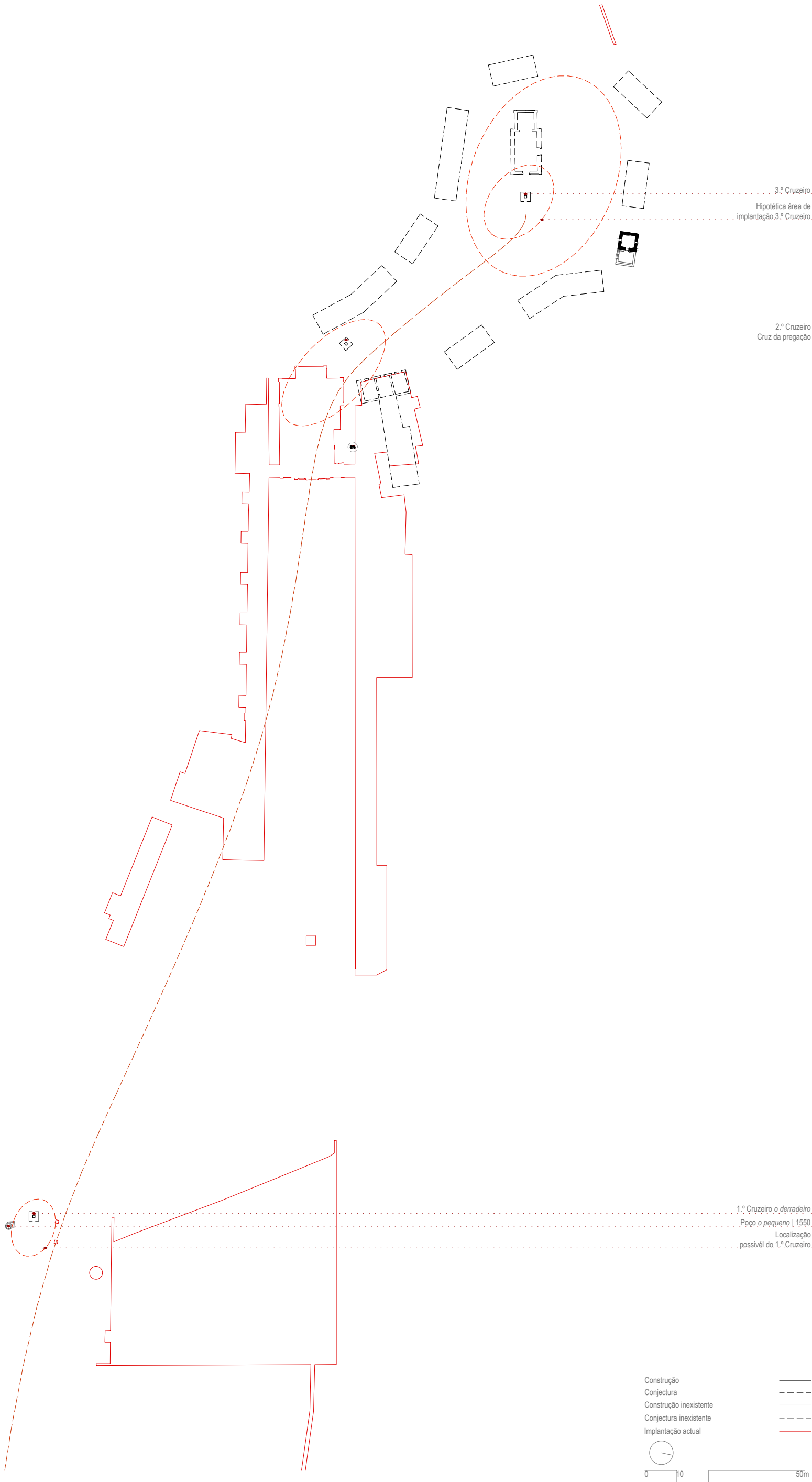
(54) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 112.

(55) Idem., p. 120.

(56) Idem., p. 112.

(57) Idem., p. 52.

Santuário em 1550



Santuário em 1700

Aquele que um dia foi deserto e despovoado, de falésias incríveis e mortais, que é aclamado por ventos fortes e vegetação rasteira, aquele que, pelas suas características, se considerou ser o *Barbarium Promontórium*, apresentava-se em 1700 ocupado pelo Homem. Desafiando a Natureza e toda a sua bravura, ao longo de três séculos, o Homem ergueu no promontório do Espichel aquela que em tempos foi designada, por Thomas Cox, como a «aldeia do Cabo» (58).

Referindo-se ao ano de 1610, Francisco Ildefonso dos Santos relata que «Fizerão-se os reparos necessários, no Templo, e nas hospedarias, que em círculo formávão hum arraial quase fechado» (59).

Reforçando a ideia de recinto fechado em torno da igreja é edificado, em 1672, na regência do Infante D. Pedro, próximo da Ermida de que herdou o nome, o Forte de Nossa Senhora do Cabo, mandado reconstruir em 1708 por D. João V, sendo nessa altura melhorado o equipamento militar da fortificação (60). A construção do forte teve origem na necessidade de protecção da costa marítima, a propósito das guerras da Restauração (61).

Thomas Cox, em visita ao Santuário, descreve nos seus apontamentos, vários aspectos importantes (62). Retrata a «aldeia do Cabo», afirmando que «toda a aldeia pertence à senhora daquele lugar». Narra as actividades religiosas, procissões e missas (63), assim como as de índole pagã, como as peças teatrais e as touradas (64).

Sem qualquer datação atribuída e apenas mencionada como *garagem* (65) para a berlinda processional, existe actualmente, no topo da ala Sul das hospedarias, uma construção que se assemelha ao que em tempos poderá ter sido uma capela. Voltada, à semelhança da igreja, a nascente, formada por uma nave e uma porta alta em arco de volta perfeita, localizando-se numa posição intermediária entre o apeamento dos romeiros e o início do antigo arraial, tudo indica que a sua construção terá antecedido o actual arraial. Verifique-se de igual modo, que, analisando a planta actual do Santuário, facilmente se depreende que são as hospedarias que se adoptam a esta construção e não o oposto. Não existindo mais informação sobre este elemento, entendeu-se que a sua datação poderá ser atribuída a um ano próximo ao de 1700 (66).

(58) Um testemunho desta situação surge em forma de manuscrito, escrito pelo topógrafo e eclesiástico inglês Thomas Cox, redactado aquando da sua estadia em Portugal ao longo de largos meses, no ano de 1701, devendo-se a ele, uma das mais antigas relações de um estrangeiro sobre o Reino de Portugal antes do terramoto de 1755. O manuscrito em questão não tem título original, mas encontra-se referenciado no catálogo da British Library com a seguinte descrição: Add 23,726. ACCOUNT of Kingdom of Portugal, by Thomas Cox, circa 1701. Autograph; with additions by the author's cousin, Rev. Cox Macro, D.D. Paper; XVIIIth cent. Small Quarto. Este manuscrito constitui a primeira descrição literária sobre o culto prestado à Nossa Senhora do Cabo, fornecendo informações preciosas sobre esta devoção secular.

(59) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 120.

(60) LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno*. Vol.9. Lisboa: Livr. Ed. de Mattos Moreira, 1873-1890, p. 272.

(61) O forte integrava a linha de Defesa da Arrábida e das barras de Setúbal e Lisboa. Segundo Gustavo Portocarrero, a verdadeira razão da sua construção podia constituir uma tentativa «por parte da Coroa de usar um sistema de defesa costeira para melhor controlar a actividade religiosa [...], uma forma de melhor controlar as acções de um grupo social da elite - Igreja - a qual era encarada como uma ameaça ao processo de centralização do Estado», e que, para «melhor mascarar as suas verdadeiras intenções» o forte «foi chamado de Nossa Senhora do Cabo Espichel». Ver: PORTOCARRERO, Gustavo - *Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna: uma visão social* - Lisboa: Colibri, 2003, p. 71.

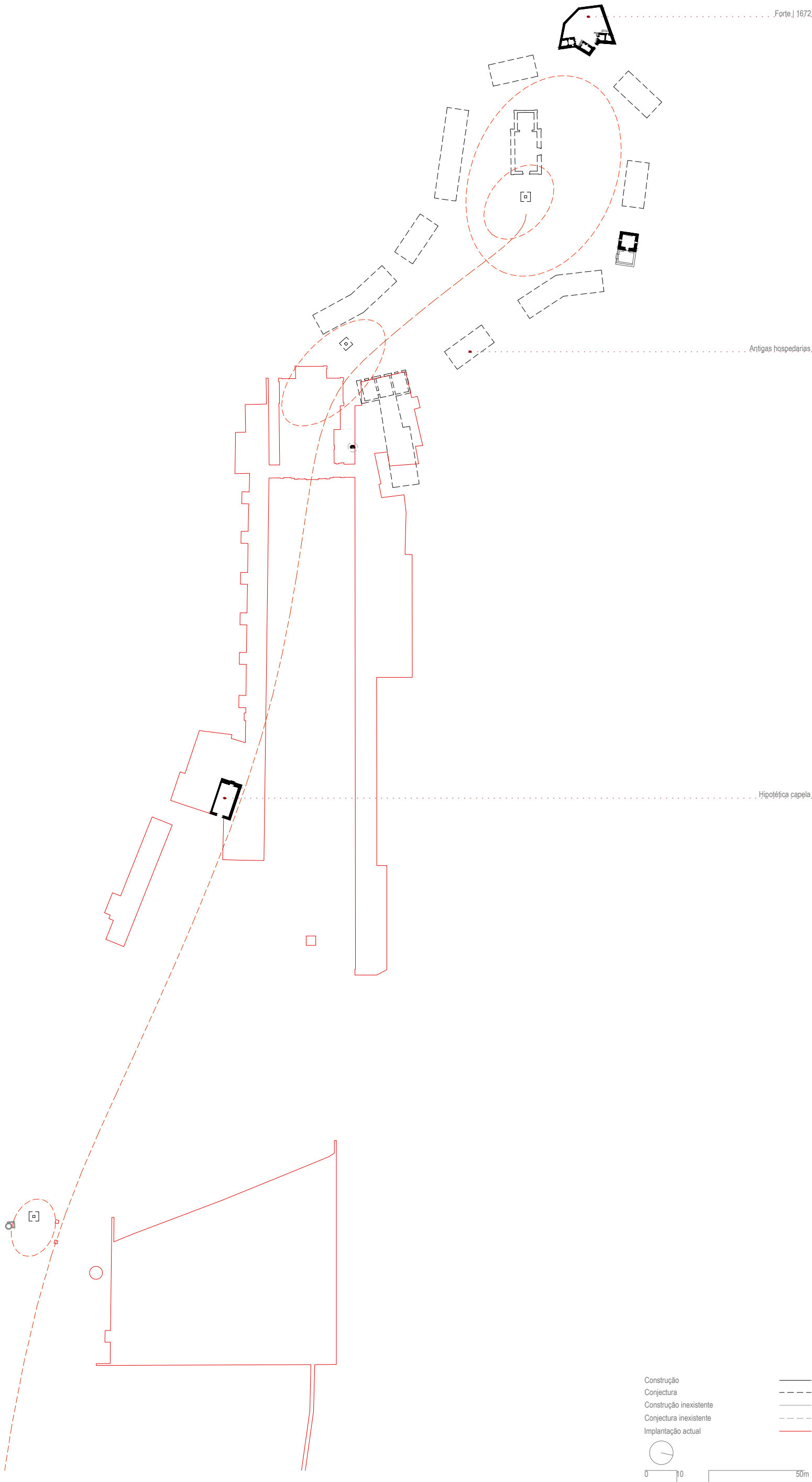
(62) A visita de Thomas Cox ao Santuário ocorreu em 1701 mas, segundo se pode apurar pela leitura do seu manuscrito, a construção da actual igreja da Nossa Senhora do Cabo ainda não estaria a decorrer. Deste modo, Cox terá vivenciado, na íntegra, o antigo complexo do Santuário.

(63) «Em Julho fui ao cabo (...) Na aldeia do Cabo Espichel (referindo-se certamente ao conjunto de hospedarias existentes no promontório), existe um pequeno forte com quatro canhões (...) Toda a aldeia pertence à Senhora do lugar (...) Havia uma procissão, e num carro triunfal, muito mais alto do que os outros, vinha a Senhora do lugar (...) no momento em que passaram pelo forte, dispararam três canhões. Foi-me dito que os fortes e castelos saúdam sempre o Sacramento quando passa por eles, como se Nosso Senhor fosse um guerreiro e não o Príncipe da Paz (...) os padres foram tão generosos que distribuíram num só dia seis vacas, e o fogo de artifício e a corrida de touros é feita às suas custas». Ver: COX, Thomas; COX, Macro - *Relação do Reino de Portugal 1701*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007, p. 324.

(64) Thomas Cox descreve as touradas do seguinte modo: "Depois de o local ter sido bem regado, entra a Guarda alinhada em duas filas com o tenente à cabeça e o capitão na retaguarda. Os dois fazem o cumprimento ao Príncipe. Depois soltam um touro, e o cavaleiro faz as suas cortesias e dirige-se para o touro". Thomas Cox relata ainda a realização de comédias - nelas participava o próprio sacerdote, anotando no seu manuscrito: "Tivemos uma comédia, e a parte dela com o padre com quem eu estava a falar, chamada em latim Exordium, terminou em honra da Senhora do lugar. Não compreendi a peça, mas os actores desempenharam os seus papéis tão à vontade quanto se poderia desejar. O ponto falava tão alto quanto os actores, e o meu padre insistia em que era a melhor forma, pois, diz ele, desta forma as pessoas ouvem tudo duas vezes". Ver: COX, Thomas; COX, Macro - *Relação do Reino de Portugal 1701*. Cit. 63, p. 324.

(65) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 66.

(66) Outra hipótese colocada neste estudo poderá servir de justificação para a origem desta pequena construção. Para a construção da actual igreja da Nossa Senhora do Cabo, devido à escassez de material de construção no promontório, terá sido desmanchada a anterior igreja, aproveitando o seu material para se construir a nova. Durante esse período, que se estima de 6 anos, garantindo, de forma provisória, a realização das cerimónias no Espichel, poderá ter sido construído este elemento curioso que se entende como capela e que mais tarde serviu de acomodação à berlinda processional.



Santuário em 1701

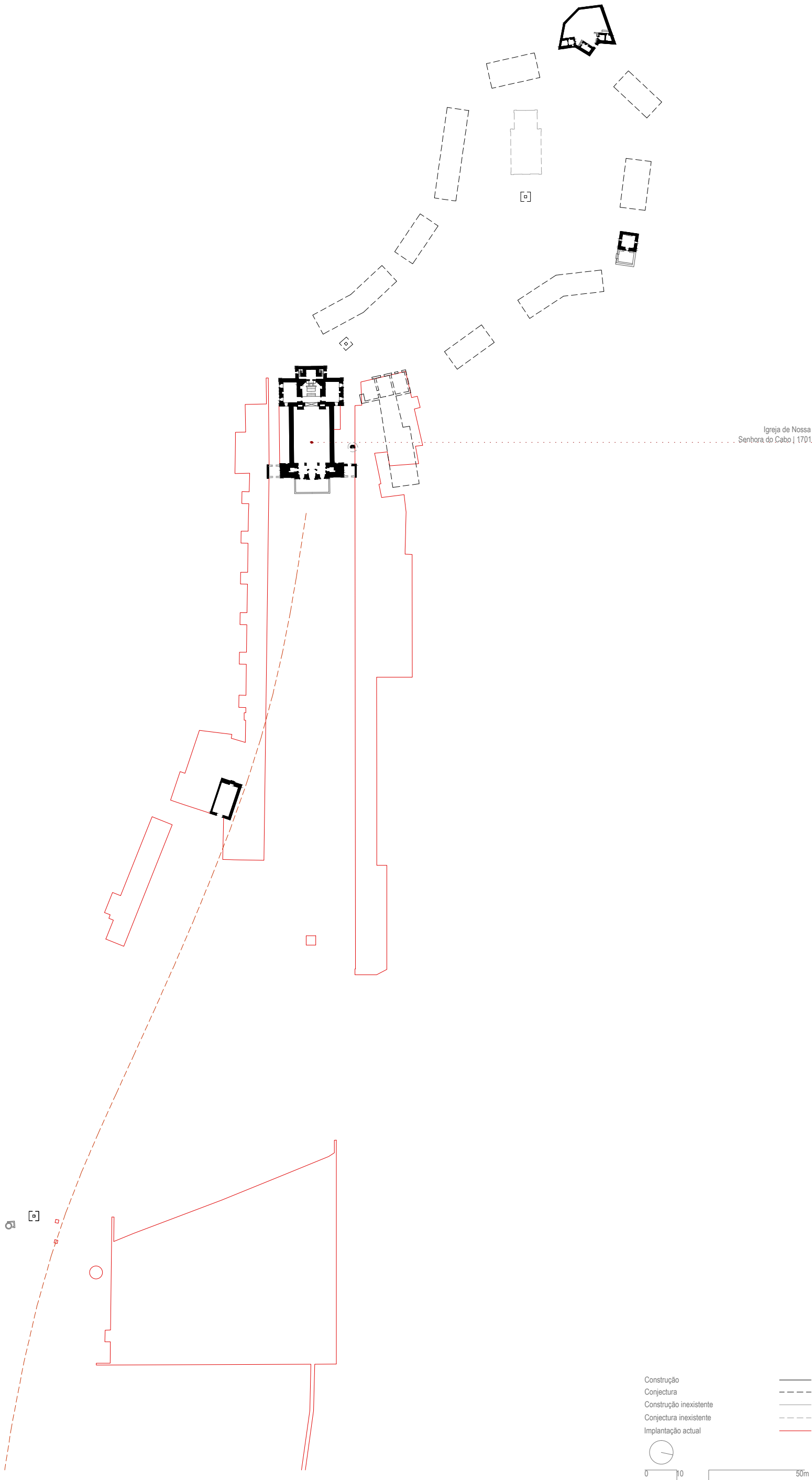
A devoção à Nossa Senhora do Cabo, que originalmente terá sido humilde e popular, compartilhada por apenas algumas dezenas de pessoas ou, talvez, centenas de romeiros, foi, com o passar dos tempos, crescendo, até atingir o seu ponto culminante no séc. XVIII. Foi neste século que os romeiros foram honrados com a participação da Família Real Portuguesa nas romarias ao Santuário, que contribuiu com importantes donativos (67).

Em 1701, por iniciativa real de D. Pedro II, é principiada a construção de uma nova igreja, que corresponde à que se encontra hoje no Santuário. A nova igreja, construída «pelos rendimentos da Caça do Infanteado, em terreno mais seguro e central do que as outras» (68), afasta-se da Ermida da Memória e utiliza as pedras da antiga igreja para a sua construção. Esta atitude, de destruição de uma igreja para a construção de outra, devido à escassez de material e garantindo um rápida construção, vem garantir ao Santuário do Cabo uma possibilidade de crescimento progressivo e ordenado, mais tarde concretizado.

Analisando a planta actual do Santuário, é notória a desordem existente nas construções a Norte da igreja. Tais construções, pelo seu desalinhamento, pela sua orientação em relação com a ermida e pelo seu desenho recortado, aparentam ser de uma época anterior à construção da actual igreja. E, em semelhança com a configuração actual do Santuário (entrada no arraial após a passagem pelo abastecimento de água - chafariz das duas bicas), estas construções, erguidas próximas da cisterna, poderão ter formado a entrada no antigo arraial. Através da hipótese aqui apresentada, e justificando o desenho recortado neste ponto, estas estruturas, com a construção da nova igreja, terão sido, em parte, demolidas. Contribuindo, largamente, para a desordem actual neste ponto do conjunto.

(67) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 155

(68) Idem., p. 53.



Santuário em 1707

A construção da igreja do Cabo realizou-se rapidamente. Em 1707, a imagem, que até então se encontrava protegida na pequena Ermida, foi transladada para a nova Igreja «em os dias 7, 8, e 9 de Julho de 1707 com assistencia do Serenissimo Infante D. Francisco» (69).

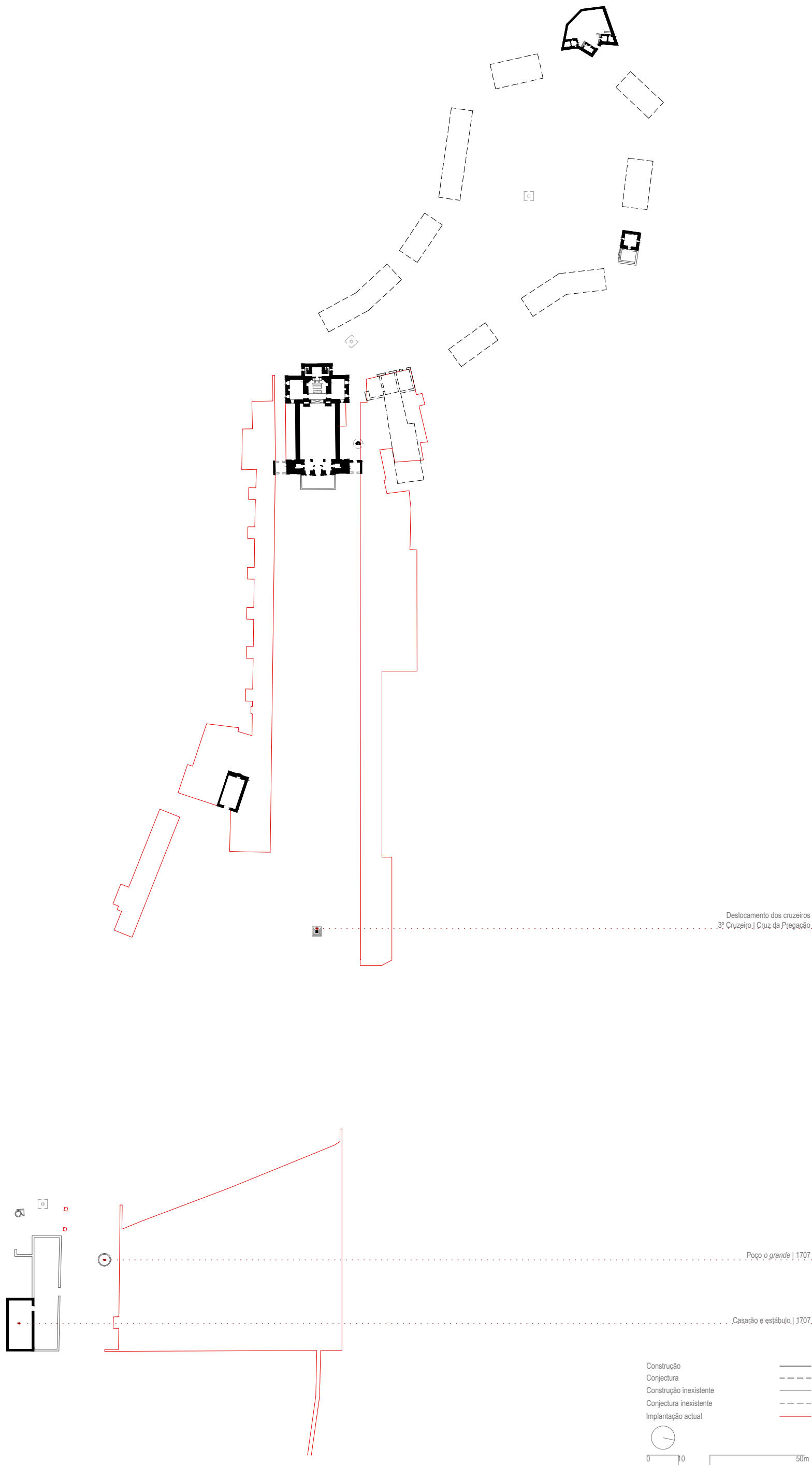
Com a construção da nova igreja, alterou-se a posição dos cruzeiros, coincidindo com a que hoje existe (70). O 1º cruzeiro foi colocado próximo da povoação da Azóia, pouco depois do início do aqueduto. O 2º cruzeiro foi colocado em local alto, pouco antes da Casa da Água, marcando a entrada no sítio do Cabo. O 3º cruzeiro, a nova *Cruz da pregação*, foi deslocado para o início do novo arraial. Esta colocação reflecte um pouco a expansão do culto deste local, assim como uma vontade de intensificar o processo de entrada no Santuário.

Em 1707 foi construído, na proximidade do poço *pequeno*, «hum cazarão, estábulo de cavalgaduras». Defronte deste, e realizado no mesmo ano, foi construído o poço grande (71). Com a construção destes novos elementos, foi reforçada a ideia de apeamento dos romeiros a partir deste local. Os animais de transporte ficariam no estábulo e os romeiros seguiriam o restante caminho a pé. O apeamento dos romeiros e a sua relação com o abastecimento de água contribuiu para um claro simbolismo religioso aliado à ideia de purificação.

(69) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Cit. 15, p. 53.

(70) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Cit. 15, p. 52.

(71) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Cit. 15, p. 51.



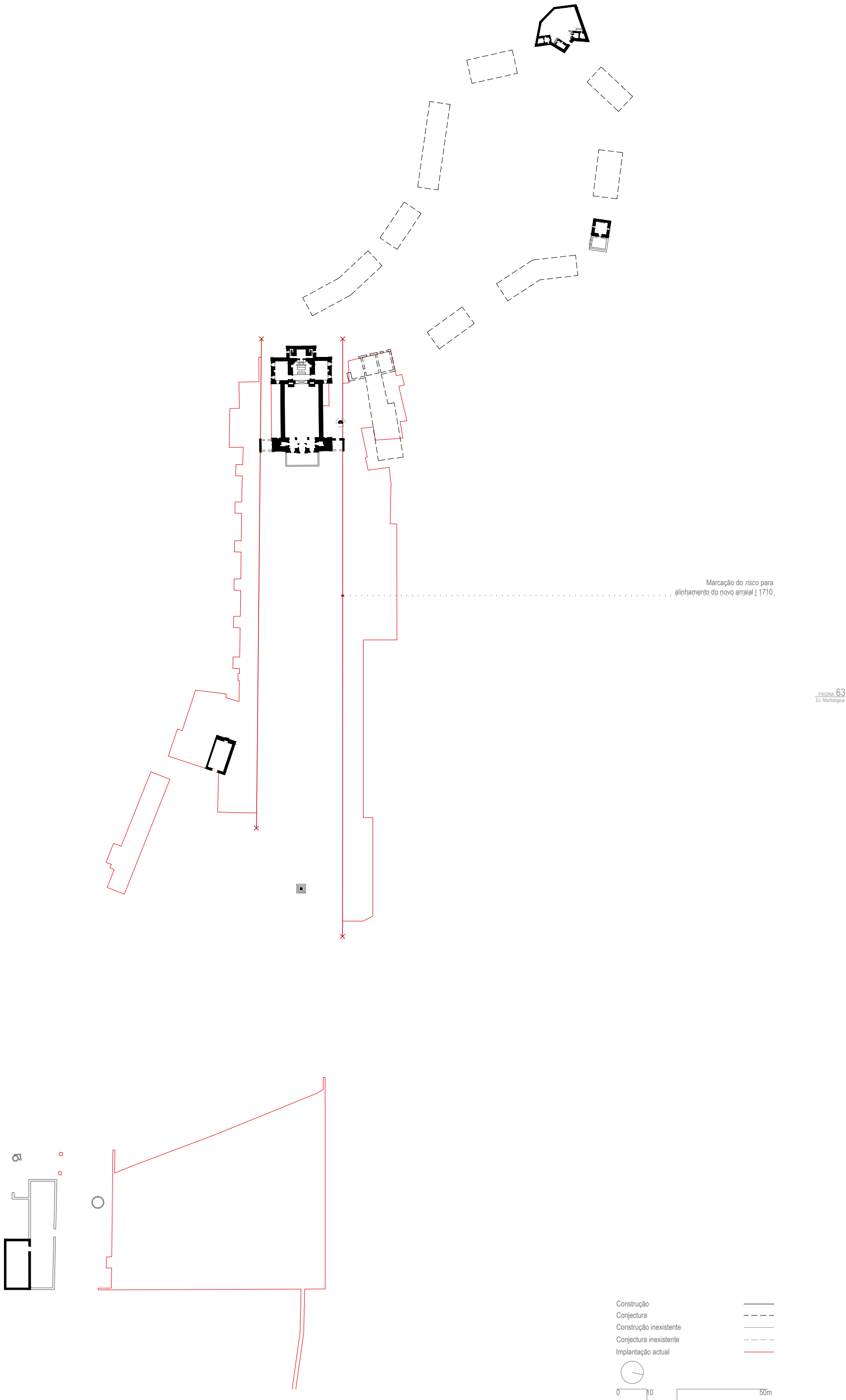
Santuário em 1710

No ano seguinte à finalização da construção da igreja, «Em 1708, sendo o 2º anno do reinado d'EIRei D. João 5º, se mandou renovar [o forte], e concertar os estragos do tempo» (72).

Embora só colocado em prática cinco anos depois, em 1710 é feita a marcação do que viria a ser chamado o *risco* (73). Com esta simples marcação no chão pretendia-se, de forma clara, não só alinhar a nova construção mas, também, acabar com a desordem crescente do antigo arraial.

(72) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Cit. 15, p. 65.

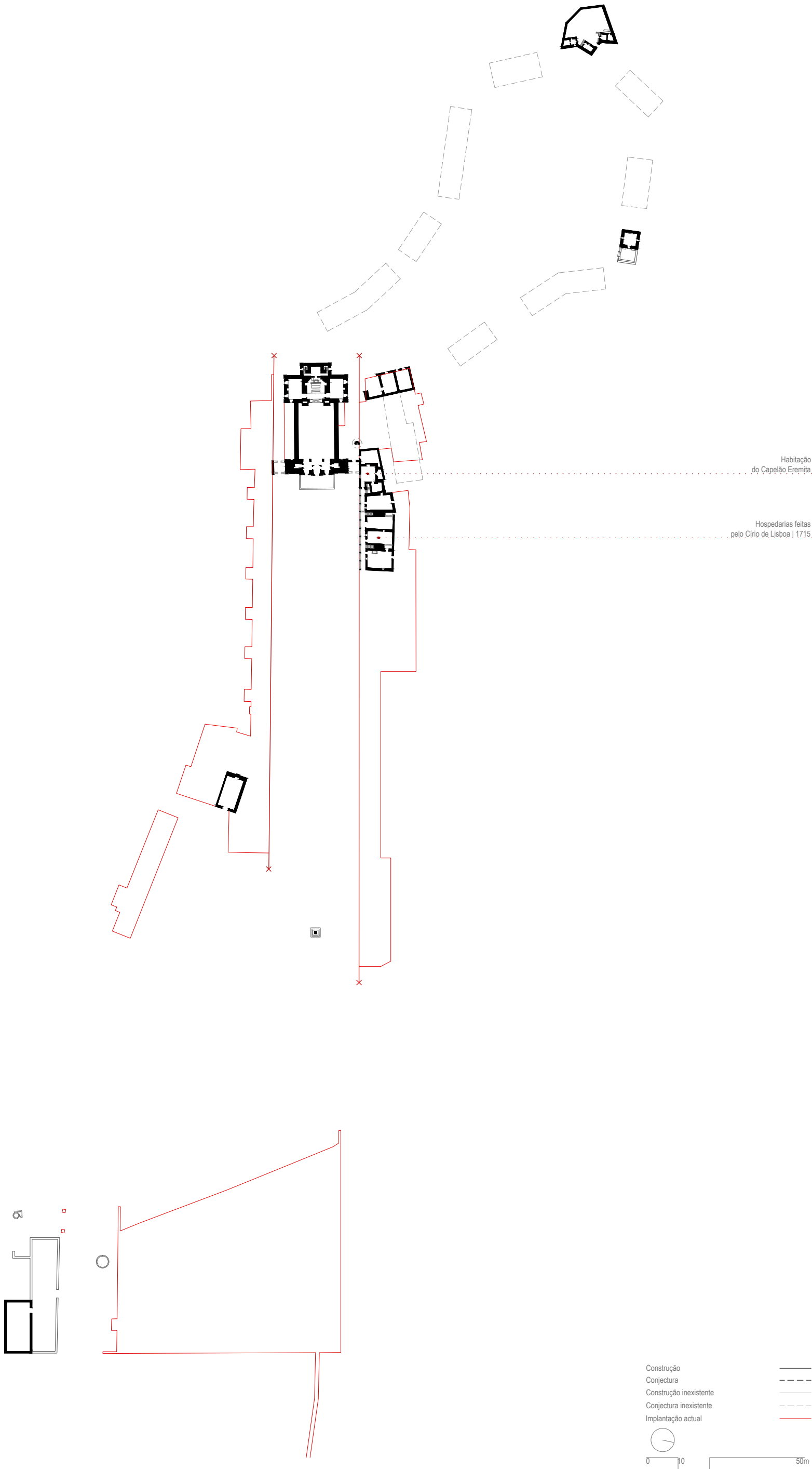
(73) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Cit. 15, p. 52.



Santuário em 1715

Em 1715, no reinado de D. João V, e por iniciativa do Círio de Lisboa, «foram desmanchadas as antigas hospedarias» e utilizando «muito do antigo», «se fizeram sobrados e loges, segundo o risco» (74). Destinadas a servir de alojamento aos romeiros, as novas hospedarias obedeciam agora a princípios previamente estipulados. Utilizando os materiais das antigas, as novas casas deveriam ser construídas respeitando a marcação do risco, possibilitando a passagem coberta até ao templo, e em dois níveis - loja e sobrado - sendo o primeiro em arcaria. E principiada a ala Norte pela mão dos círios de Lisboa, iniciava-se deste modo, em 1715, a configuração do novo arraial. Embora as novas hospedarias tenham sido adoptadas à nova igreja, a tradição antiga de contornar o templo manteve-se através de duas passagens cobertas que o ladeavam e que ao nível dos sobrados estabeleciam a ligação entre a igreja e a habitação do capelão eremita.

(74) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Manuscrito PBA, 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889, p. 134.



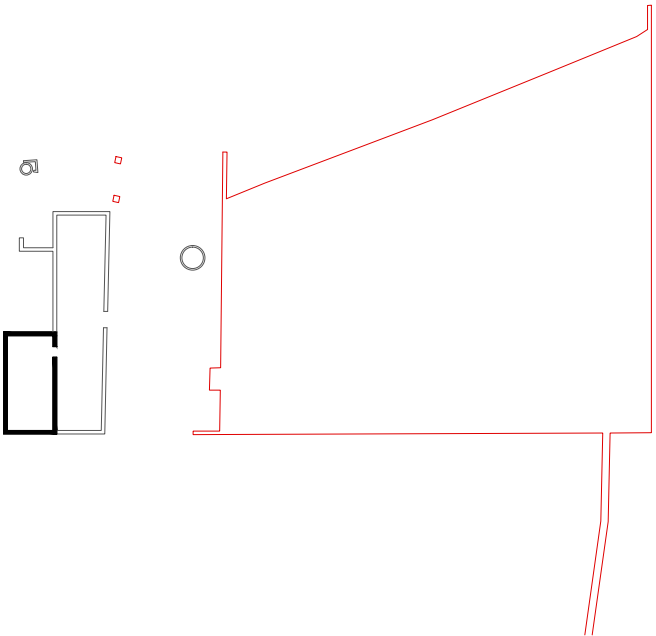
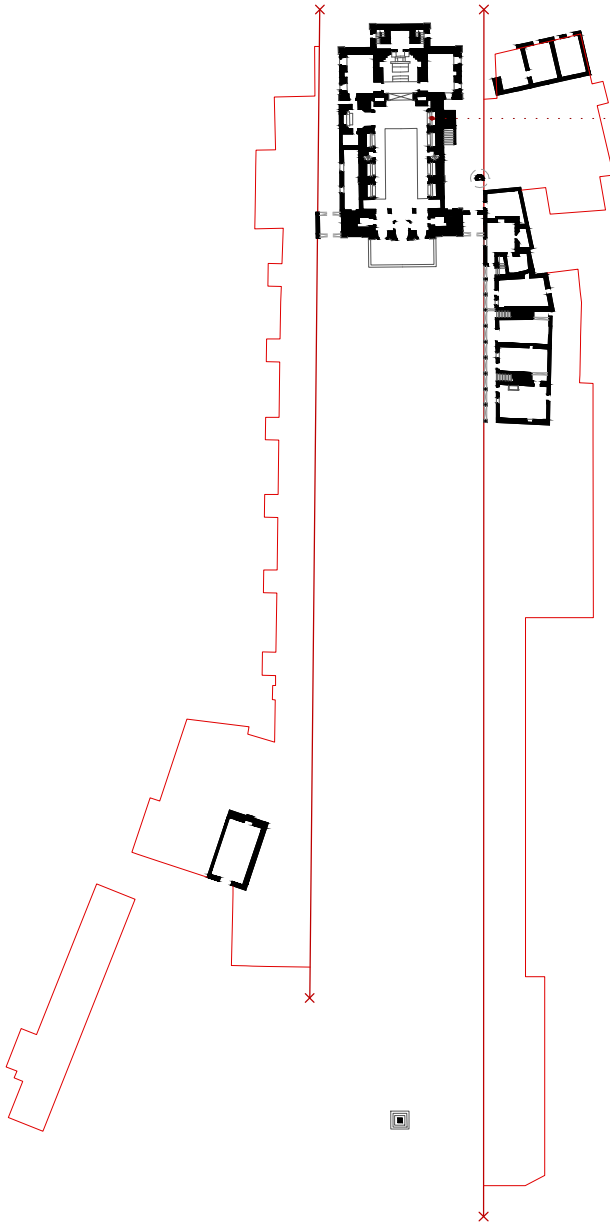
Santuário em 1718

Em 1718, demonstrando o seu amor e devoção a Nossa Senhora, os círios iniciam, consoante as suas posses, a construção dos altares laterais no interior da igreja. Todos seriam diferentes, demonstrando as diferentes pretensões e gostos de cada círio, mas em 1770 foram homogeneizados, e transformados de acordo com a sua apresentação actual (75).

(75) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Manuscrito PBA, 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscritos. Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889, p. 135.



Construção de Altares e Capelas
no interior da igreja | 1718.



Construção
Conjectura
Construção inexistente
Conjectura inexistente
Implementação actual



Santuário em [1744]

O culto a Santa Maria do Espichel aumentou drasticamente. Os romeiros viam-se elogiados pela presença da família real nas suas festas. O arraial crescia ano após ano. Para albergue dos romeiros, as novas hospedarias sucediam-se umas às outras, numa tentativa de manter o arraial o mais regular possível.

Em 1727, contribuindo para a grande alegria e segurança dos romeiros, «teve princípio a iluminar-se o Arraial todas a noutes que durasse o festejo» (76). Francisco Ildefonso dos Santos refere que «Ao lado da Igreja, e junto a hum poço [cisterna], estão as cazas de sobrados e loges, que mandarão fazer á sua custa João Baptista, e Felis Torcate, e João Coelho. Nas loges destas cazas se guardão os lampeões com que se alumia o arraial» (77). Com esta afirmação, aliada ao início da iluminação do arraial, é possível atribuir o ano de 1727 para a construção destas casas.

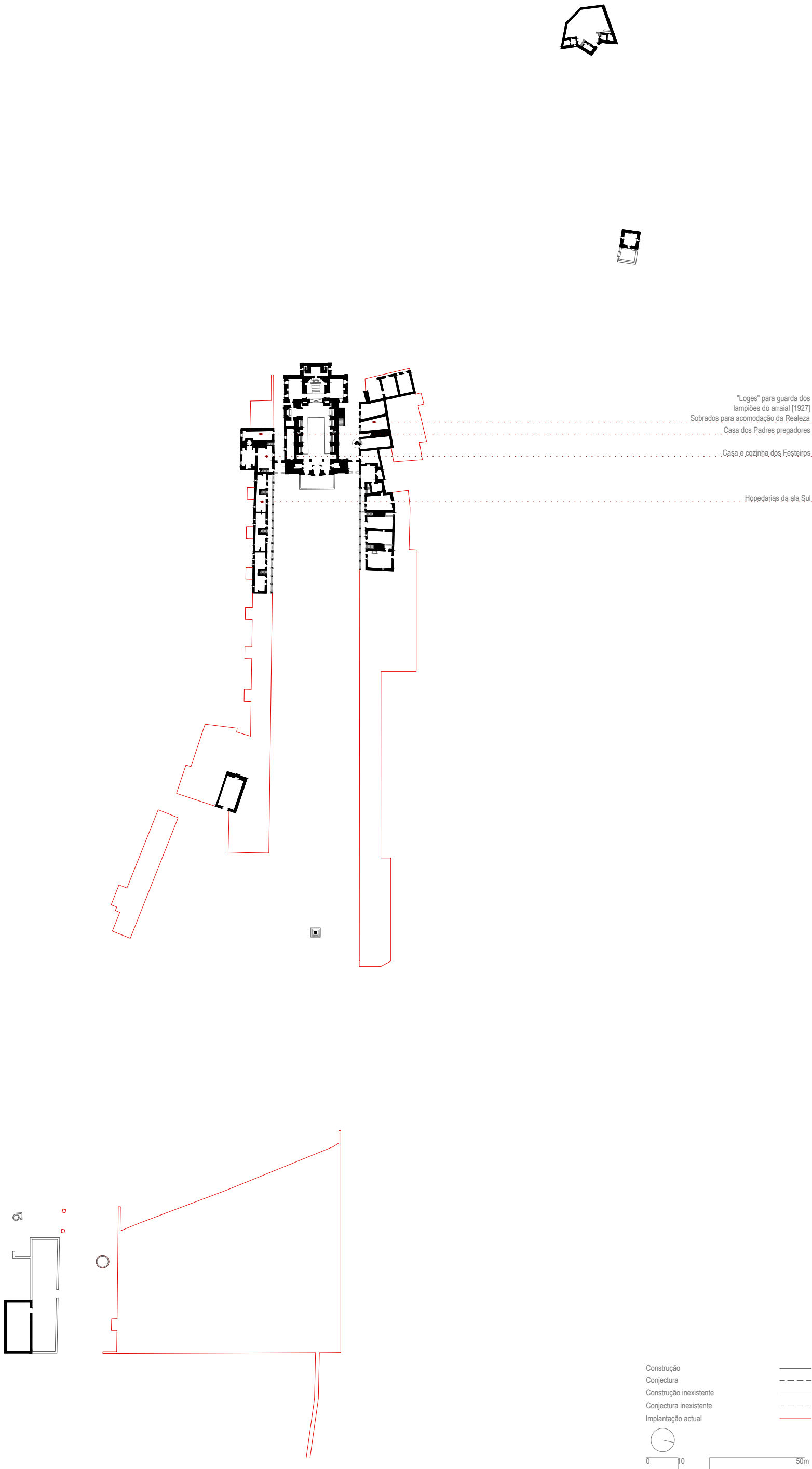
Em 1740, o tecto da igreja foi pintado pelo cenógrafo e pintor Lourenço da Cunha. Esta pintura, sobre a abóbada de berço, representa de forma cenográfica, e em arquitectura perspectivada, a Assunção da Virgem (78).

Intensificando-se os trabalhos realizados no Santuário após o ano de 1744, é provável que a data de construção da casa dos Festeiros e dos padres pregadores seja próxima dessa. Sendo esta a primeira habitação do lado Sul do arraial, terá sido em torno de 1744 que foi iniciado o seu corpo das hospedarias, que equilibrou a composição com as casas já existentes a norte. A casa dos Festeiros, à semelhança da do capelão eremita, tinha acesso privilegiado, pelo sobrado, ao interior da igreja.

(76) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 136.

(77) Idem., p. 165.

(78) A pintura faz parte de uma colecção composta por cerca de vinte exemplares em Portugal. Este exemplar de Lourenço da Cunha é o único que sobreviveu ao terramoto de 1755.



Santuário em [1760]

Como já mencionado, as obras realizadas no Santuário intensificaram-se a partir de 1744. Algumas das obras realizadas são mencionadas por Francisco Ildefonso dos Santos. Ele refere que, em «1746 [...] Neste anno se fez mais hum sobrado e loja da parte do Sul do Arraial, e por mão de João Jorge» (79), em «1758 [...] fizeram-se duas moradas de cazas novas no Arraial da parte do norte, o que tudo correo por conta de João Jorge» (80) e em «1759 [...] Fizerão-se duas propriedades de cazas com os materiais que tinham ficado das outras, e o mais que foi preciso, da parte do Sul» (81).

Analisando a arcaria que limita o arraial, verifica-se que as trigésimas quintas colunas da ala Sul e Norte se apresentam de um modo distinto das restantes. Esta característica, que neste estudo é atribuída a cerca de 1760, poderá indicar um antigo limite do arraial.

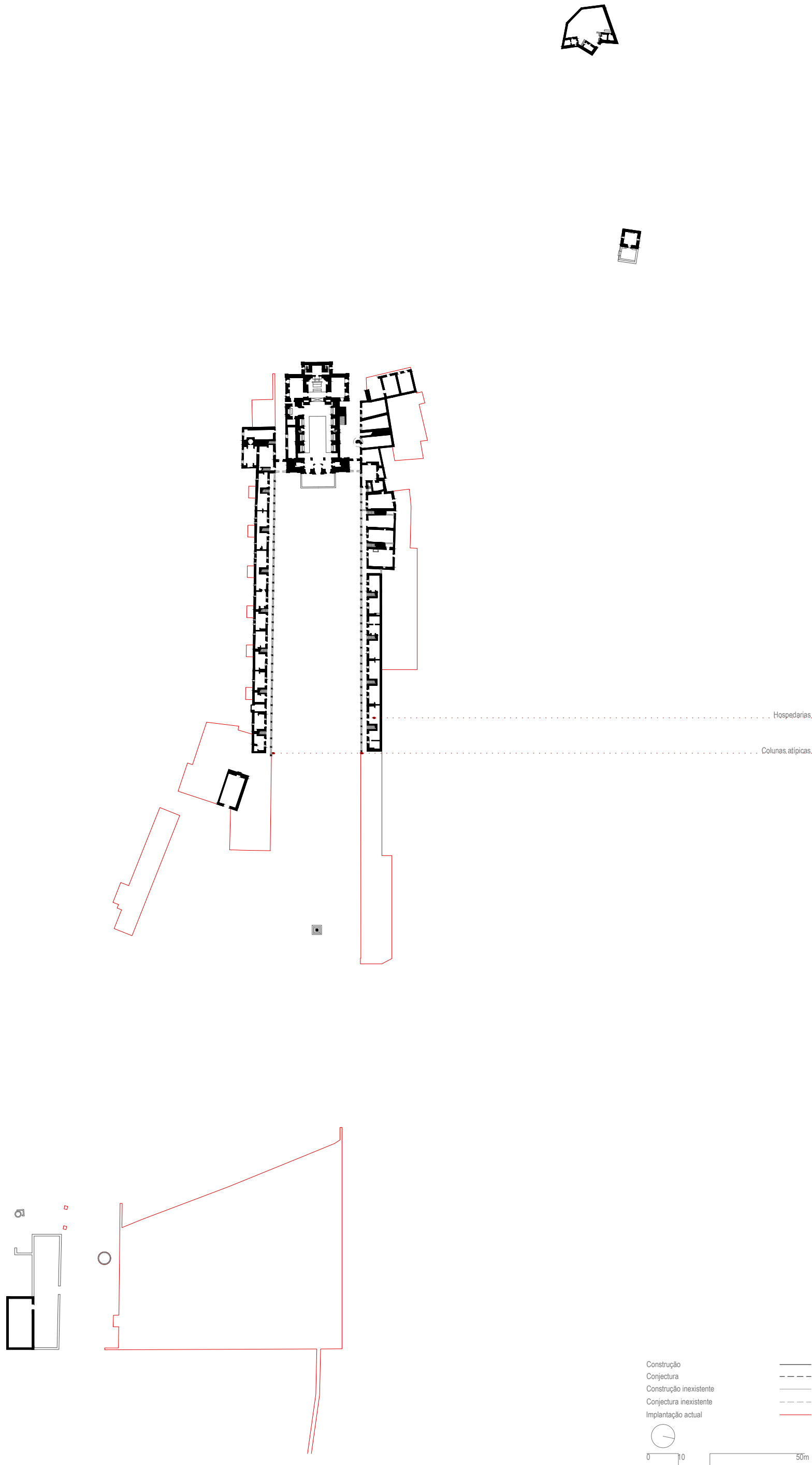


Fig. 52 Trígésimas quintas colunas da ala Sul e Norte.

(79) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 140.

(80) Idem., p. 150.

(81) Idem., p. 151.



Santuário em [1765]

Nos anos seguintes, com a ajuda de financiamentos por parte da Corte Real, o Santuário sofre uma grande evolução. Não só com a criação de novas hospedarias que aumentaram o rectângulo do arraial, mas também, com a criação de novos programas lúdicos.

Erguida pelos cónegos de Lisboa, com o intuito de albergar as comédias que até então eram realizadas ao ar livre, foi construída, em meados do séc. XVIII (82) um pequeno teatro - a Casa da Ópera.

Este pequeno teatro, adossado às traseiras das hospedarias da ala Norte, era descrito por Francisco Ildefonso dos Santos como tendo «humas ordens de camarotes, e para elles se communicão as cazas dos Festeiros; porem os da platea tem de vir à porta principal, que está em hum corredor descoberto e muito ventoso» (83). O acesso à plateia era feito por esse corredor que ainda hoje existe. Trespasa o corpo das hospedarias e faz a transição entre o interior resguardado do terreiro e o desabrigado promontório.

A casa da ópera possuía boas instalações e no seu interior realizaram-se inúmeras representações teatrais, desde comédias a musicais encenados pelos próprios cónegos. Francisco Ildefonso dos Santos refere ainda que, quanto à caixa de palco, «ella he sufficientemente espaçosa em largura, e fundo, e boas serventias. Teve em outro tempo o scenario, e vestuario de tal modo, que pela abundancia e diversidade se podia representar qualquer Peça de meio caracter, e tudo em muito boa arrecadação; hoje está em abandono» (84).

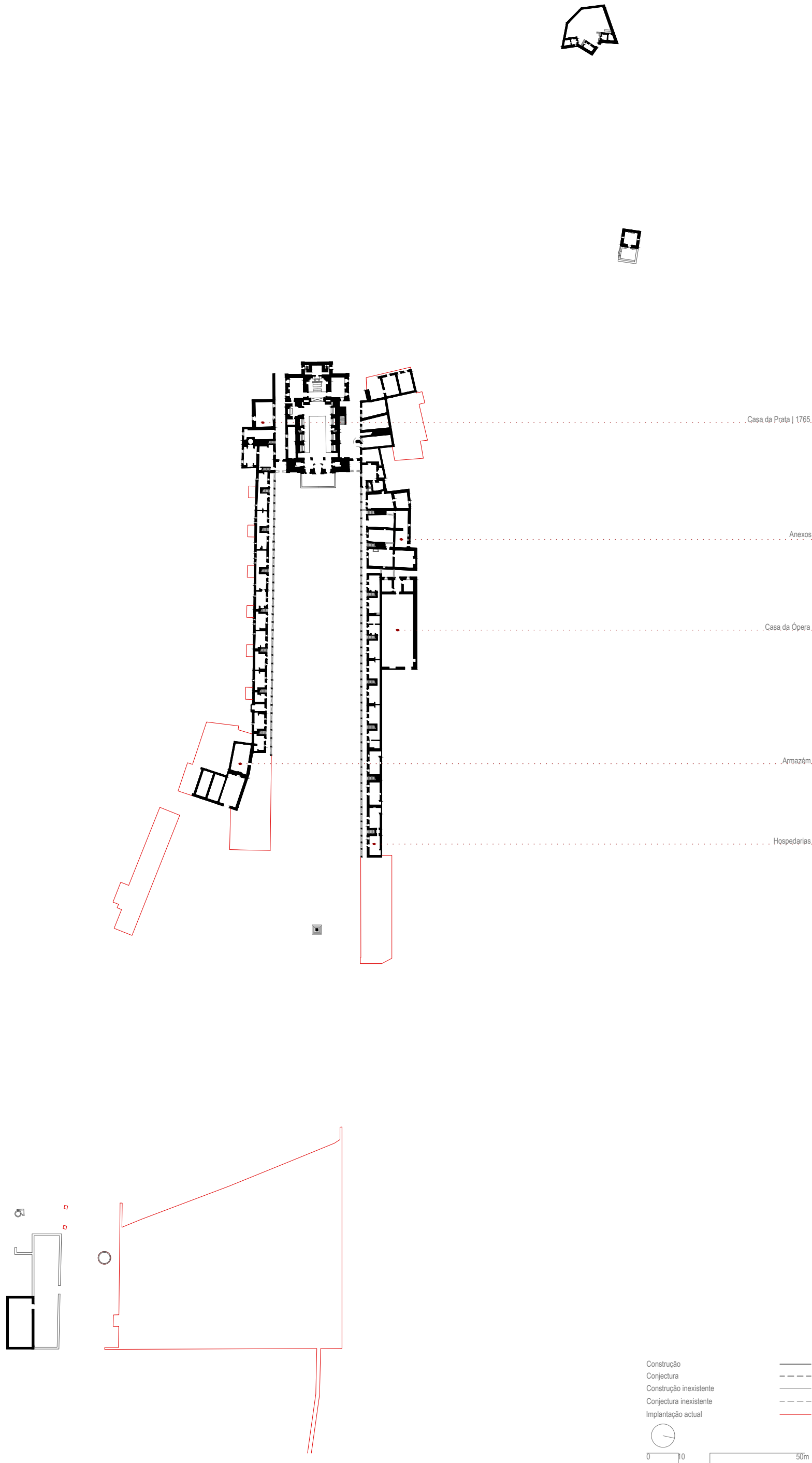
Em 1765 é também construída «uma casa para a commodação da Fabrica na parte mais commoda da parte do Sul ao pé da Igreja» (85), que hoje se designa como Casa da Prata. Este espaço servia para guardar os utensílios utilizados pelos cónegos aquando da realização das festividades, servindo igualmente como sala de reuniões.

(82) A sua construção poderá ter ocorrido em torno da década de 1770, aquando das visitas da família real ao Santuário

(83) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 66.

(84) Idem., p. 66.

(85) Idem., p. 154.



Santuário em 1770

O Santuário da Nossa Senhora do Cabo atinge neste ano o seu esplendor. O arraial encontra-se regularizado. O Santuário enche-se de devotos e as festas são financiadas pela corte real.

Em deslocação ao santuário, o rei vigente em 1770, D. José I, ordenou que fosse construída uma casa da água, ladeada por uma horta, com o objectivo de melhorar as condições de habitabilidade àqueles que, em dias de celebração de Santa Maria, por ali pernoitavam. Implantando-se a nascente do arraial e no prolongamento do eixo da igreja e do cruzeiro, a Casa da Água emergiu sobre uma acentuada depressão do terreno (86). Coroando todo o recinto a nascente, num diálogo directo e equilibrado entre o poder da Igreja e o poder da Corte, contribuiu para um acréscimo da racionalização de todo o conjunto.

Francisco Ildefonso dos Santos descreve no seu manuscrito:

«Antes de subir-se à Caza d'agôa, ha huma alameda, cuja entrada he hum portal de pedra lavrada, com sua porta de grades de ferro: tem sinco ruas cobertas de arvorêdo, e no fim duas mezas e assentos de pedra, he toda murada, e do lado do Norte tem janellas que deitão para o mar. Neste ameno, e agradável sitio se entretem huma grande parte do tempo os Romeiros, onde não cessão de haver descantes, e concêrtos de muzica, que muito convida a atenção, e he para onde concorre tudo que ha de mais brilhante no arraial, a frescura do sitio, o concurso da gente, a harmonia das vozes, tudo convida a os Romeiros a disfrutar as âilicias de tão aprazível local.

No tôpo deste passeio se acha huma escada de pedra, com sinco lanços, sendo o primeiro, e o ultimo de sete degraus, e os trez de 6. Subindo-se mais dois degraus se entra na Caza chamada da agôa, toda lageada, e de feito oitavada (sextavada e não oitavada), com assentos de pedra ao redor, e fronteiro à entrada da Caza se vê hum bello tanque de marmore aonde cahe a agôa da bôca de huma gorita com seis janellas, por ser sextavada, e por cima dos assentos até meia parede he esta coberta de azulejo com varias pinturas. A Orta fica ao entrar da alameda da parte direita, he toda murada, e fechada com porta, cuja chave conserva o ortelão, o qual dá gratuitamente tudo quanto nella se cria, tem esta orta seus taboleiros com latadas, e ruas de loureiro, bucho, e alecrim; circulão toda ella alegrêtes de flores, e tem janella para a parte do chafariz» (87).

A horta-jardim articulava espaços de diferentes atmosferas, recantos de prazer e áreas de produtividade. Os canteiros de arbustos aromáticos comungavam directamente com a casa de fresco.

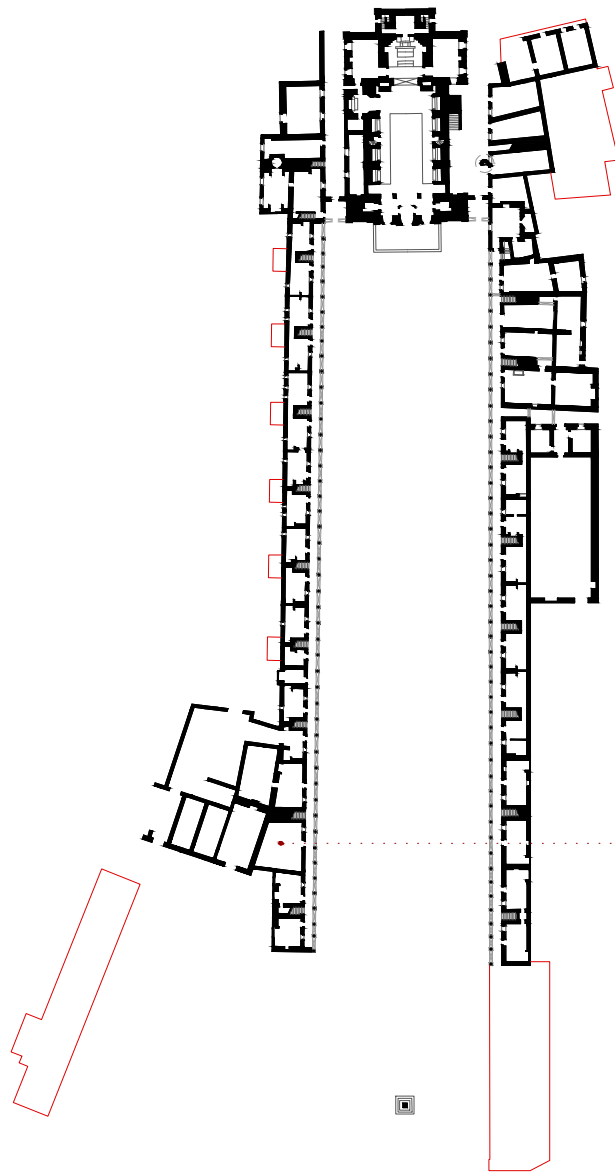
Para fazer chegar a água a este local foi, juntamente com a Casa da Água, mandado construir um aqueduto com aproximadamente 2,5Km, capaz de transportar no seu interior a água proveniente de um ramal de nascentes na povoação da Azóia. A sua principal nascente localiza-se em Casais da Azóia, no chamado poço velho. Aqui salienta-se a presença da mãe d'água, de características próximas à da Casa da Água. No seu interior existe uma escada de 4m que «desce até à conduta que transporta a água até ao santuário» (88). O aqueduto é composto por caixas de visita, numa estrutura enterrada e de troços visíveis assentes em arcaria.

O fornecimento de água ao Santuário fortaleceu a permanência dos romeiros. Trouxe não só a água potável, para beber, mas também a água para o cultivo, essencial em terras tão inhóspitas como as deste promontório.

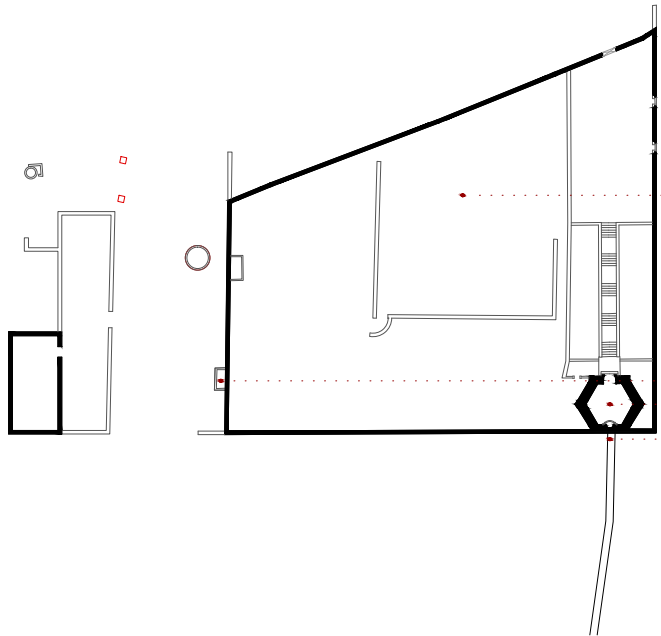
(86) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 155.

(87) Idem, p. 67.

(88) PATO, Heltor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim* . Cit. 4, p. 272.



Novas hospedarias adossadas à possível capela.



Horta.

Chafariz das duas bicas.
Casa da Água, 1770.

Aqueduto.

Construção
Conjectura
Construção inexistente
Conjectura inexistente
Implementação actual

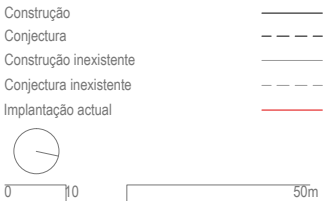


Em 1790, a sul do Santuário, foi construído um farol - o farol do Cabo Espichel (89). O farol «foi feito no anno de 1790, para servir de guia aos Navegantes mostrandolhes os perigos daquelle costa que devem acatular» (90). No início da estrada que lhe dá acesso, próximo do poço *pequeno*, foi igualmente construído um portão de ferro ladeado por duas colunas.

(89) A preocupação relativa à orientação dos navegadores remonta ao início do XVI. Pequenas torres ou o simples uso de fogueteiros em lugares conspicuos eram mantidas pelas comunidades piscatórias e, mais tarde, pelas imandades religiosas. A primeira estrutura classificável como um farol só terá sido erguida em 1528 na faz do Rio Douro pelo Bispo D. Miguel de Silva. A 1.º de Fevereiro de 1758, por alvará do Marquês de Pombal, foi constituído oficialmente o Serviço de Farolagem que consequentemente ordenou a construção de faróis ao longo da costa, principiando o Farol de Nossa Senhora da Luz em 1761. MARINHA - Direcção de Faróis. Direcçaoafaros.marinha.pt, 2012, disponível em: <http://direcçaoafaros.marinha.pt/PT/History/1/Paginas/Historia.aspx>. Acesso em 1 de Março de 1013.

(90) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memorias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 68.

(91) *Idem.*, p. 167.



Santuário em 2013

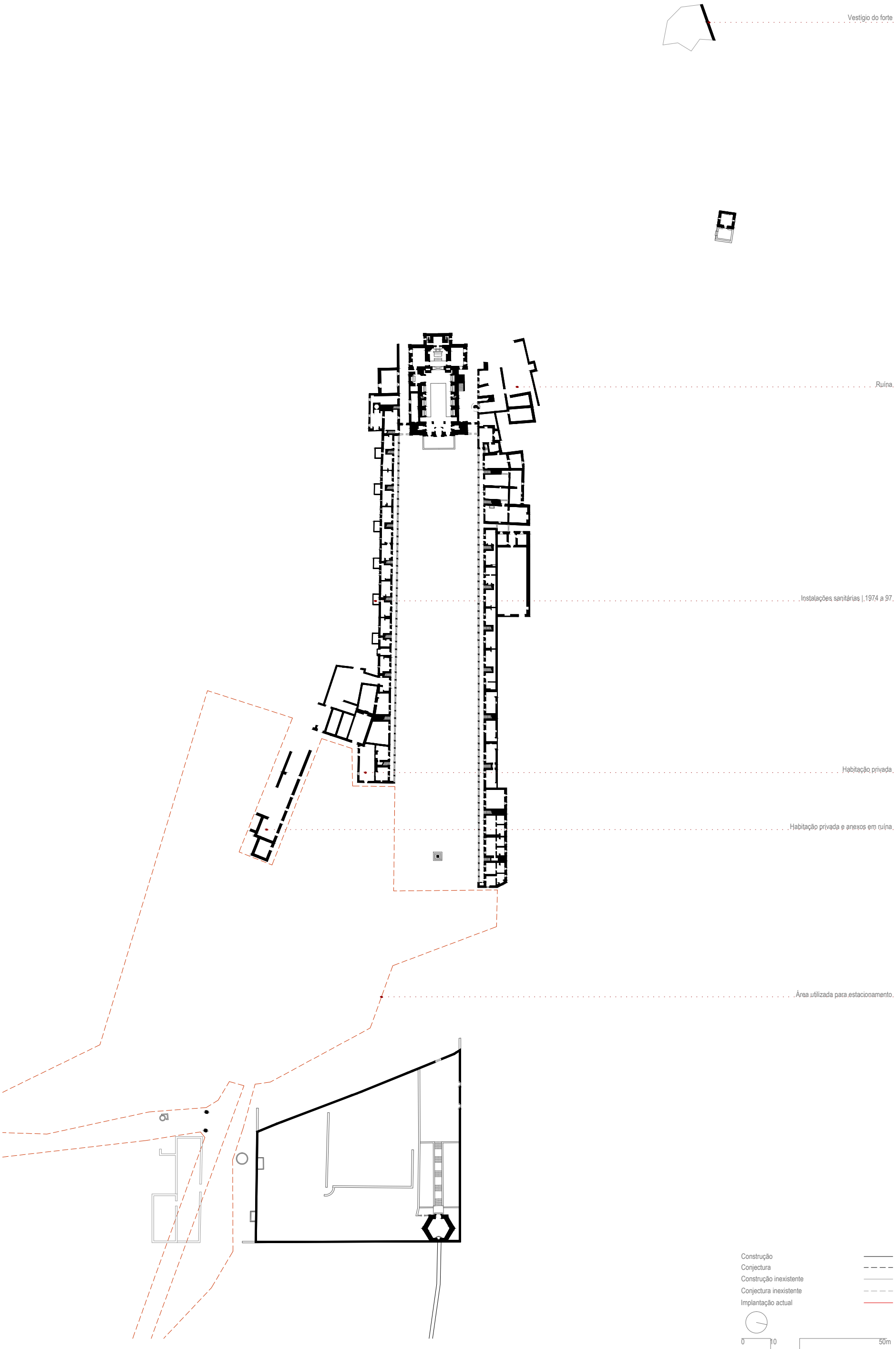
Após 1794, poucas foram as obras realizadas no conjunto. Uma habitação privada foi acoplada à ala sul e, na sua proximidade, outra. Contudo, em meados do século XIX, o Santuário assiste ao abandono das suas gentes, em certo modo proporcionado pela ida da corte para o Brasil. O forte, que em 1800 ainda se mantinha conservado ⁽⁹²⁾, deixa-se levar arriba abaixo. O estábulo próximo da Casa da Água é demolido, as casas dos romeiros arruinaram-se com o tempo, a casa da ópera foi deixada ao abandono. O Santuário entra em decadência.

Em 1974, após a Revolução, o abandono progressivo do conjunto atingiu o seu auge. O santuário foi ilegalmente ocupado por sesimbrenses que se serviram do conjunto durante largos anos como habitação permanente ⁽⁹³⁾. Esta ocupação ilegal levou a que o interior das hospedarias sofresse alterações demasiado intrusivas. De igual modo, no exterior, servindo de instalações sanitárias, foram criados um grande número de anexos.

Hoje, e apesar das obras até então realizadas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e a Câmara Municipal de Sesimbra, o Santuário encontra-se esquecido, desprovido de vida, ignorado e abandonado.

⁽⁹²⁾ [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* - Cit. 15, p. 65.

⁽⁹³⁾ [PATO, Heitor Baptista] - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim* - Cit. 4, p. 304.



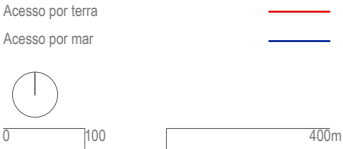
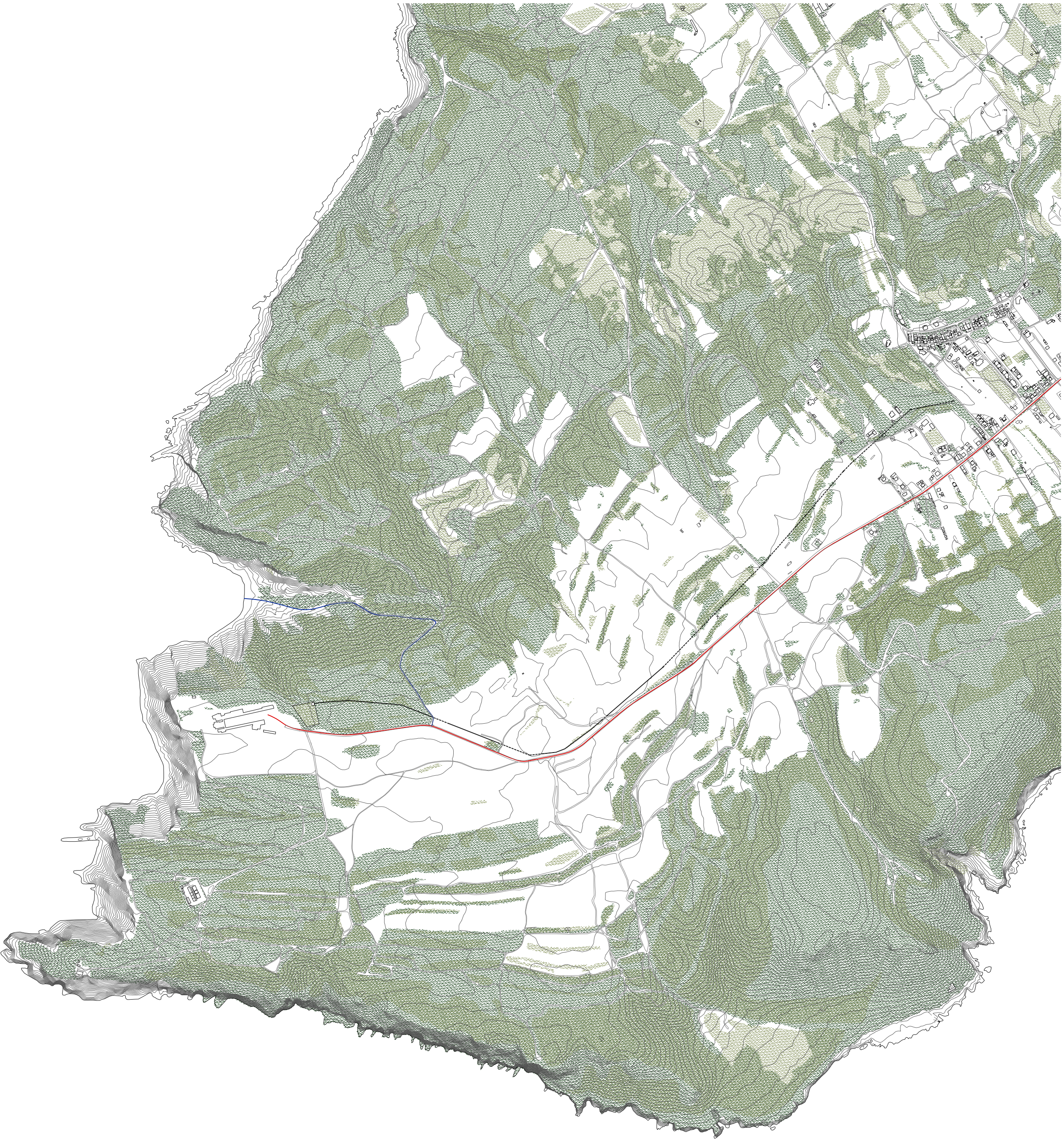
6. RECUPERAÇÃO DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO CABO

Actualmente assiste-se a um novo paradigma na relação com o património e no modo como se pretende que este esteja disponível e acessível. Esta nova perspectiva tem conduzido a uma transformação das suas construções, tornando-o compatível com as necessidades actuais - conforto térmico, iluminação natural e artificial, ventilação, adequação a novos programas, etc.. Esta atitude conduz a uma excessiva pressão sobre os monumentos e a uma manipulação intrusiva nas suas estruturas. Como consequência desta acção verifica-se uma excessiva manipulação do significado dos edifícios, contribuindo largamente para a destruição do que realmente se pretendia recuperar ou conservar.

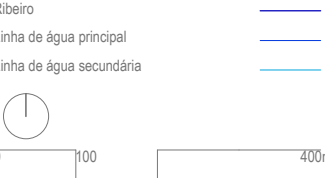
É no seguimento desta reflexão que se pretende que a intervenção no Santuário da Nossa Senhora do Cabo, aqui apresentada, possa ser lida como um modelo alternativo, cuja metodologia com as devidas adaptações, poderia eventualmente ser aplicada em casos similares.

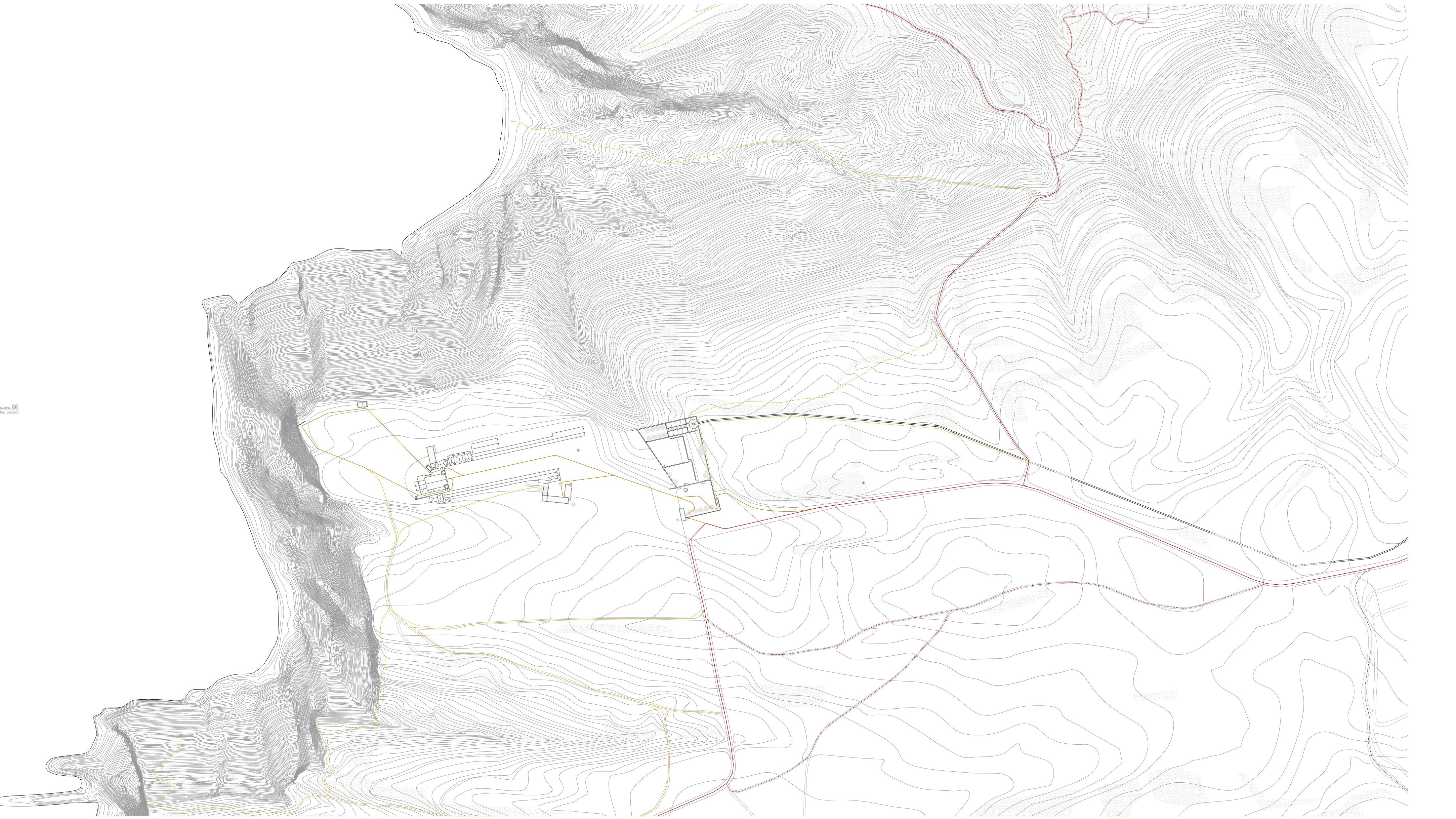
Com a realização deste projecto pretende-se não só restabelecer a vocação primordial de santuário de peregrinação, como também propiciar uma experiência genuína a um turista alternativo. Conjugando o sentido sagrado - vincado pelo culto que ainda hoje se mantém - com o sentido profano - razão pela qual se constituiu neste promontório um grande terreiro designado de arraial -, pretende-se proporcionar ao novo visitante uma experiência autêntica. Deste modo, pretende-se que o projecto de arquitectura de recuperação do conjunto, baseado na evolução morfológica a que o santuário se foi submetendo ao longo dos tempos e no seu uso secular, possa estabelecer uma continuidade em relação ao passado, e um passo em direcção ao futuro. Para tal, deseja-se que a sua condição de permanência temporária seja mantida ao longo de todo o ano, albergando não só os seus devotos, como também outros curiosos que nele entendam pernoitar.

Existente - planta topográfica



Existente - Sistema hídrico



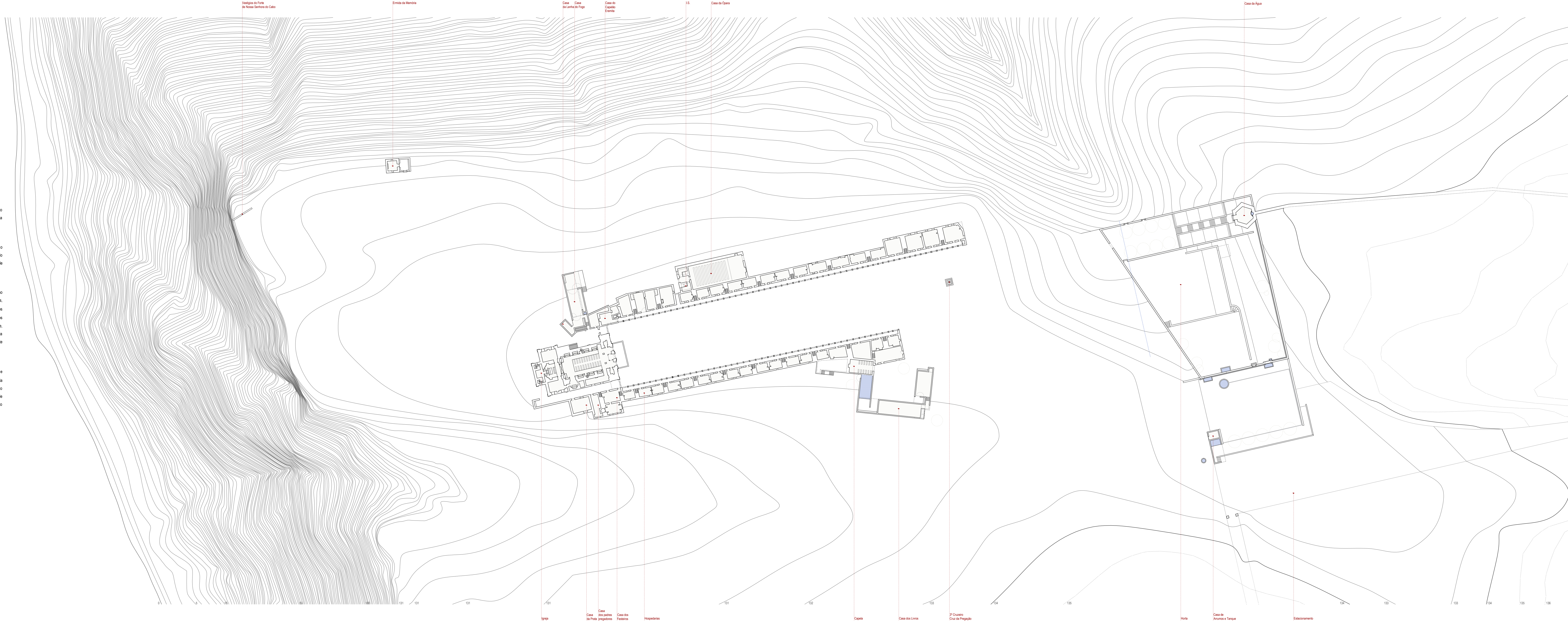


O Santuário da Nossa Senhora do Cabo, embora tenha sido, ao longo dos tempos, submetido a regimes de construção que induziam a um crescimento ordenado e constante, tem atravessado, nos últimos anos, um período de acentuada degradação. Do mesmo modo, é evidente a descaracterização do percurso que lhe dá entrada.

O outrora, a simples colocação de três cruzeiros em local alto permitia mostrar, a quem visitava esta terra de fim, o percurso de aproximação ao santuário. Hoje, apenas um se conserva integralmente. Os outros, afastados do santuário, encontram-se bastante danificados e cobertos por vegetação. Com o desejo de intensificar o processo de entrada no conjunto, pretende-se que estes elementos sejam recuperados e recolocados no seu devido lugar.

Hoje - e apesar de cada vez mais a aproximação ao conjunto ser realizada principalmente de automóvel -, muitos são aqueles que, graças à devoção ou à admiração pelas características do lugar, o fazem a pé. Em tempos, intermediando a aproximação ao santuário, existia, na proximidade da Casa da Água, um local de apeamento para osromeiros. Este local seria um ponto fulcral na aproximação ao santuário. Continuando o restante percurso a pé, osromeiros - após uma breve interrupção e simbolicamente purificados pela presença da água - realizavam, finalmente, a entrada no grande arraial. Em meados do século XX, com a demolição do casarão e do estábulo que delimitava este local e com a construção da estrada, esta experiência perdeu-se. Neste projecto, pretende-se recuperar este momento de paragem na aproximação ao conjunto, voltando a integrar a presença da água.

À semelhança da estrutura murada da Casa da Água e da estrutura que anteriormente existiu neste ponto - casarão e estábulo -, constrói-se um muro baixo, rematado a poente por um pequeno volume que, recolhendo as águas da cobertura, permitirá a irrigação das árvores propostas. Esta estrutura intermediária na aproximação ao santuário permite não só a delimitação deste espaço, como também a reintrodução da água - recuperação da estrutura de abastecimento de água. Por outro lado, evitando a aproximação intrusiva do automóvel e valorizando a aproximação pedonal, é estabelecida uma zona de estacionamento, a sul.

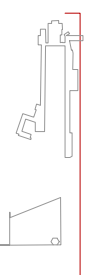
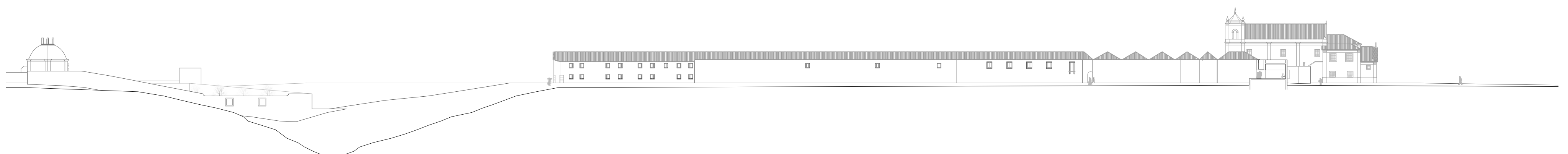
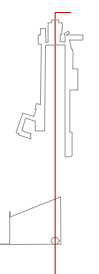
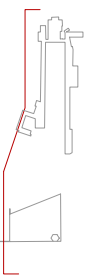
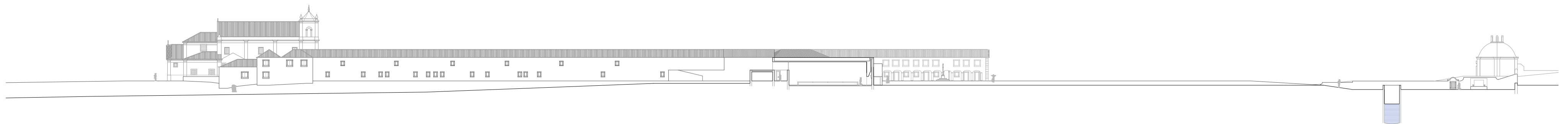
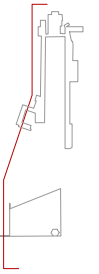
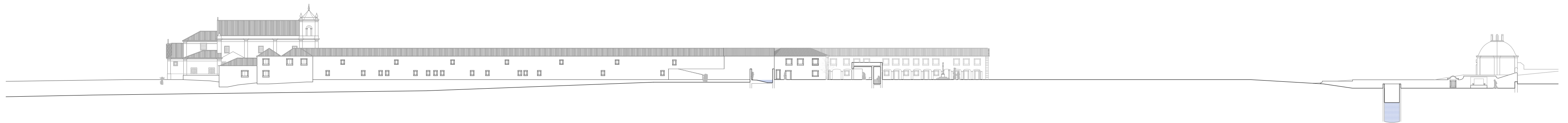
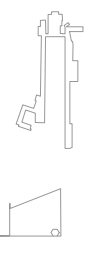
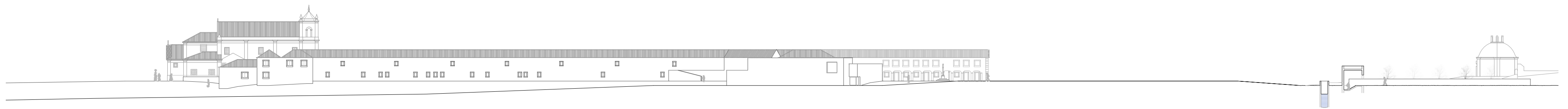


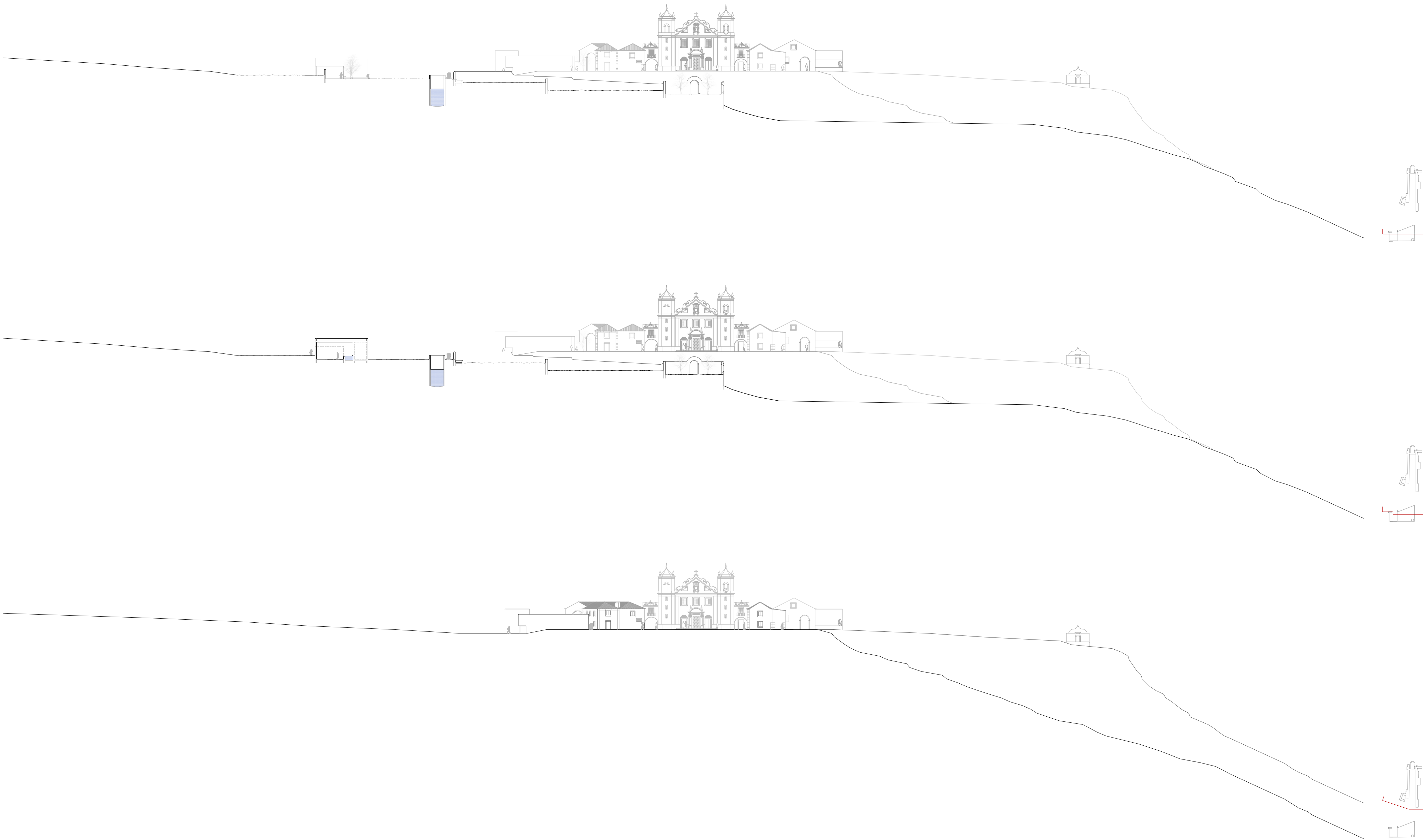
Página 90
Pag. Contable

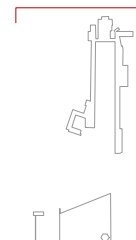
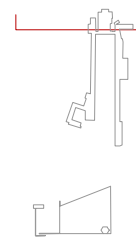
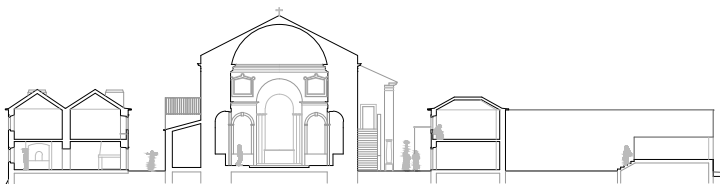
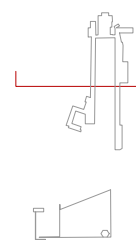
Página 90
Pag. Contable

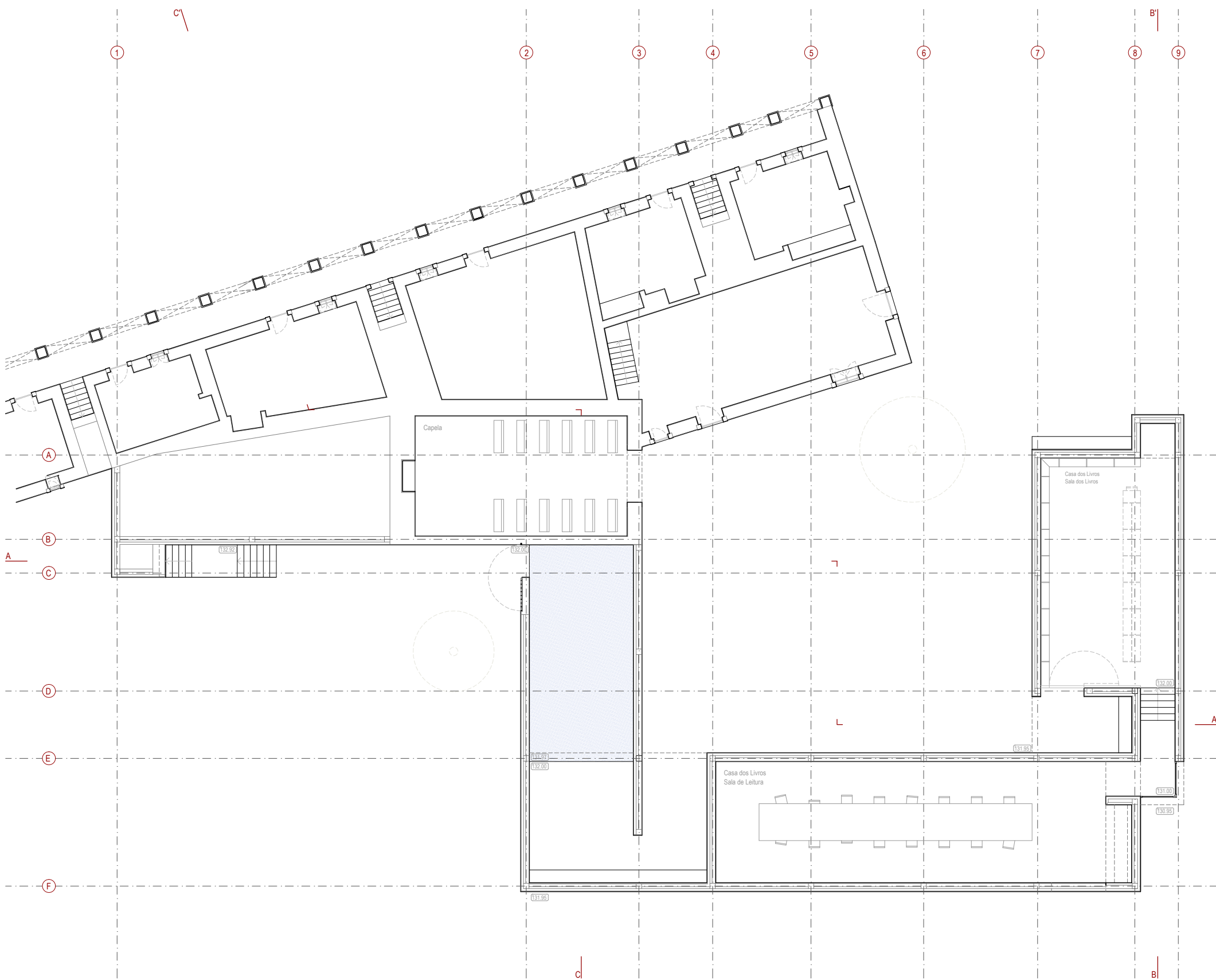
Página 90
Pag. Contable











Dada a necessidade de corrigir esta situação, há que demolir a ruína aí existente, bem como construir uma nova estrutura que não só defina claramente a entrada do arraial, como também contribua para uma beneficiação da área que envolve a hipotética capela, restituindo-lhe a sua função original. Para tal, e aceitando a rotação que o santuário apresenta relativamente a esta pequena capela, criou-se um adro. Este espaço, delimitado pela estrutura do santuário já existente e pela nova construção - Casa dos Livros -, constitui um ponto de transição em relação ao vasto promontório. Aqui, a passagem é assegurada pela presença de um tanque que, embora contenha água, é passível de ser transposto, por conter, em parte, uma fina camada de água. A paisagem revela-se após a sua passagem, ao que se segue a um pequeno miradouro.

A Casa dos Livros permite acrescentar ao santuário um novo programa que intensifica o seu carácter lúdico - à semelhança do que acontece na ala Norte, com a Casa da Ópera - e reforça o sentido comunitário do conjunto.

A Casa dos Livros divide-se em dois espaços de dimensões e cotas distintas, interligados entre si. O acesso ao seu interior, conduzido pela colocação de uma árvore, é feito através do novo adro, passando por um espaço coberto que contém um banco protegido do sol fustigante. O primeiro espaço considerou-se ser a sala dos livros. É neste espaço que os livros se encontram conservados, prontos a serem lidos pelos curiosos. Descendo umas escadas que revelam o exterior por um vão rasgado, é feita a entrada na sala de leitura. Esta sala, iluminada por vãos que não permitem o contacto com o exterior, apenas se encontra ocupada por uma grande mesa de leitura, algumas cadeiras e uma lareira.

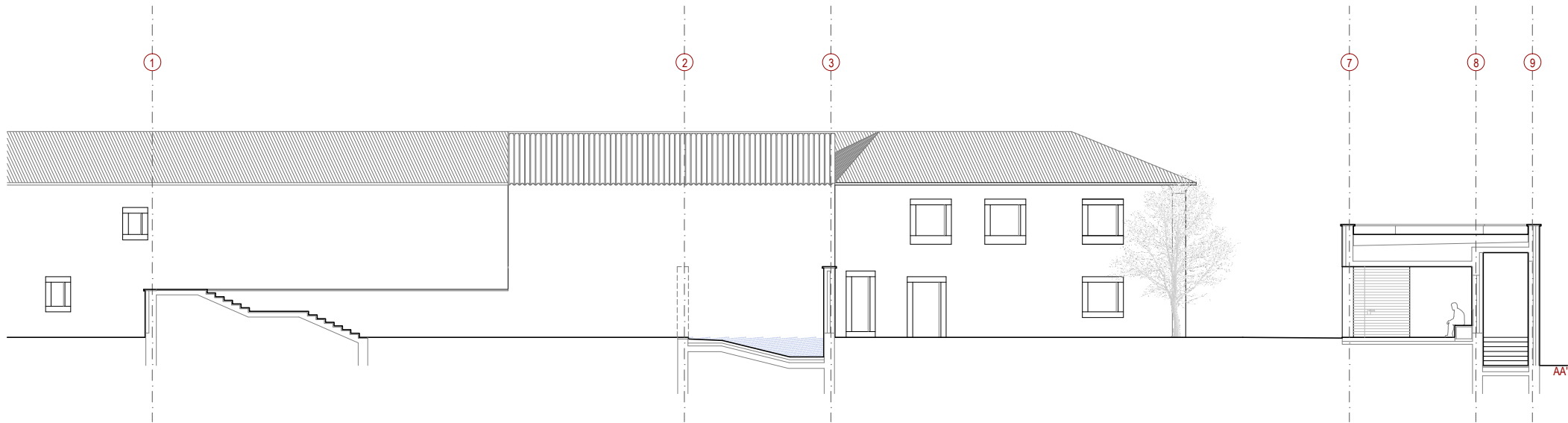




Fig. 53 Fotomontagem - Casa dos Livros e estrutura existente.



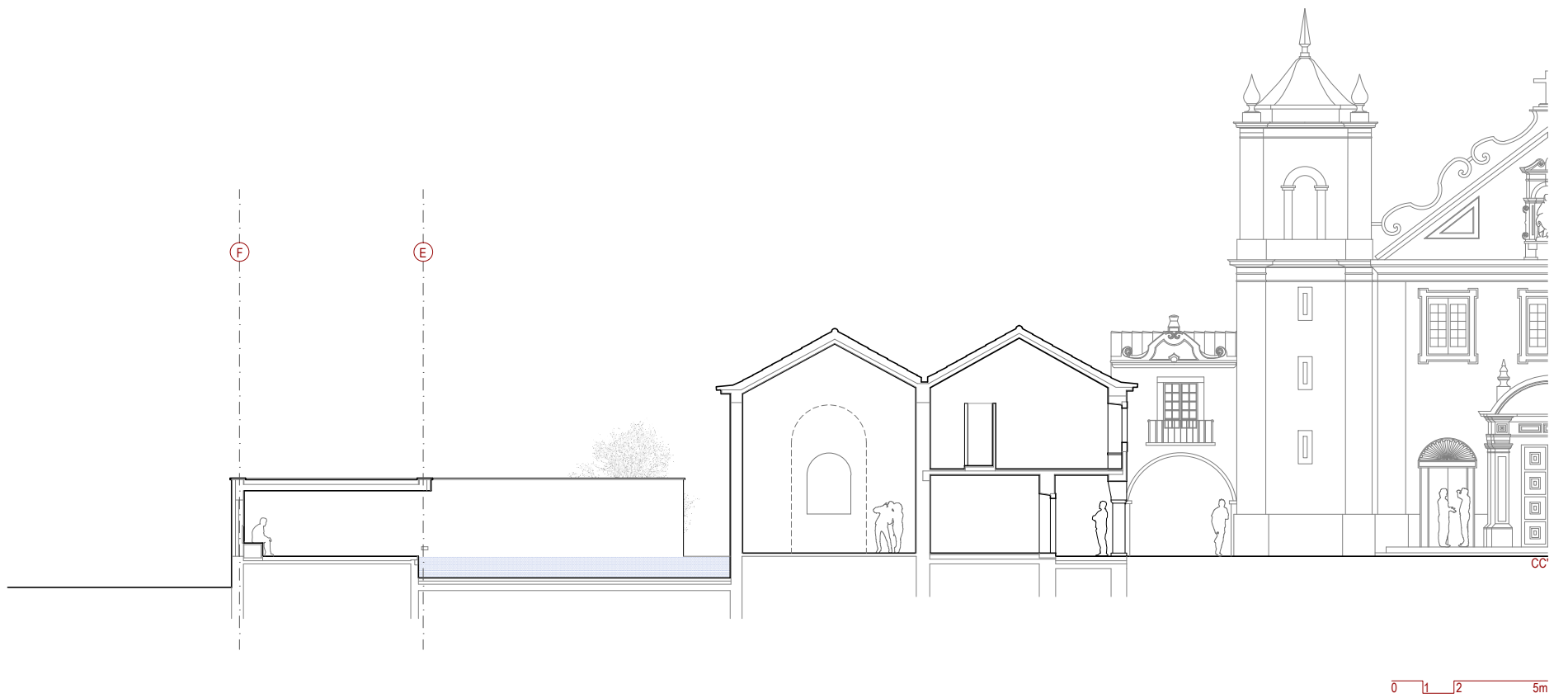
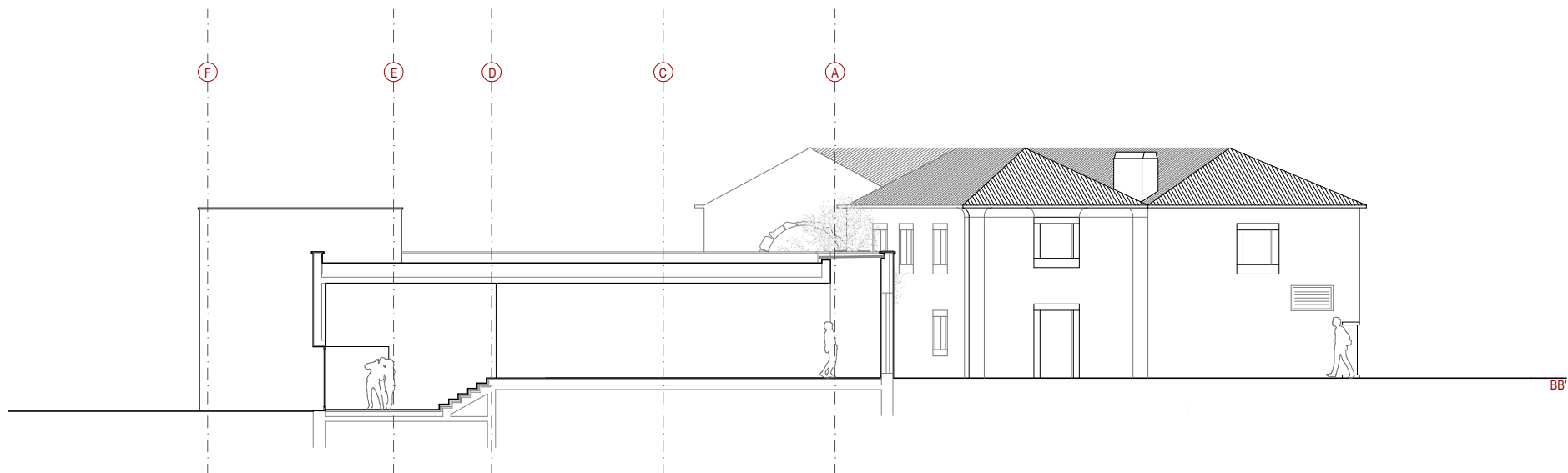
Fig. 54 Fotomontagem - Casa dos Livros (sala dos livros)

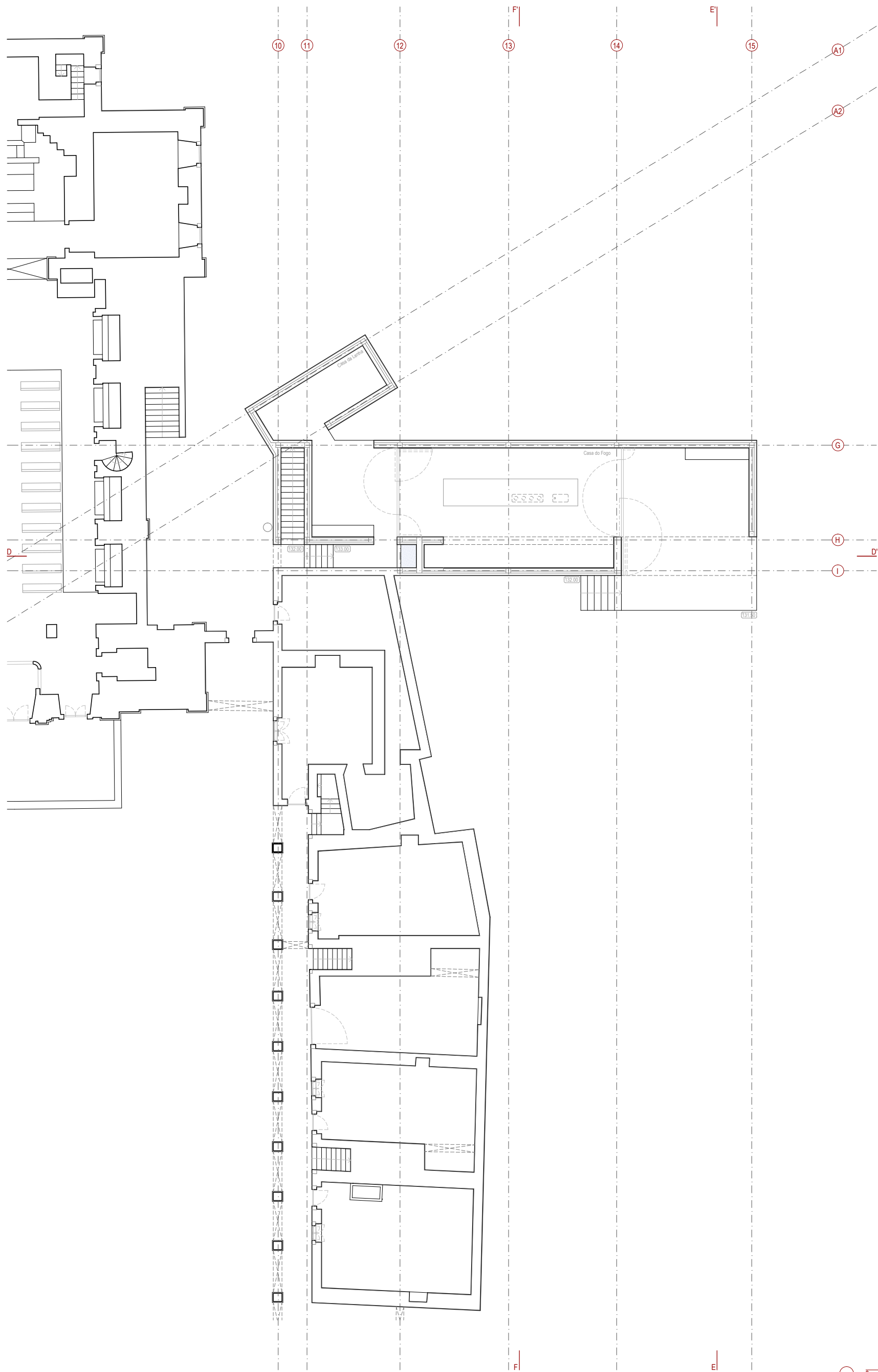


Fig. 55 Fotomontagem - Casa dos livros (sala de leitura)



Fig. 56 Fotomontagem - Tanque





No topo Poente da ala Norte das hospedarias, são demolidas todas as ruínas e anexos, e é construído um novo volume.

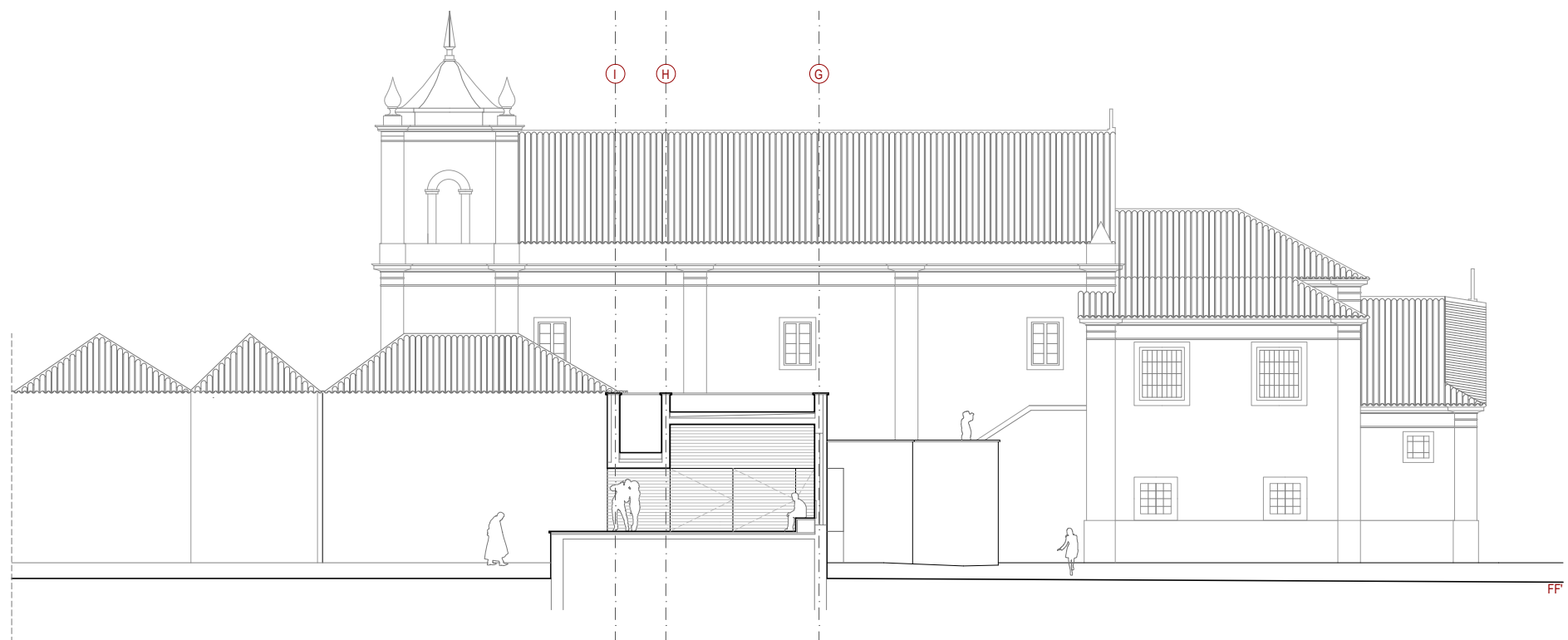
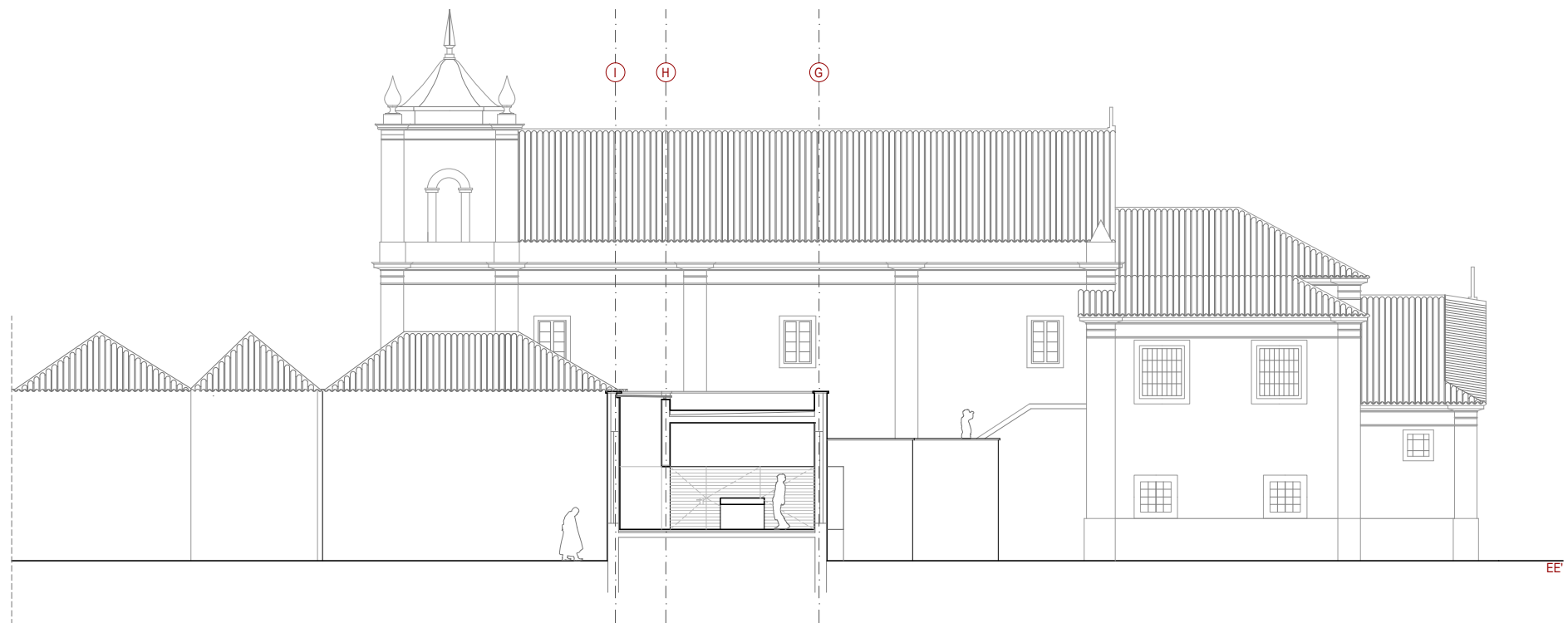
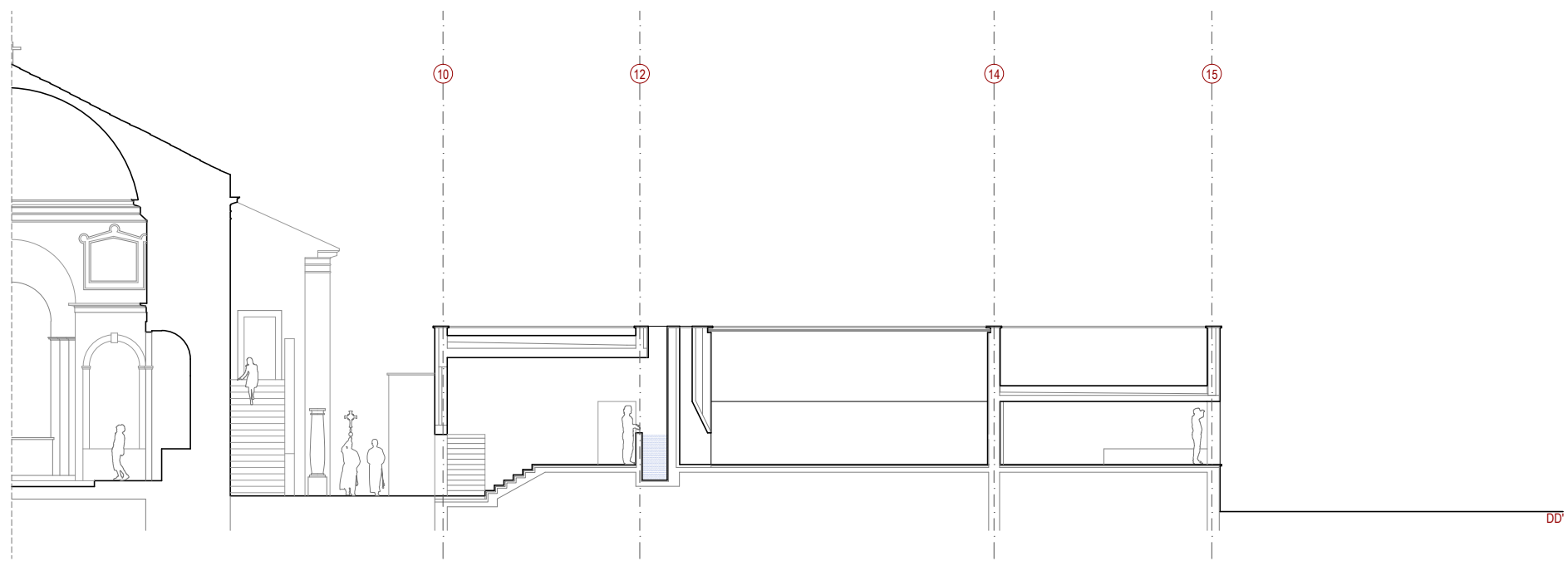
Com a construção deste novo volume - perpendicular à ordem evolutiva do corpo de hospedarias - pretende-se reconfigurar a passagem do interior abrigado do arraial para o desabrigado promontório e, do mesmo modo, redesenhar o movimento natural de encaminhamento em direcção à Ermida da Memória.

Este novo volume adota-se à Casa do Capelão Eremita - responsável pelo Santuário - e, no seu encosto, é desenhada a sua entrada. Após a subida por uma pequena escada surge, iluminado por uma luz zenital - de onde cai água quando chove - um tanque. Nele se lavam as mãos. Entramos para um pequeno pátio que, por sua vez, serve o espaço da cozinha comunitária. Aqui, todos poderão cozinhar, à semelhança de outros tempos - quer os ingredientes trazidos para o local, quer os cultivados nos terrenos da horta que ladeia a Casa da Água, que também se pretende recuperada.

Este novo corpo permite o acesso directo ao promontório por uma zona coberta, no seu topo Norte, e, de certo modo, indica o acesso à Casa da Ópera e consequentemente o acesso ao interior do arraial pelo túnel. Já a passagem entre a nova construção e a igreja pretende-se intensificadora no que diz respeito à revelação do promontório. Neste sítio é proposto um pequeno miradouro, ao qual se acede por uma escada que, pela sua rotação em relação à estrutura, indica a direcção da ermida, tal como o fazia a construção de outrora.



Fig. 57 Fotomontagem - Casa do Fogo e estrutura existente.



0 1/2 5m

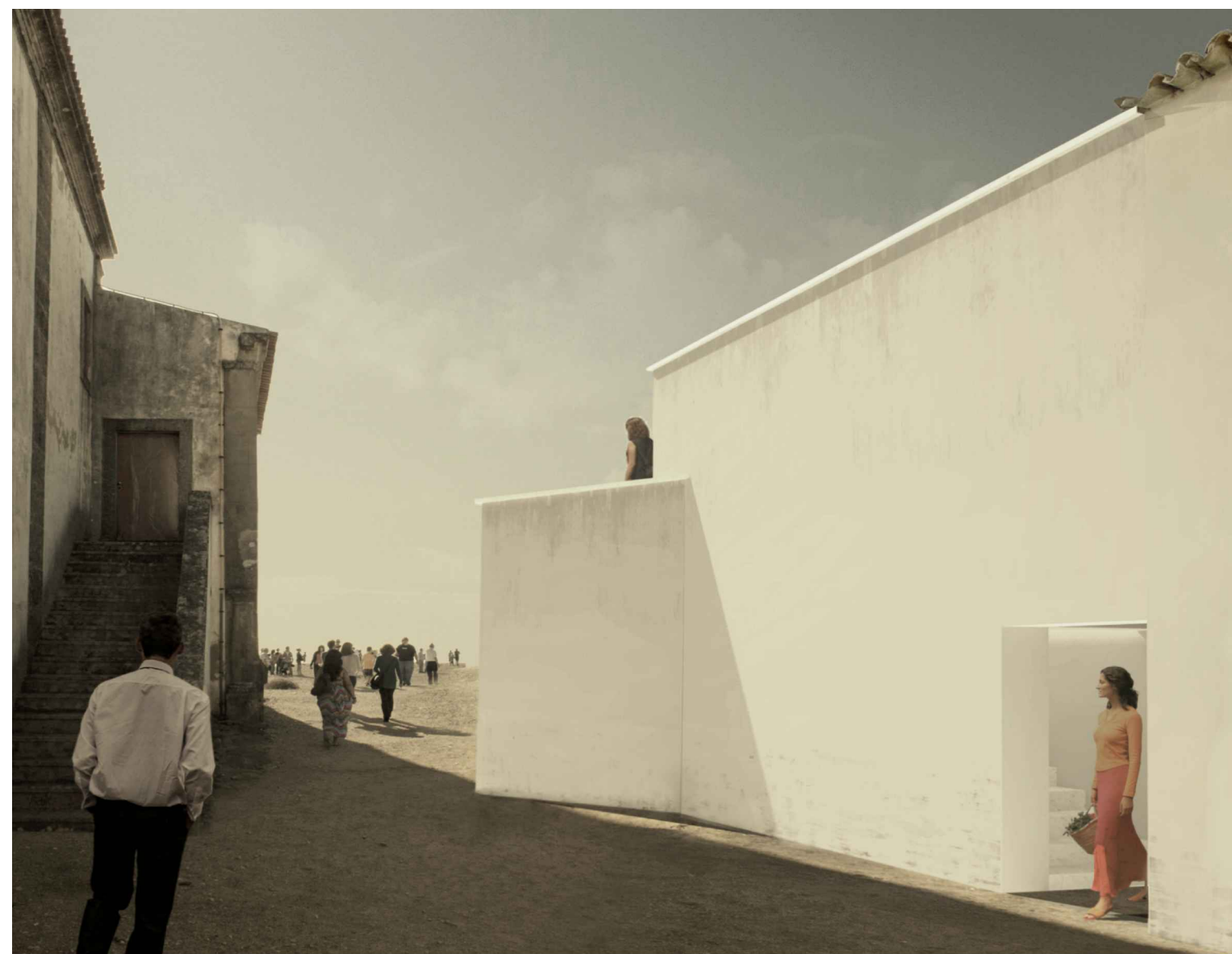


Fig. 58 Fotomontagem - Passagem para o promontório.

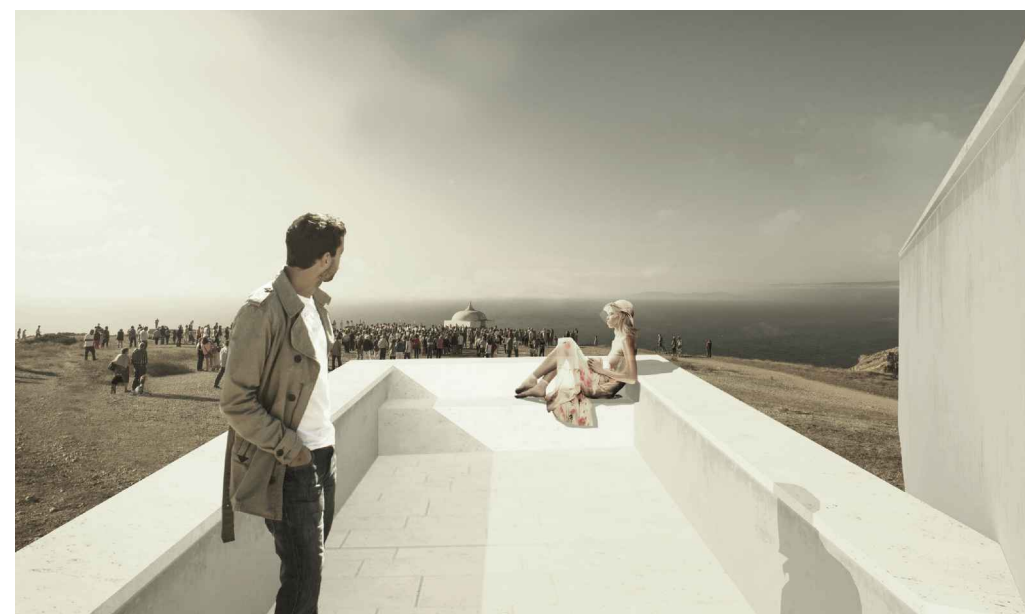


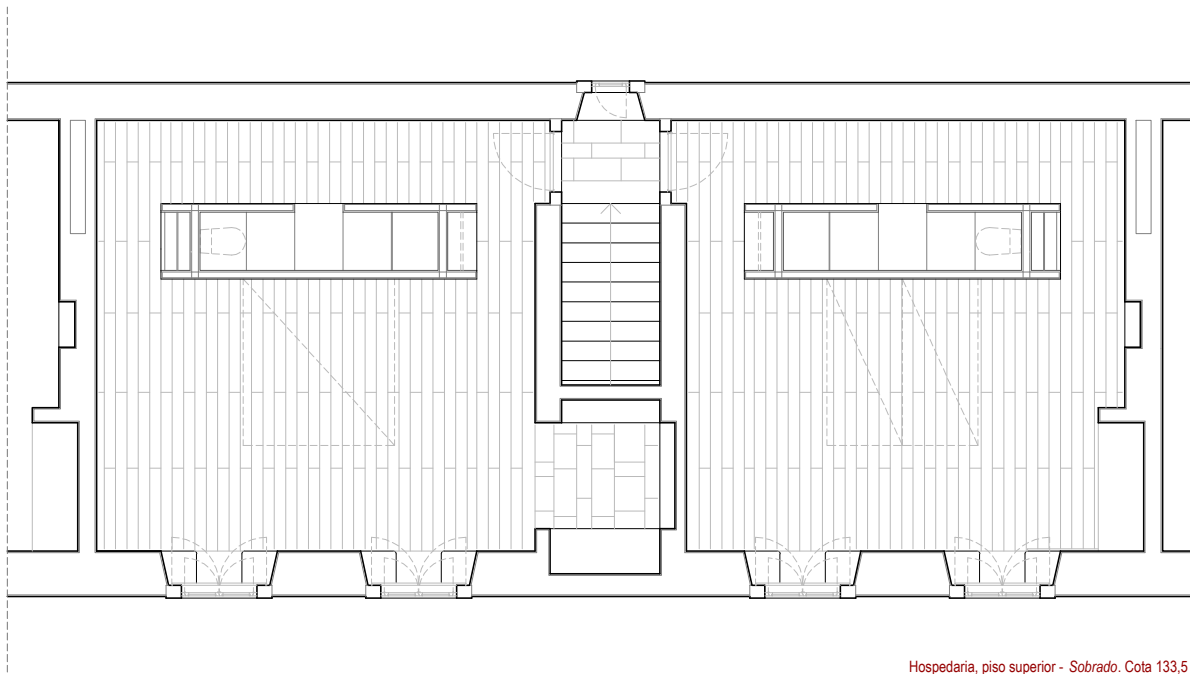
Fig. 59 Fotomontagem - Casa do Fogo (miradouro).



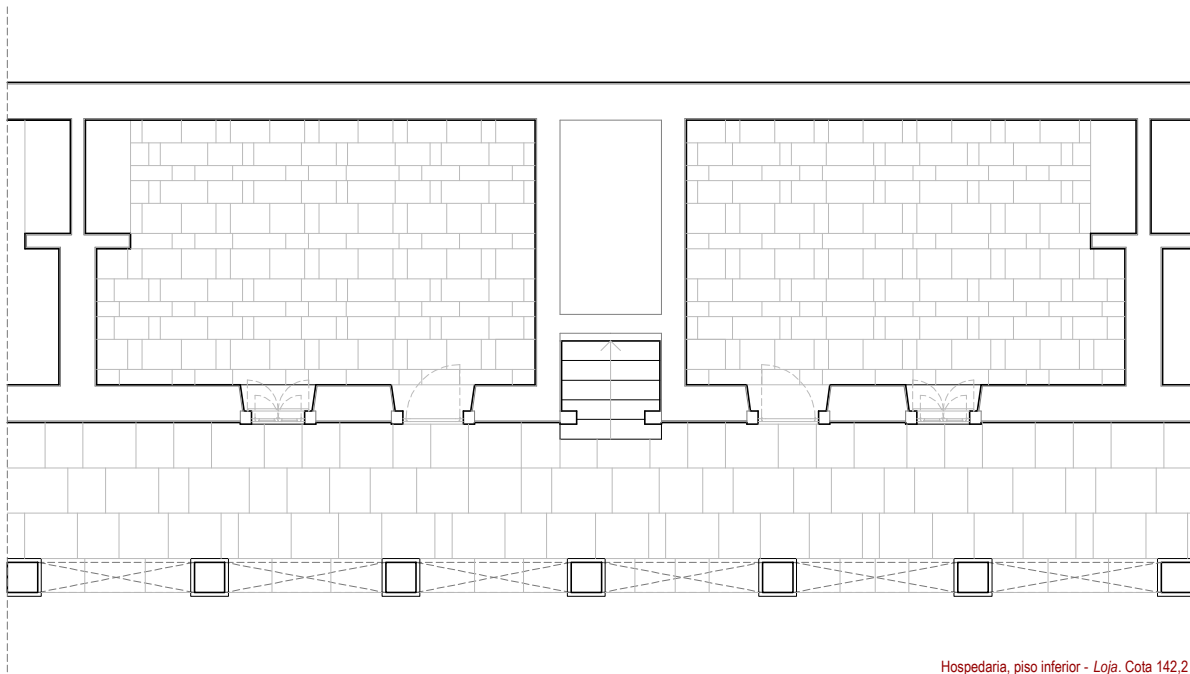
Fig. 60 Fotomontagem - Acesso Casa do Fogo.



Alçado - módulo hospedaria



Hospedaria, piso superior - Sobrado, Cota 133,5



Hospedaria, piso inferior - Loja, Cota 142,2

Ao longo do séc. XX, estando o Santuário ocupado, foram-lhe sendo acoplados diversos anexos, utilizados como instalações sanitárias. Estas estruturas, ainda hoje visíveis na ala sul, deverão agora ser demolidas. E, considerando que a cada hospedaria, em conformidade com as habitações de arquitectura popular da região salaio, corresponde uma *loja* - espaço de estar - e um *sobrado* - espaço de dormir -, passa agora a corresponder um módulo de instalação sanitária, no seu interior.

Com a criação deste módulo pretende-se acomodar todas as infra-estruturas necessárias - sistema de abastecimento de água, saneamento e electricidade. Este módulo - construído em alvenaria, caiado pelo exterior e revestido em pedra lioz no seu interior - permite responder às actuais necessidades de higiene, sem que se recorra a uma subdivisão dos espaços - situação que se verifica actualmente como consequência da ocupação ilegal.

Em sequência do estudo que permitiu uma compreensão objectiva do programa original deste conjunto, é proposto que muitos dos espaços originais sejam recuperados: Casa do Capelão Eremita (habitação do padre responsável pelo conjunto), Casa da Prata (espaço de reunião para a confraria), Casa dos Padres Pregadores (habitação oferecida aos padres e a outros representantes da igreja que se encaminham com o desejo de pernoitar neste local), Casa dos Festeiros (habitação para os romeiros que organizam as festividades a Nossa Senhora do Cabo), Casa da Ópera (espaço lúdico de representação e reunião), Hospedarias (habitações para os que se encaminham e desejam pernoitar no promontório), Casa da Água e toda a estrutura adjacente.

Axonometria

Cobertura | *cola 149,6*

Sobrados | *cola 136,4*

Casa do Fogo

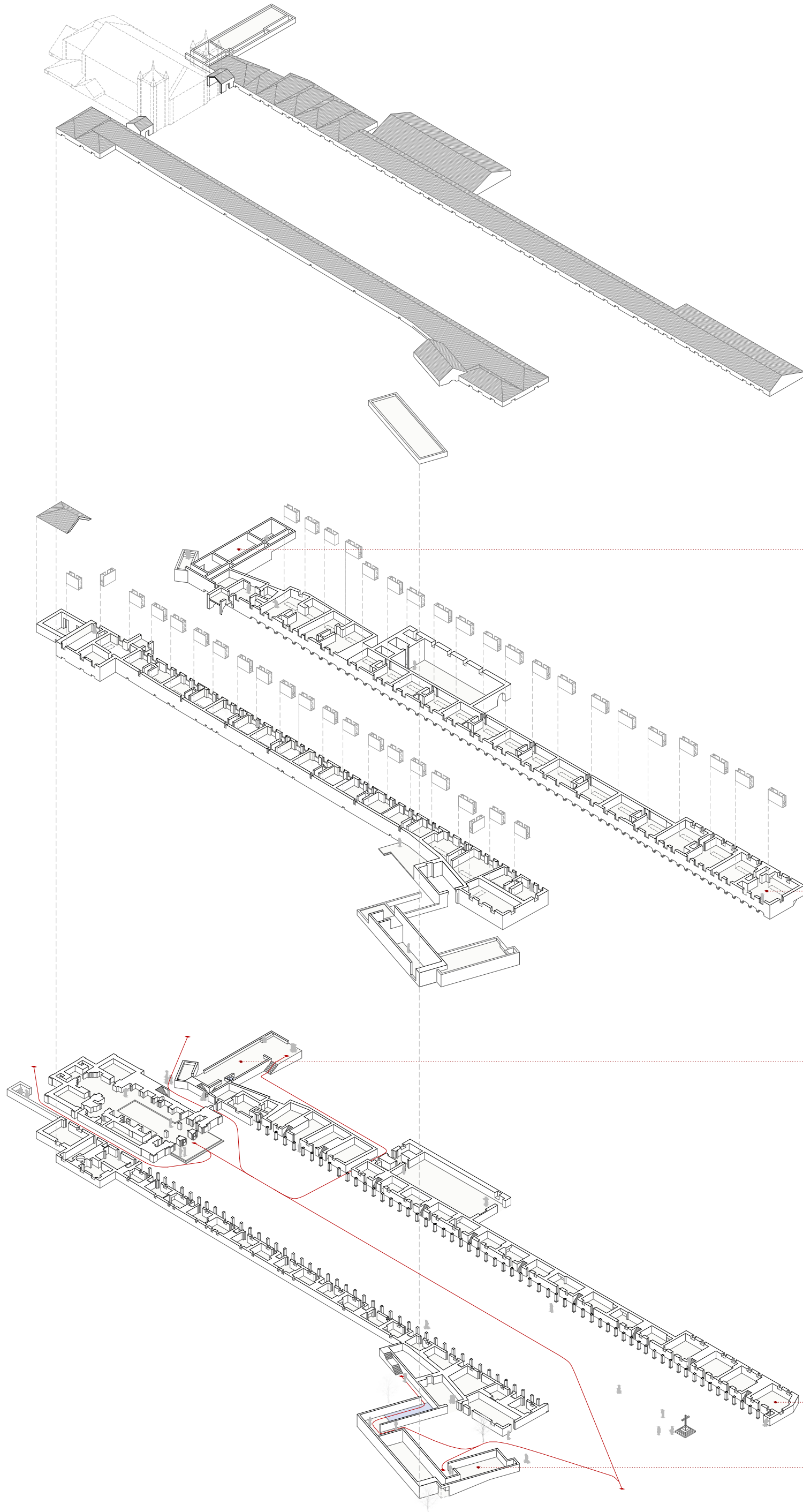
Sobrados

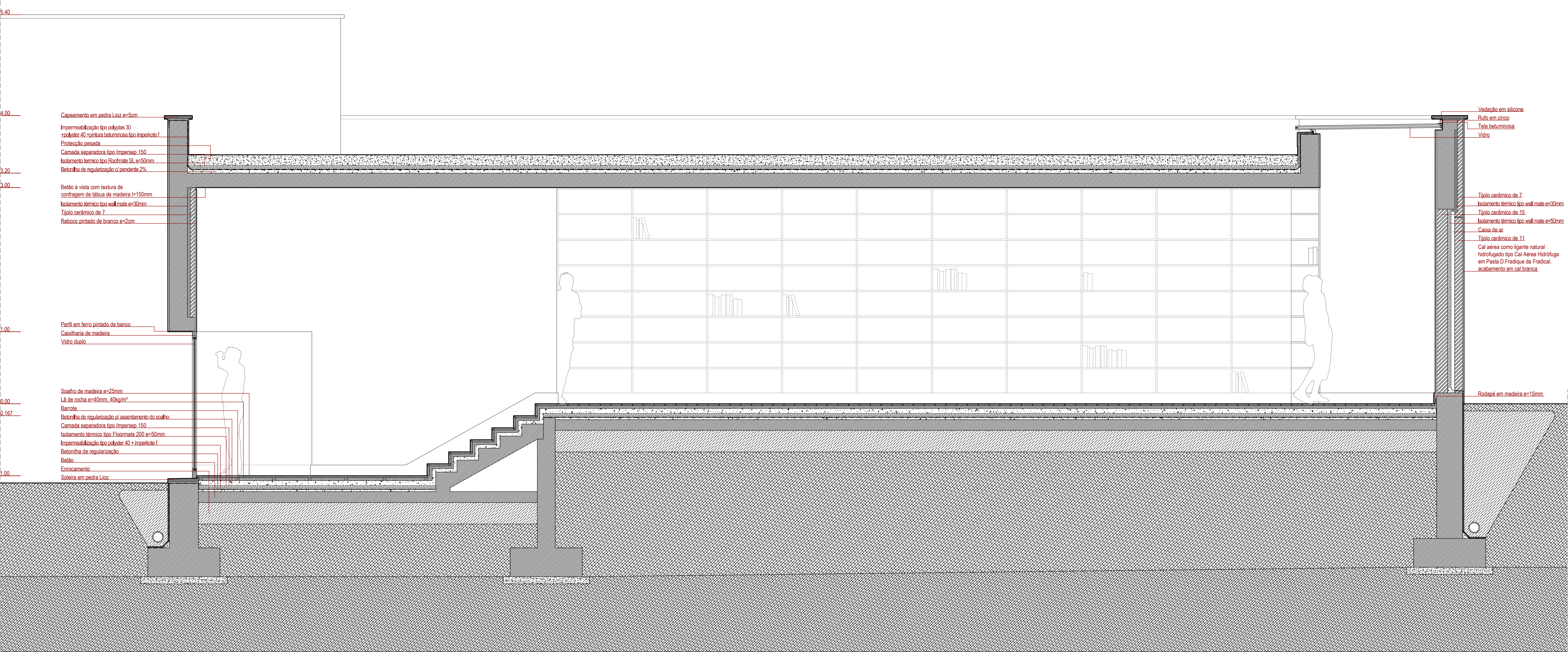
Lojas | *cola 133,5*

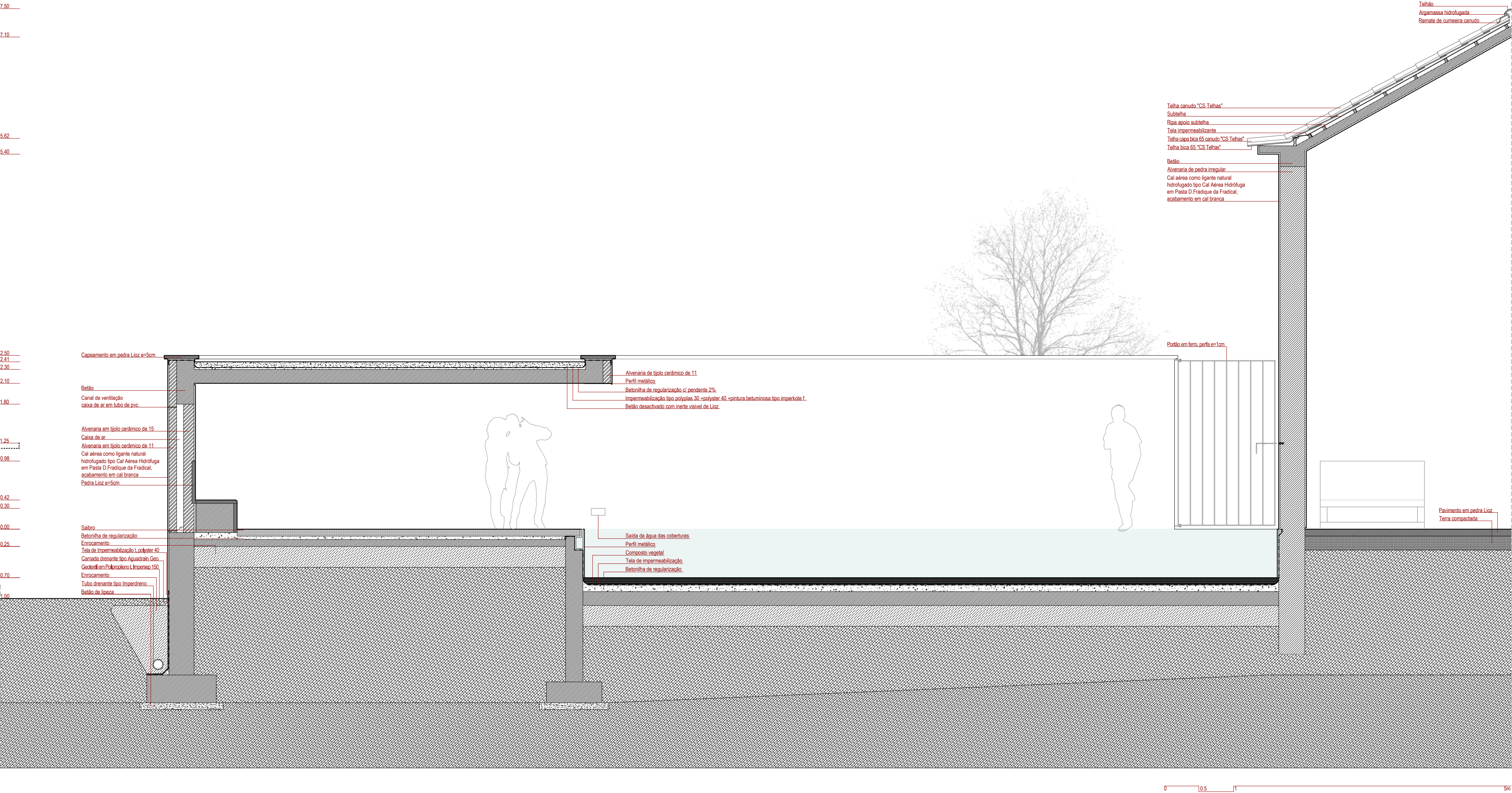
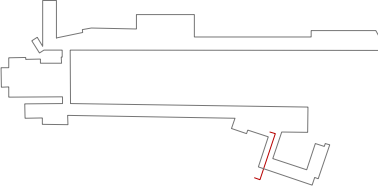
Casa do Fogo

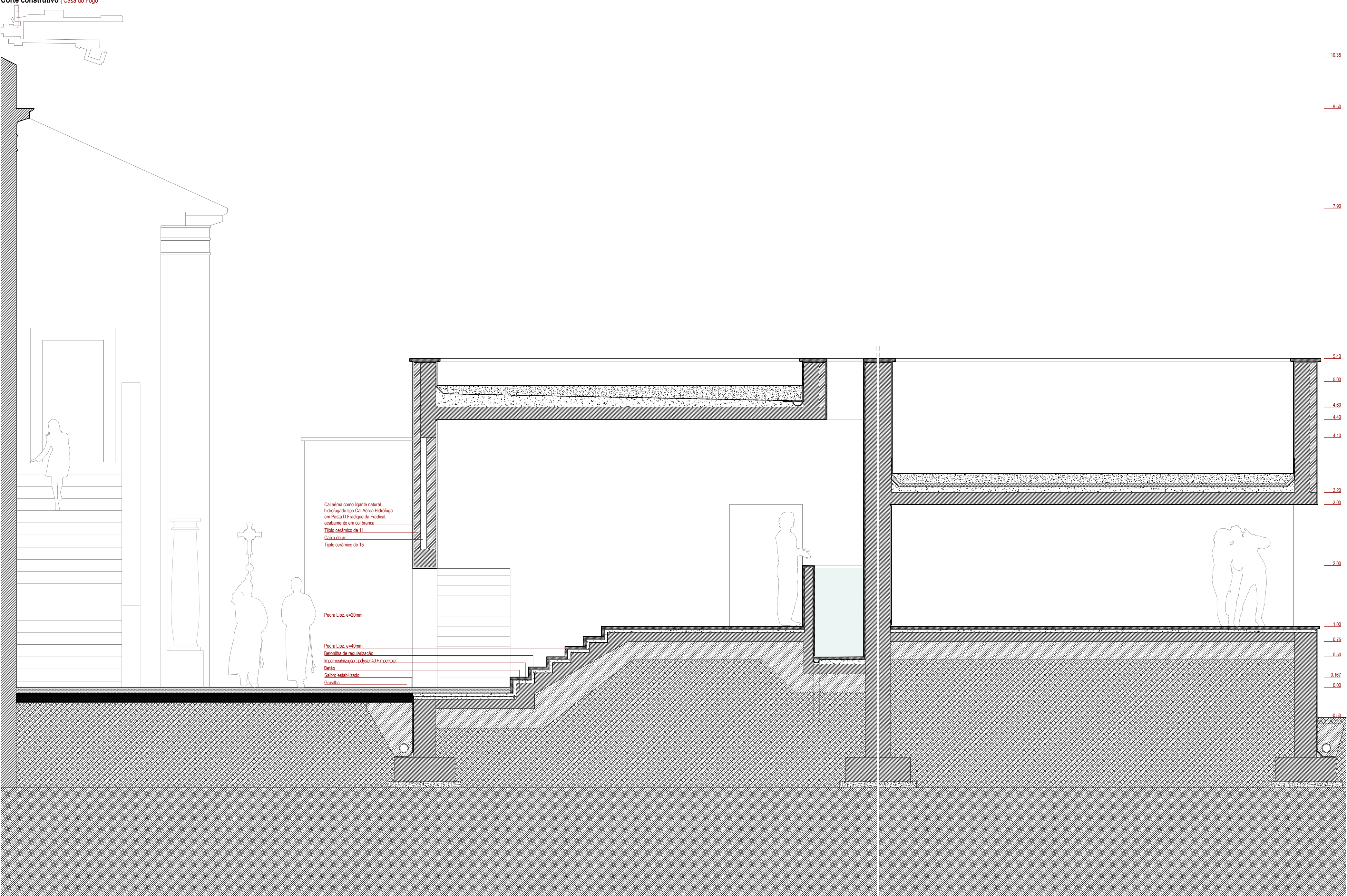
Loja

Casa dos Livros









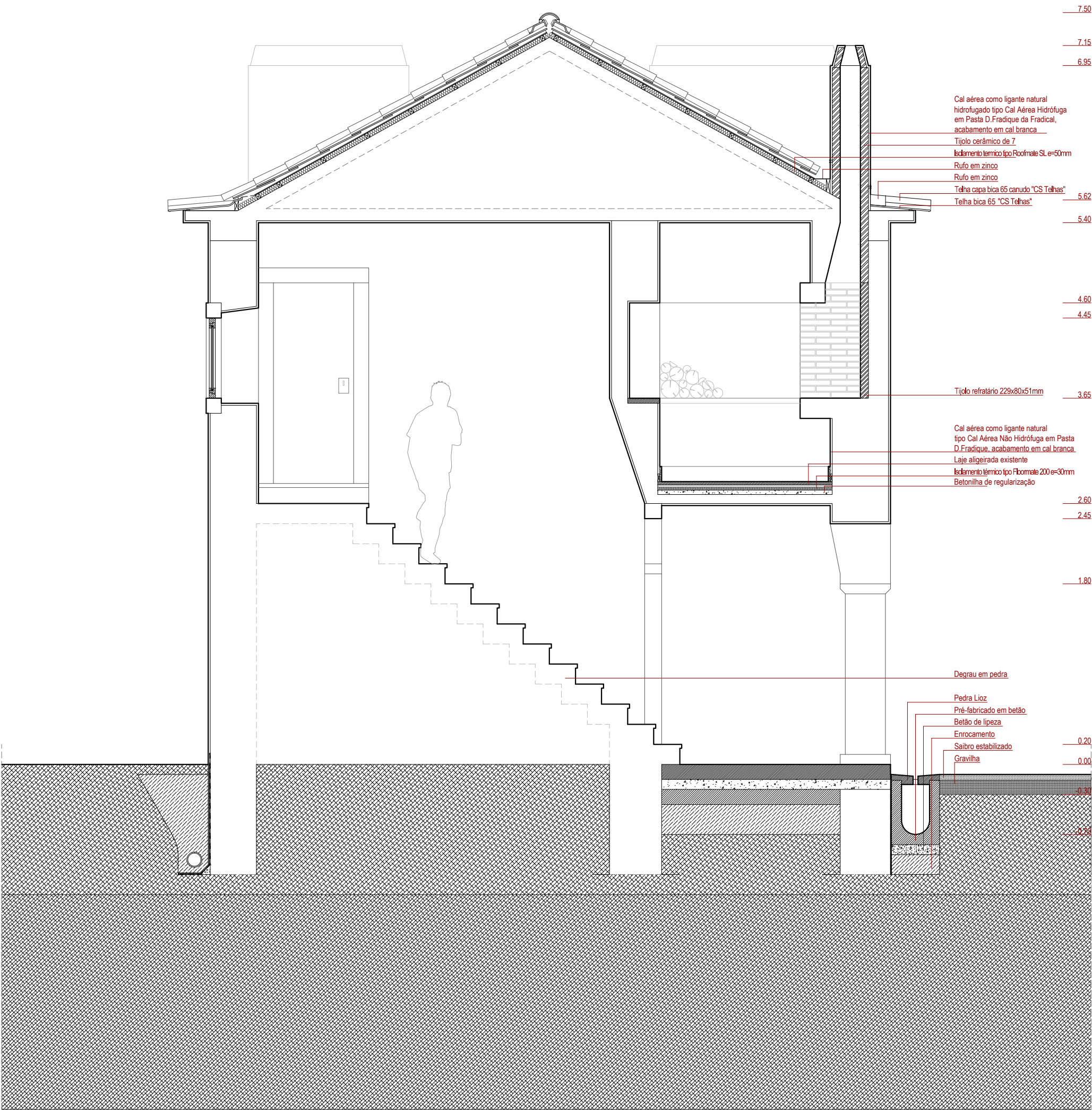
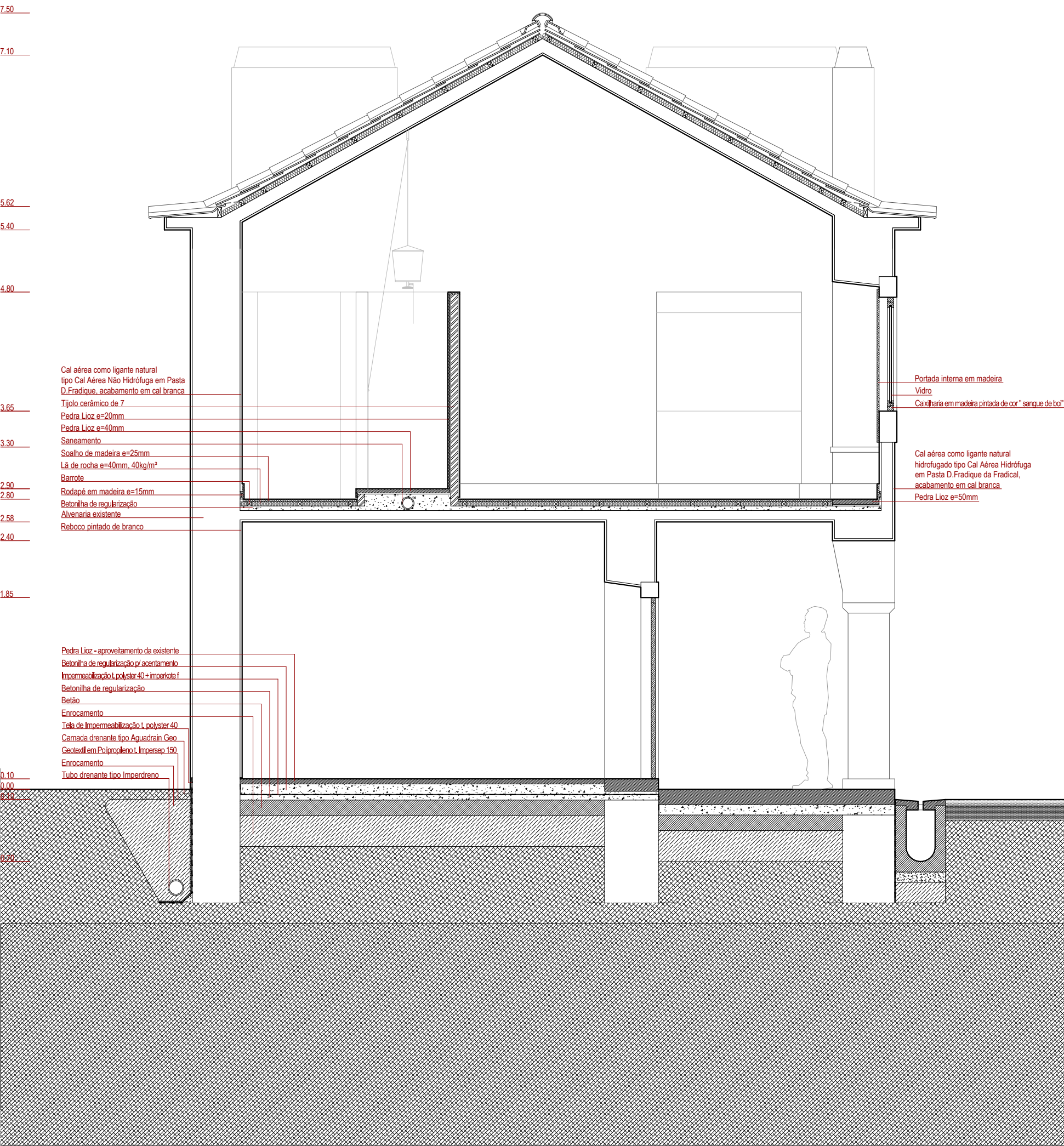
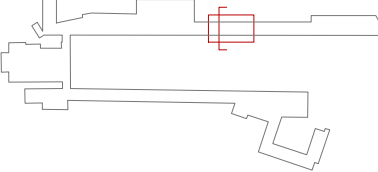




Fig. 61 Maquetes (ortofotomapa, maquete 1/200 e maquete 1/20).

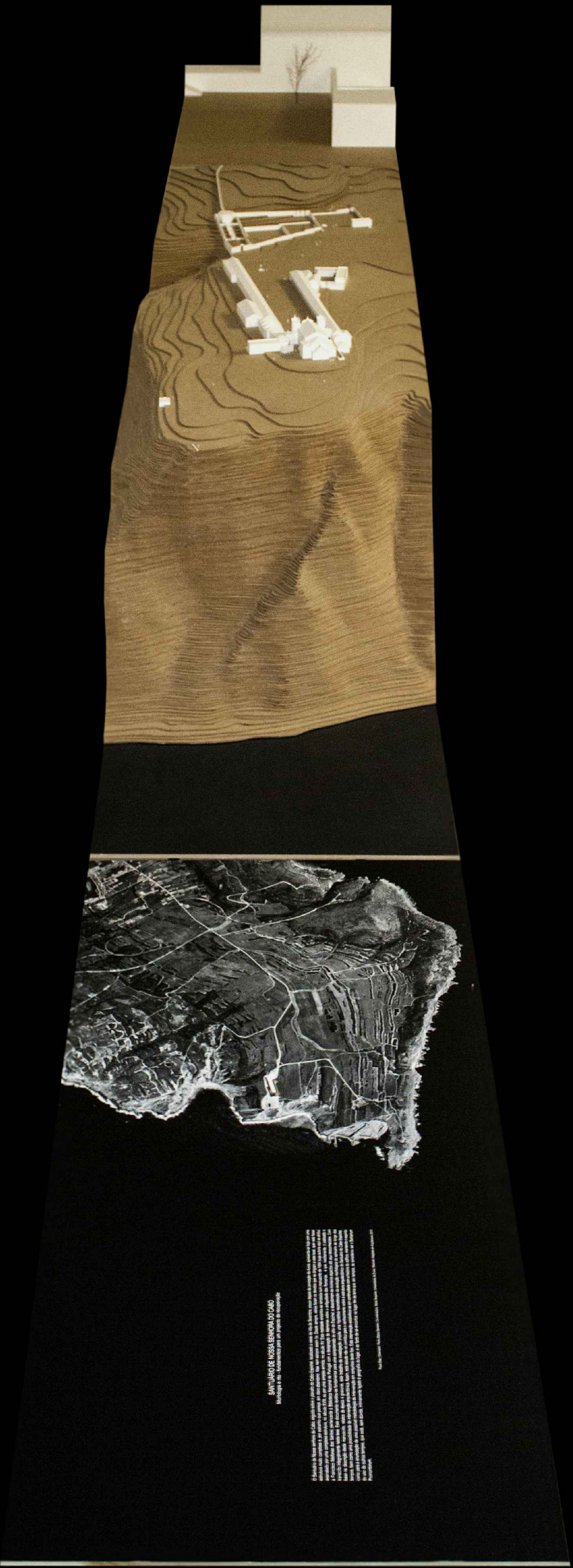


Fig. 62. Maquetes (ortofotomapa, maqueta 1/200 e maqueta 1/20).

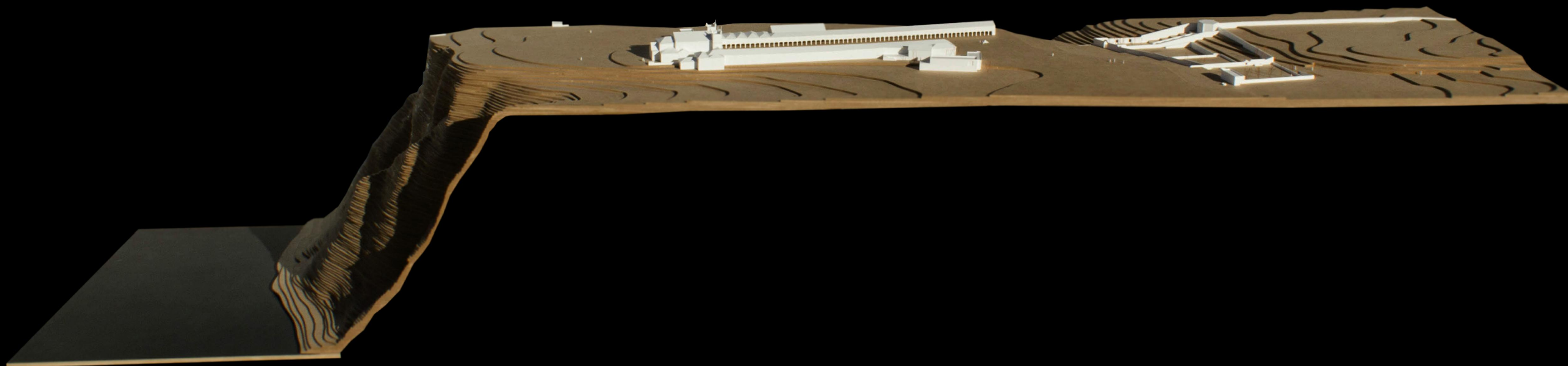
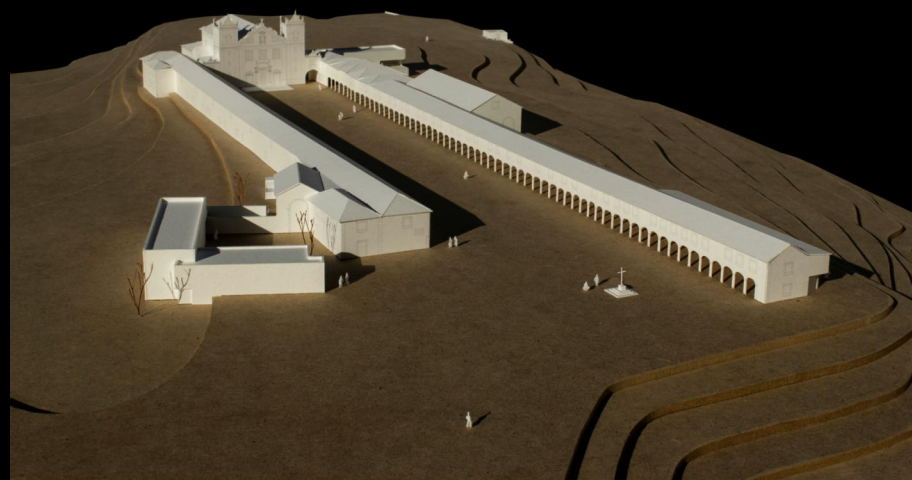
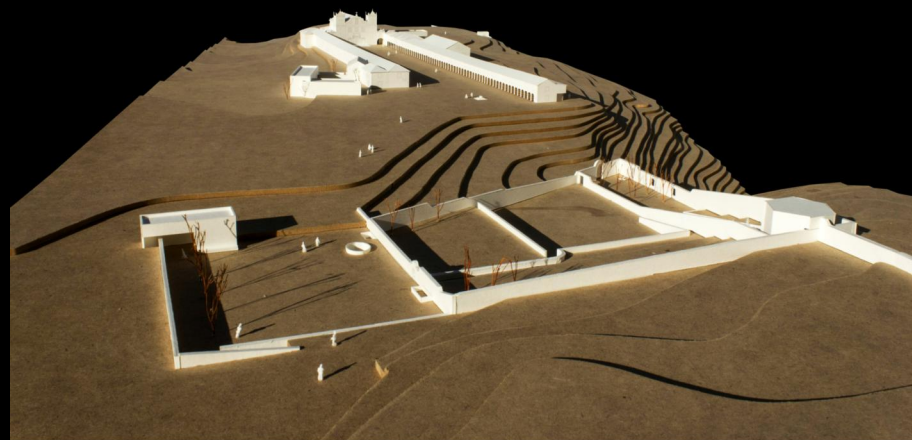
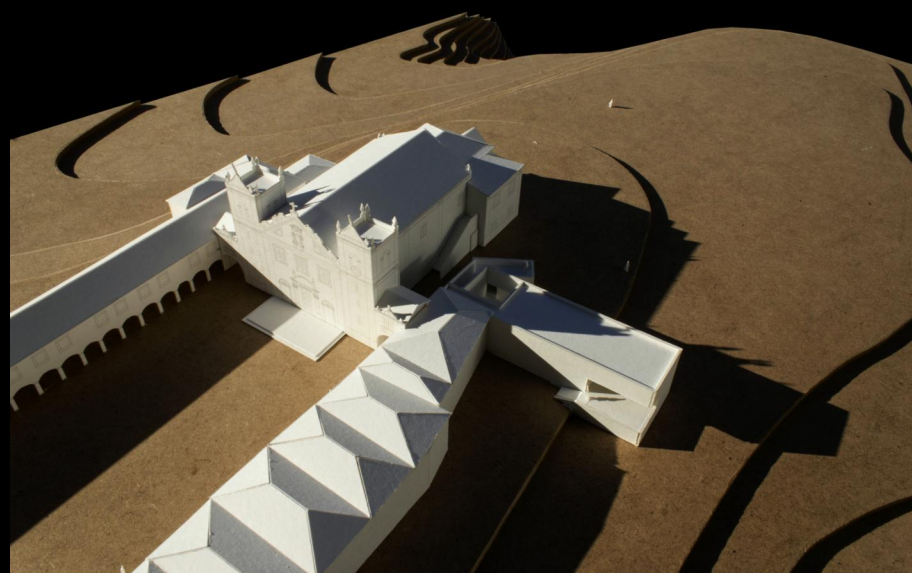
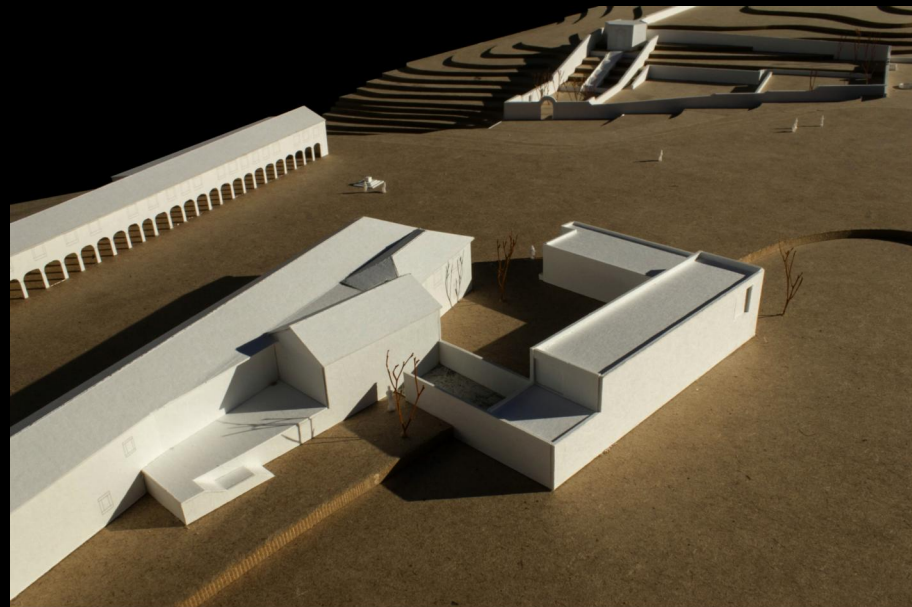
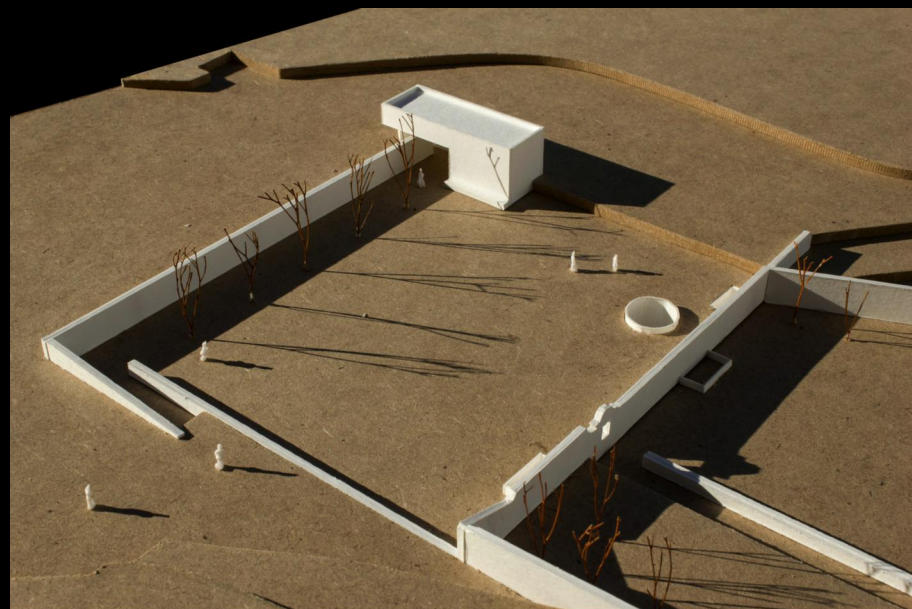


Fig. 63. Maqueta 1/200.

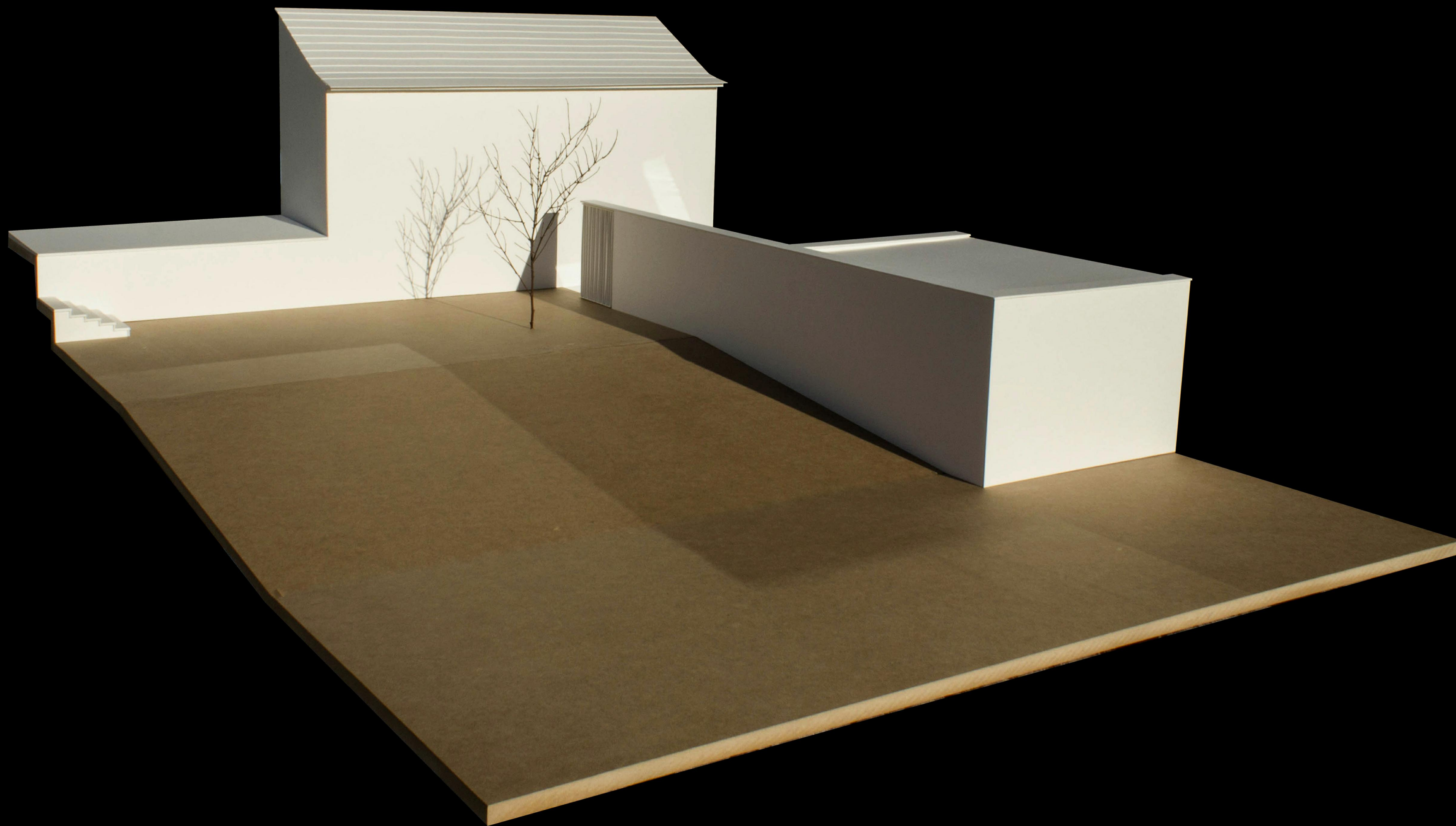


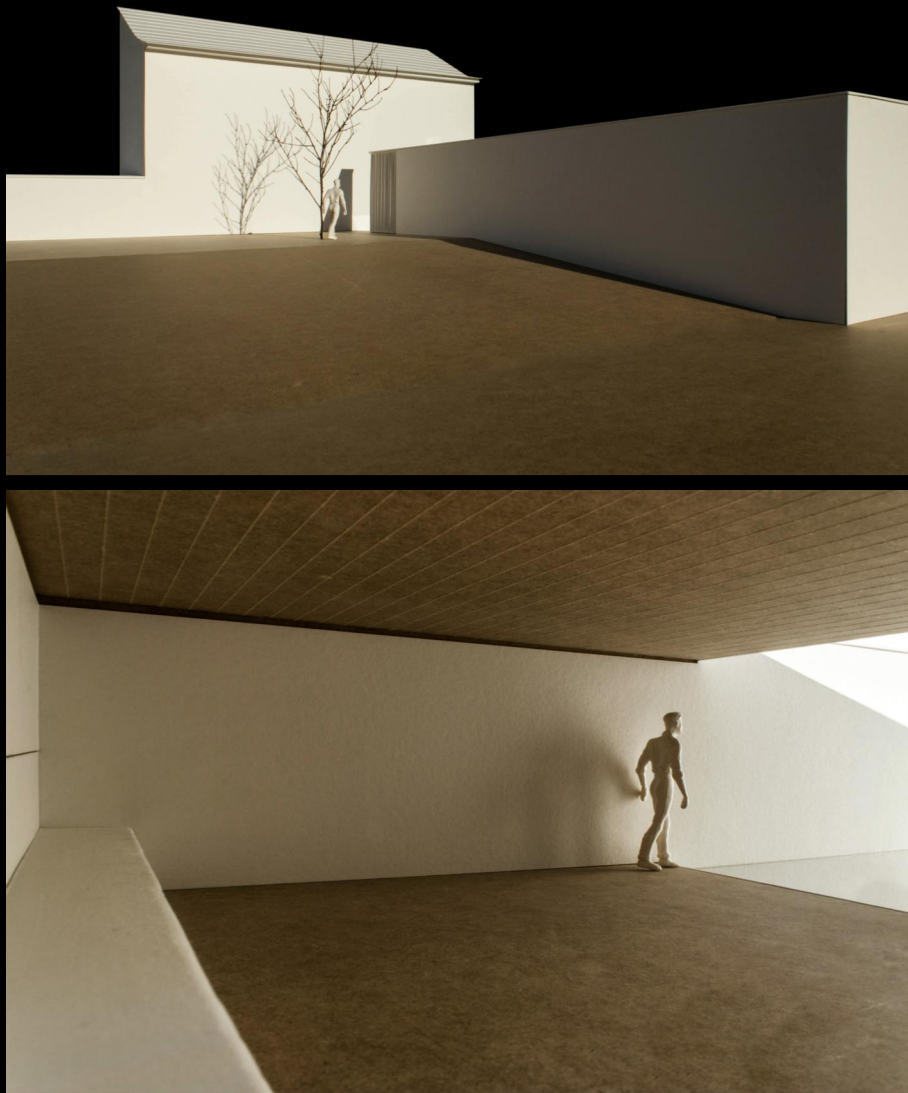
Figuras 64, 65 e 66 Maquete 1/200.



Figuras 67, 68 e 69 Maquete 1/200.







Figuras 72 e 73 Maquete 1/20.



Fig. 74 Maquete 1/20.

<p>138 1414</p> <p>«No ano de 1431. Em que se contãodo 46 annos depois da feliz acceitação de ERêi D. João 1.º = 45 annos depois da milagrosa Victoria alcançada na grande batalha de Aljubarrota = 37 annos depois de elevado o Bispo de Lisboa em Mençieiro = 30 annos depois daquelle que ERêi D. João 1.º fez da sua Cruz da Benficia aos Religiosos da Ordem de S. Domingos = 21 annos depois do Apparecimento da milagrosa Imagem de N. Senhora do Cabo / segundo a melhor tradição / e efficação da primeira Ermiida no Sítio do Cabo Espichel»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, p. 95.</p>	<p>1495</p> <p>«1495 [...] Festeja com grande esplendor a Santissima Virgem. Senhora do Cabo em a sua nova Egreja»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, p. 105.</p>	<p>1550</p> <p>«1550 [...] Festeja com grande esplendor a Santissima Virgem. Senhora do Cabo em a sua nova Egreja»</p> <p>«1550 [...] Augmentarão as Hospedarias, renovarão as antigas, e mandarão abrir o poço pequeno ao pé do 3.º Cruzeiro, que hoje está da banda de dentro do porto do da entrada ao caminho do Farol»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, pp. 105 e 112.</p>	<p>1700</p> <p>«1700 [...] Fizerão-se os reparos necessários, no Templo, e nas hospedarias, que em circulo formão hum annal quase fecho»</p> <p>«Para a parte do Pôrto, e perto desta Ermiida da Memoria, se vê ainda restos de hum antigo Forte chamado de N. Senhora do Cabo. O seu principio foi em 1672, sendo Regente desse Pôrto a Princesa D. Paulo, em vista do seu irmão ERêi D. Affonso 6.º»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, p. 120 e 64.</p>	<p>1701</p> <p>«Este magnifico Templo foi principiado em o anno de 1701, no reinado d'ERêi D. Pedro 2.º e concluido no primeiro anno do reinado d'ERêi D. João 5.º. Faz-se a Inhabitação da Senhora para o novo Templo em os dias 7, 8, e 9 de Julho de 1707 com assistência do Serenissimo Infante D. Francisco»</p> <p>«1701 [...] Neste anno se deu principio ao magnifico templo de N. Senhora do Cabo, que naquella Promontorio hoje se vê, pelos rendimentos da Casa do Infante, e a Jydelre muito a Casa Real, e tudo devido á devoção que o Serenissimo Infante D. Francisco tinha a N. Senhora»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, pp. 53 e 132.</p>	<p>1707</p> <p>«Com a edificação da nova Egreja, e nova forma do annal, se mudarão os Cruzeiros para onde hoje estão»</p> <p>Logo a seguir à alameda da Azila «está collocado o primeiro Cruzeiro» que fica pouco depois do principio o [do] encanamento da agua [...] Pouco antes do chafiz [das duas bacias] em lugar alto fica o segundo Cruzeiro, que já he principio da entrada do Sítio»</p> <p>«1707 [...] Neste anno se deu principio ao magnifico templo de N. Senhora do Cabo, que naquella Promontorio hoje se vê, pelos rendimentos da Casa do Infante, e a Jydelre muito a Casa Real, e tudo devido á devoção que o Serenissimo Infante D. Francisco tinha a N. Senhora»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, pp. 52 e 51.</p>	<p>1715</p> <p>«1715 [...] Neste anno se alinhou o Annal, na forma que hoje mostra. Forão demarchadas as antigas hospedarias, e se fizeram sobrados e loges, segundo o risco, junto do Templo, principando o Ciro de Lisboa da parte do Norte, que utilizou muito do antigo»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, p. 134.</p>	<p>1718</p> <p>«1718 [...] Neste anno se alinhou o Annal, na forma que hoje mostra. Forão demarchadas as antigas hospedarias, e se fizeram sobrados e loges, segundo o risco, junto do Templo, principando o Ciro de Lisboa da parte do Norte, que utilizou muito do antigo»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, p. 135.</p>	<p>[1744]</p> <p>«1727 [...] Finalmente, que teve principio a illuminar-se o Annal todas a routes que durasse o festejo»</p> <p>«1744 [...] este anno se fezão 2 montas de Cazas, e se comprou mais hum ao Armador João Baptista Antunes [...] Pedro Hebert, de Lisboa, mandou fazer humas casca para si, e seus parentes, e nas suas terras para os Romanos. Outro devoto, padre de Mda. de Bellem, mandou fazer outras cazas para seu comodo, e na sua azenha para os Romanos»</p> <p>«Ao lado da Egreja, e junto a hum poço [sistema] estão as cazas de sobrado e loges, que mandarão fazer à sua costa João Baptista, e Felix Torcate, e João Coelho. Nas loges destas cazas se guardão os lampões com que se alumia o annal»</p> <p>«Vivendo a parte do Sul, junto à Egreja está a casa da Fábrica do Ciro Salois, cuja porta he fronteira à da Sacristia denominada dos Salois. Esta casa corre em si ameno, e caxas, em que se guardão todos os objectos de cozinha, e mais, que egualmente se repartem pelos Festeiros das duas Freguezias, a que fiteja, e a que vem acabar, segundo o que elles podem, e sobejando, também se empresta aos Romanos [...] Adiante desta casa está a denominada dos Fregateiros, e mais Padres, que sóz vem a este Sítio de romana, he de sobrado, e tem a serventia por fora em escada de pedra. Finalmente, desta mesma parte, no principio do annal por debaixo das casas delle, está hum grande armazem [possivel capell] no qual se guarda a perfidia da Imagem de N. Senhora, que anda em jorrais, e também serve este armazem para nelle se preparar o fogo de artifício»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, pp. 136, 138, 65 e 66.</p>	<p>[1760]</p> <p>«1746 [...] Neste anno se fez mais hum sobrado e loja da parte do Sul do Annal, e por mdo de João Jorge»</p> <p>«1758 [...] Fizerão-se duas montas de cazas novas no Annal da parte do norte, o que tudo correu por conta de João Jorge»</p> <p>«1759 [...] Fizerão-se duas propriedades de cazas com os materiais que tinham ficado das outras, e o mais que foi preciso, da parte do Sul»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, pp. 140, 150 e 151.</p>	<p>[1765]</p> <p>«1755 [...] Fazer-se uma casa para a commodação da Fabrica na parte mais commodada da parte do Sul ao pé da Igreja»</p> <p>«Mais adiante está a casa da Opera, mandada fazer pelo Ciro de Lisboa. Tem humas ordens de camarões, e para elles se communicão as cazas dos Festeiros; porem os de plátas tem de vir à porta princip, que está em hum comodo descoberto e muito ventoso. Quanto à Casa [de plátas] ella he sufficientemente espacosa em largura, e fundo, e boas serventias. Teve em outro tempo o scenario, e vestiario de tal modo, que pela abundancia e diversidade se podia representar: qualquer Peça de meio caracter, e tudo em muito boa arrecadação; hoje está em abandono»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, pp. 154 e 65.</p>	<p>1770</p> <p>«1770 [...] He tambem digno de memoria a generosidade com que está grande Monarca [D. Joze] concorreu para se fazer a obra da casa de agua, de que necessitava aquelle Sítio, permitindo fazerem-se humas fontes de bacias na Juncaltes, cujo producto foi applicado para a dita obra, dando o mesmo Senhor do seu bolsinho muito miloquitos»</p> <p>«Antes de subir-se à Casa d'agua, he humas alameda, cuja entrada he hum portal de pedra lavrada, com sua porta de gradas de ferro; tem sinco ruas cobertas de amovido, e no fim duas mezas e assentos de pedra, he toda murada, e do lado do Norte tem janelas que delto para o mar. Neste ameno, e agradável sítio se entretêm humas grande parte do tempo os Romanos, onde não cessado de haver descanças, e convívios de musica, que muito comoda a alameda, e he para onde correu tudo que ha de mais brillante no annal, a heitura da sítio, o concurso de gente, a amona das vezes, tudo comoda a os Romanos a disfrutar as alicias de tão agradável local.</p> <p>No topo deste passeio se acha hum escada de pedra, com sinco lances, sendo o primeiro, e o ultimo de sete degraus, e os tres de 6. Subindo-se mais dois degraus se entra na Casa chamada da agua, toda lagada, e de feito olavada, com assentos de pedra ao redor, e fronteira à entrada da Casa se vê hum bello tanque de marmore, sendo sobre a agua da bacia de hum gruta com seis janelas, por se serventia, e por cima dos assentos ali mais parede he esta coberta de azulejo com varias pinturas. A Orla fica ao entrar da alameda da parte direita, he toda murada, e fechada com porta, cuja chave conserva o oratório, o qual dá gratuitamente tudo quanto nelle se cria, tem esta orla seus taboleiros com latadas, e ruas de loureiro, buxo, e azeite; circula toda elle elegantes de flores, e tem janelas para a parte do chafiz»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, pp. 157 e 67.</p>	<p>1794</p> <p>«1771 [...] Fazer-se humas casa nova para a Fabrica de N. Senhora, e varias obras do Annal»</p> <p>«O Farol fica em distancia de hum tom passado para o Sul. Ella foi feita no anno de 1750, para servir de guia aos Navegantes mostrandolhes os perigos daquela costa que devem acutallas»</p> <p>«1791 [...] Neste anno se mandarão fazer as casas no Annal de N. Senhora do Cabo defronte da Cruz da parte do Norte [...] as quaes se concluíram em 1794»</p> <p>O forte de Nossa Senhora do Cabo vanda em 1800 estava conservedo, mais depois o tempo, e o mar, e também o abandono, o tem desfeito de tal sorte que poucas vezes ha delle, tudo tem desabado no mar, e não he muito tempo, que ainda se vêão duas pedras, meias cravadas na rocha»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, pp. 158, 68, 167 e 65.</p>	<p>2013</p> <p>Descrição das actividades no annal em meados do século XIX: «No Annal tem havido por vezes, diversos divertimentos, não só dirigidos pelo Ciro dos Salois, mas por outros Ciros, tais tem sido: as Cavalhadas, no Ciro de Capoteiros; as Cortinas de bacia, e comedia no Ciro de Lisboa; as Danças apparatus de Canide; e outros mais, pagos pelos Festeiros dos Fregateiros, mais apolentes. Geralmente, hoje, entretém os Romanos; os Bandos, para se comprarem as prendas que hão de trazer com sigro; os Passosos à Casa d'agua, e ao Farol; os Bldos; a illumination do annal, e os de artifício, sendo tudo acompanhado de Musica de Banda Militar, o qual, logo de manhã [...] principa com o toque d'alvarada, e depois com as mais loques pelo annal, accompanha os Festeiros à Egreja, e assiste-lhes no jantar»</p> <p>[SANTOS, Francisco Mafonso dos]. - Memórias sobre a antiguidade das Romanas... - Ct. 15, p. 80.</p>	<p>[2014]</p> <p>«O abandono a que o santuário foi votado teve o seu ponto alto após o 25 de Abril de 1974, quando as hospedarias foram legalmente ocupadas por semitinerantes que se serviam das casas durante todo o ano [...] A situação já não se verifica actualmente, tendo as portas e janelas das hospedarias sido empenadas em 1996»</p> <p>PATO, Hector Baptista - Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do Rio - Ct. 4, p. 304.</p>
---	--	--	---	--	--	--	--	---	--	--	--	---	--	--

BIBLIOGRAFIA

Monografias

ARSÊNIO, José - *Cabo Espichel*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 2008.

AVIENO, Rúfo Festo - *Orla Marítima*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Agosto de 1985.

CÂCEGAS, Frei Luis de - *Da história de S. Domingo: particular do reino e conquistas de Portugal por Luiz Cacegas da mesma ordem e provincia...* 3ª ed. Lisboa: Typ. Panorama, 1866.

COSTA, Diogo Francisco da Piedade e - *A luz de Portugal: História de Nossa Senhora do Cabo* . Lisboa: 1899.

COX, Thomas; COX, Macro - *Relação do Reino de Portugal 1701* . Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007.

FONTES, Joaquim - *Aspectos populares do culto de Nossa Senhora do Cabo* . Lisboa: 1955.

GULBENKIAN, Fundação Calouste - *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel* . Lisboa: 1964.

GOMES, Padre Agostinho - *Santuário Nossa Senhora do Cabo Espichel*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra; 2009.

GRANDA, Manuel J. - *Cirio de Nossa Senhora do Cabo Espichel - Aspectos mítico-simbólicos*. São Martinho: Comissão das Festa de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2004.

GUIMARÃES, J. Ribeiro - *Summario de varia historia* . Vol. 1. Lisboa: Rolland & Semiond, 1872

HOLLIS, Edward - *La vida secreta de los edificios - Del Partenón a Las Vegas en trece histórias*. 1ª ed. Ediciones Siruela, 2012.

JORGE, Virgolino Ferreira - *Cultura e Património* . 1ª ed. Lisboa: Edições Colibri / C. M. de Portel, 2005.

LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno* . Vol.9. Lisboa: Livr. Ed. de Mattos Moreira, 1873-1890.

MADEIRA, José; ARSÊNIO, José - *Imagens de fé - Gentes do Concelho de Sesimbra* . Sesimbra: José Arsénio, 2005.

MARQUES, Luis - *O Paraíso no «fim do mundo» - O culto de Nossa Senhora do Cabo* . Lisboa: Sextante, 2007.

MARTINS, Maria Fernanda Catarino - *Roteiro monográfico dos círios a Nossa Senhora do Cabo* . Lisboa: 2007.

MUSEU NACIONAL DOS COCHES - *Museu Nacional dos Coches: Berlinda Processional*. Lisboa: Santa Maria de Belém

NUNES, Abreu - *Romaria a Nossa Senhora do Cabo* . Lisboa: Ed. Junta de Turismo de Cascais, 1952.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003.

ORLANDO, Ribeiro - *A Arrábida - Espaço Geográfico*. [S.l.] Fundação Oriente e Câmara Municipal de Sesimbra, 2004.

ORDEM DOS ARQUITECTOS - *Arquitectura Popular em Portugal* . Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.

PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim* . Lisboa: Argusnauta, 2008.

PORTOCARRERO, Gustavo - *Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna: uma visão social*. Lisboa: Colibri, 2003.

PROENÇA, António - *Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel* . Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra

RUDOFSKY, Bernard - *Architecture without architects* . New York: Museum of Modern Art, 1964.

SANTOS, Ana Isabel Palma - *O Giro de Nossa Senhora do Cabo e as Berlindas Processionais*. Lisboa: Instituto de Museus e Conservação, 2007.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; SERRÃO, Vitor - *Sesimbra Monumental e Artística*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1997.

S.TA ANNA, Frei Joseph Pereira de - *Crônica dos Carmelitas da antiga, e regular observância nestas reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios*. Lisboa: Of. Herdeiros de António Pedrozo Galram, 1745 e 1751.

VASCONCELOS, António de - *Anacephalaeoses id est, summa capita actorum Regum Lusitaniae*. Antuerpiae: apud Petrum & Ioannem Belleros, 1621.

Periódicos

JUNQUEIRA 220 - «Igreja do Cabo Espichel: recuperação de um interior», in *Munumentos*. Nº16. Lisboa: Março de 2002.

Occidente - Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro ; 3º Anno, Vol.3, N.º58 e 59. Lisboa: 1880.

MARTIN, John H. - «The Sanctuary of our Lady of the Cape», in: *Portuguese studies review*. Vol. 3, N.º 1. New Hampshire: International Conference Group on Portugal, 1993.

FREITAS, António - *Arquitectura*, «O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel». n.º 70; Lisboa: Março 1961.

Manuscritos

[SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memorias sobre a antiguidade das Romarias...* Manuscrito PBA. 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889.

Sítios da Internet

PATO, Heitor Baptista - *O Culto dos Promontórios em Portugal*. Celtibebia.net, 2007, disponível em: <http://celtiberia.net/articulo.asp?id=2938>. Acesso em 28 de Dezembro de 2012.

PEDROSA, Fernando Gomes - *A origem dos topónimos “Espichel” e “Sesimbra”*. Nautical-archaeology.com; Projecto Tratados, Nomenclaturas Náuticas e Construções Navais Europeias -Centro de Investigação e Desenvolvimento do Mar da UAL. 2011. Disponível em <http://nautical-archaeology.com>, acesso em 28 de Dezembro de 2012.

D. Filipa de Lencastre. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2013, disponível em: <http://www.infopedia.pt/\$d.-filipa-de-lencastre>. Acesso em 21 de Janeiro de 2013.

MARINHA - *Direcção de Faróis*. Direcção de faróis.marinha.pt, 2012, disponível em: http://direcção de faróis.marinha.pt/PT/historia1/Paginas/Historia.aspx>. Acesso em 1 de Março de 2013.

CRÉDITOS DE IMAGENS



Fig. 1 Nossa Senhora do Cabo, Cabo Espichel, década de 60.
Fonte: **ORDEN DOS ARQUITECTOS - Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.



Fig. 2 Promontório do Cabo Espichel, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 3 Ermida da Memória, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 4 «Carte chorographique des environs de Lisbonne», Harvard Map Collection, 1821.
Fonte: Harvard Map Collection - Digital Maps
<http://vc.lib.harvard.edu/vcdeliver/maps/011301983>



Fig. 5 Promontório do Cabo Espichel, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 6 Santuário da Nossa Senhora do Cabo, 2010.
Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Avorada_no_Cabo_Espichel.jpg



Fig. 7 Capela da Boa Nova, Leça da Palmeira, séc. XVIII.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 7 Capela do Senhor da Pedra, Miramar, séc. XVIII.
Fonte: <http://wercomfight.blogspot.pt/2011/11/capela-do-senhor-da-pedra-miramar.html>



Fig. 7 Ermida da Memória, Nazaré, 1182.
Fonte: http://porentremontesevales.blogspot.pt/2008_06_01_archive.html



Fig. 7 Cabo Carvoeiro, sem data.
Fonte: <http://cabocarvoeiro.blogspot.pt/>



Fig. 7 Capela de São Sebastião, Ericeira, séc. XVII.
Autor: Aires dos Santos.
Fonte: <http://www.trekearth.com/gallery/Europe/Portugal/South/Lisboa/Ericeira/photo1192352.htm>



Fig. 7 Nossa Senhora do Cabo, Cabo Espichel, séc. XIV.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 7 Capela Bom Jesus da Arrábida, Arrábida, séc. XVII.
Autor: Abel Simões, 2011.
Fonte: <http://culturas.sapo.pt/bom-jesus-da-arrabida-foto4590063.html>



Fig. 7 Capela de Nossa Senhora do Mar, Zambujeira do Mar, sem data.
Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA).
IPA.00009560. <http://monumentos.pt>



Fig. 7 Capela de S. Catarina, Fortaleza de Beliche, Sagres, [séc. XVII].
Fonte: http://www.javierdelucastfotografia.com/Todaslasfotos/Otros-formatos/15818283_BWPS01191056250_daP2d#f=1191056196&k=Lvp345



Fig. 7 Igreja da Nossa Senhora da Graça, Fortaleza de Sagres, Sagres, séc. XVI.
Fonte: http://www.voyagevirtuel.com/portugal/photo/sagres_815.php



Fig. 7 Capela e Forte de Nossa Senhora da Rocha, Pórtico, [séc. VIII-XIII].
Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Capela_de_Nossa_Senhora_da_Rocha.jpg



Fig. 8 "Barbarium Promontorium" - Cabo Espichel, 2012.
Autor: Mariano Silva
Fonte: <http://www.pa.univ.pt/finistera/index2.php?i=1>



Fig. 9 Mapa "Ancient Spain & Portugal, Hispania or Iberia" de 1838 em que o Cabo Espichel é apilado de Barbarium Promontorium.
Fonte: www.davidrumsey.com



Fig. 10 Ortofotomapa manipulado pelo autor.
Fonte: <http://www.bing.com/maps/>

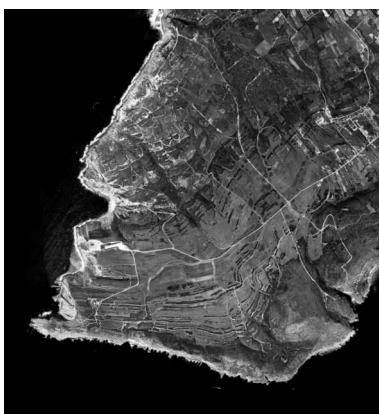


Fig. 11 Ortofotomapa manipulado pelo autor.
Fonte: <http://www.bing.com/maps/>



Fig. 12 Cabo Espichel.
Fonte: **JORGE, Filipe - Portugal visto do céu**. Argumentum, 2009.



Fig. 13 Santuário de Nossa Senhora do Cabo, década de 60.
Autor: António Ângelo do Couto
Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA).
IPA.00006165. <http://monumentos.pt>



Fig. 14 Hospedarias, década de 60.
Fonte: **ORDEN DOS ARQUITECTOS - Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.



Fig. 15 Arraial, década de 60.
Fonte: **Fundação Calouste Gulbenkian, O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel**. Lisboa, 1964.

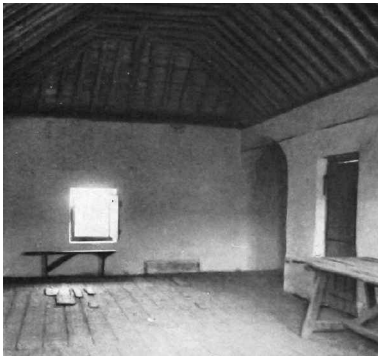


Fig. 17 Interior das Hospedarias, década de 60.
Fonte: **Fundação Calouste Gulbenkian, O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel**. Lisboa, 1964.



Fig. 18 Interior das Hospedarias, década de 60.
Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA).
IPA.00006165. <http://monumentos.pt>



Fig. 19 Interior das Hospedarias, década de 60.
Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA).
IPA.00006165. <http://monumentos.pt>



Fig. 20 Casa da Água, década de 60.
Fonte: **Fundação Calouste Gulbenkian, O Santuário da Senhora do Cabo no Espiche**. Lisboa, 1964.



Fig. 21 Vista do interior do Arraial com Casa da Água ao centro, 1958.
Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA).
IPA.00006165. <http://monumentos.pt>



Fig. 22 Complexo da Casa da Água, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 23 Ilustração do interior da Casa da Água, 1890.
Fonte: **Occidente - Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro**, 3º Anno, Vol. 3, N.º 58 e 59. Lisboa: 1890. <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>



Fig. 24 Tanque das duas bicas, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 25 Aqueduto, sem data.
Fonte: [Arquivo fotográfico de Sesimbra](#).

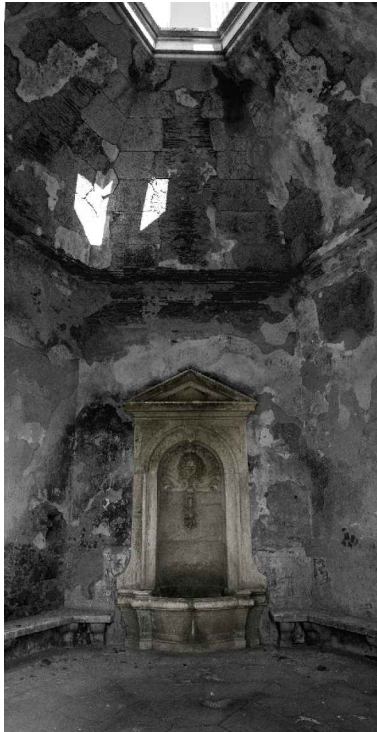


Fig. 26 Fonte rocal, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 27 Tanque das duas bicas, 2012.
Fotografia do autor, 2012.

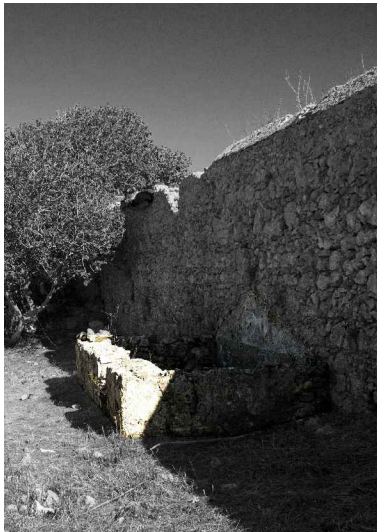


Fig. 28 Tanque para regadio, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 29 Bebedouro para animais, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 30 Poço «o grande»,
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 31 Horta, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 32 Ermida da Memória, década de 60.
Fonte: [ORDEM DOS ARQUITECTOS - Arquitectura Popular em Portugal](#). Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.



Fig. 33 Santuário rodeado por veículos, 2012.
Autor: Mariano Silva.
Fonte: <http://www.ipa.univ.pt/finisterra/index2.php?i=1>



Fig. 34 Santuário rodeado por veículos.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 35 Cabo Espichel, 2012.
Autor: Mariano Silva.
Fonte: <http://ipa.univ.pt/finisterra/index2.php>



Fig. 36 Painel azulejar no interior da Ermida da Memória.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 37 Painel azulejar no interior da Ermida da Memória.
Fotografia do autor, 2012.

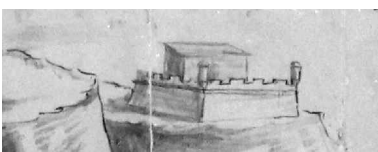


Fig. 38 Painel azulejar no interior da Ermida da Memória.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 39 Painel azulejar no interior da Ermida da Memória.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 40 Painel azulejar no interior da Ermida da Memória.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 41 Hospedarias em ruína, década de 60.
Fonte: [Sistema de Informação para o Património Arquitectónico \(SIPA\)](#). IPA.00006165. <http://monumentos.pt>



Fig. 42 Mapa «Portugal Delatado», 1561.
Autor: Fernando Álvares Seico.
Fonte: [Biblioteca Nacional de Portugal](#). <http://purl.pt>



Fig. 43 Anacephalaeoses...
Autor: António de Vasconcelos, 1621.
Fonte: <http://www.bnportugal.pt>

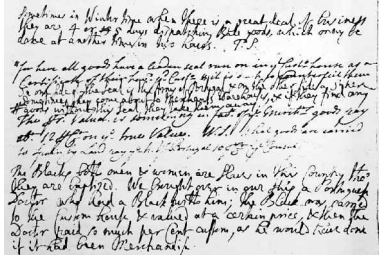


Fig. 44 Manuscrito de Thomas Cox.
Autor: Thomas Cox, 1701.
Fonte: [COX, Thomas; COX, Maco - Relação do Reino de Portugal 1701](#). Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007.



Fig. 45 Santuário Mariano de Frei Agostinho de Santa Maria.
Autor: Frei Agostinho de Santa Maria, 1707.
Fonte: <http://www.bnportugal.pt>

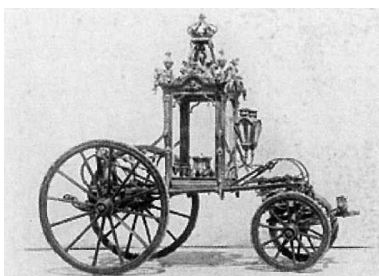


Fig. 46 Berlinda processional.
Fonte: [PATO, Heltor Baptista - Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim](#). Lisboa: Argonauta, 2008.



Fig. 47 Ilustração do conjunto do Cabo Espichel.
Fonte: [Occidente - Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro](#); 3º Ano, Vol.3, N.º58 e 59. Lisboa: 1880.

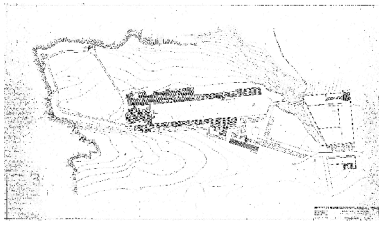


Fig. 48 Projecto de arquitectura de Francisco Keil do Amaral.
Fonte: [Sistema de Informação para o Património Arquitectónico \(SIPA\)](#). IPA.00006165. <http://monumentos.pt>

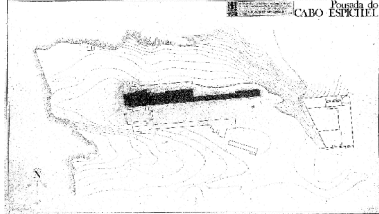


Fig. 49 Projecto de arquitectura de Ana Rosa de Freitas e de Fernando Canas.
Fonte: [Sistema de Informação para o Património Arquitectónico \(SIPA\)](#). IPA.00006165. <http://monumentos.pt>



Fig. 50 Segundo cruzeiro e Santuário, sem data.
Fonte: [Arquivo fotográfico de Sesimbra](#).



Fig. 51 Gravuras existentes no interior da Ermida da Memória.
Fotografias do autor, 2012.



Fig. 52 Trigésimas quintas colunas da ala Sul e Norte.
Fotografias do autor, 2012.



Fig. 53 Fotomontagem - Casa dos Livros e estrutura existente.
Fotomontagem do autor.



Fig. 54 Fotomontagem - Casa dos Livros (sala de livros).
Fotomontagem do autor.



Fig. 55 Fotomontagem - Casa dos livros (sala de leitura).
Fotomontagem do autor.



Fig. 56 Fotomontagem - Tanque.
Fotomontagem do autor.



Fig. 57 Fotomontagem - Casa do Fogo e estrutura existente.
Fotomontagem do autor.



Fig. 58 Fotomontagem - Passagem para o promontório.
Fotomontagem do autor.



Fig. 59 Fotomontagem - Casa do Fogo (miradouro).
Fotomontagem do autor.



Fig. 60 Fotomontagem - Acesso Casa do Fogo.
Fotomontagem do autor.

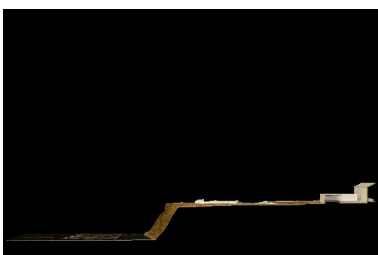


Fig. 61 Maquetes (ortofotomapa, maquete 1/200 e maquete 1/20).
Maquete do autor.



Fig. 62 Maquetes (ortofotomapa, maquete 1/200 e maquete 1/20).
Maquete do autor.



Fig. 63 Maquete 1/200.
Maquete do autor.



Fig. 64 Maquete 1/200.
Maquete do autor.



Fig. 65 Maquete 1/200.
Maquete do autor.



Fig. 66 Maquete 1/200.
Maquete do autor.



Fig. 67 Maquete 1/200.
Maquete do autor.

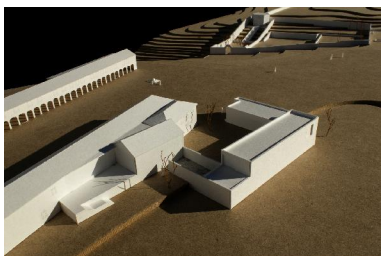


Fig. 68 Maquete 1/200.
Maquete do autor.



Fig. 69 Maquete 1/200.
Maquete do autor.



Fig. 70 Maquete 1/20.
Maquete do autor.

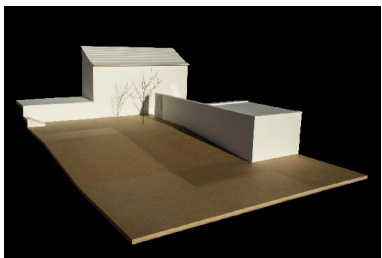


Fig. 71 Maquete 1/20.
Maquete do autor.



Fig. 72 Maquete 1/20.
Maquete do autor.



Fig. 73 Maquete 1/20.
Maquete do autor.



Fig. 74 Maquete 1/20.
Maquete do autor.



«Não existem, neste país, muitos conjuntos arquitectónicos tão acentuadamente de cá, em que a marca de uma região se imponha com aquela sóbria e sábia evidência.

Há em Portugal, é claro, edificações de outro vulto, de outra riqueza, de outra erudição estilística. Mas não são tão nossas, tão enraizadas nas realidades físicas e espirituais inerentes a uma região, à gente que nela vive e que no seu contacto diário se afeiçoou, dando-lhe feição».

Keil do Amaral in O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel